



Márcia Araújo Almeida

**“Deixa a vida me levar...” Um jeito brasileiro
de lidar com a incerteza: uma descrição de
aspectos da cultura e do comportamento
dos brasileiros como contribuição para
a área de português para estrangeiros**

Tese de Doutorado

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em
Estudos da Linguagem da PUC-Rio como requisito
parcial para obtenção do título de Doutor em
Letras/Estudos da Linguagem.

Orientadora: Profa. Rosa Marina de Brito Meyer

Rio de Janeiro

Janeiro de 2015



Márcia Araújo Almeida

**“Deixa a vida me levar...” Um jeito brasileiro
de lidar com a incerteza: uma descrição de
aspectos da cultura e do comportamento
dos brasileiros como contribuição para
a área de português para estrangeiros**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção
do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação
em Estudos da Linguagem da PUC-Rio. Aprovada pela
Comissão Examinadora abaixo assinada.

Profa. Rosa Marina de Britto Meyer

Orientadora

Departamento de Letras – PUC-Rio

Profa. Adriana Ferreira de Sousa de Albuquerque

Departamento de Letras – PUC-Rio

Profa. Teresa Cristina Meireles de Oliveira

UFRJ

Profa. Maria Teresa Gonçalves Pereira

UERJ

Prof. André Crim Valente

UERJ

Profa. Denise Berruezo Portinari

Coordenadora Setorial do Centro de Teologia
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 15 de janeiro de 2015.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem a autorização da universidade, da autora e da orientadora.

Márcia Araújo Almeida

Graduou-se em Letras (português-francês) na UERJ em 1993, especializando-se em tradução (português-francês), em 1999, na mesma instituição. Mestre e Doutora em Letras/Estudos da Linguagem pela PUC-Rio, respectivamente em 2006 e 2015, leciona português para estrangeiros nos cursos regulares, intensivos e customizados da Coordenação Central de Extensão e da Coordenação Central de Cooperação Internacional da PUC-Rio desde 2004.

Ficha Catalográfica

Almeida, Márcia Araújo

“Deixa a vida me levar...” Um jeito brasileiro de lidar com a incerteza: uma descrição de aspectos da cultura e do comportamento dos brasileiros como contribuição para a área de português para estrangeiros / Márcia Araújo Almeida ; orientadora: Rosa Marina de Brito Meyer. – 2015.

178 f. : il.(color.) ; 30 cm

Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2015.

Inclui bibliografia

1. Letras – Teses. 2. Português para estrangeiros. 3. PL2E. 4. Cultura brasileira. 5. MPB. 6. Interculturalismo. I. Meyer, Rosa Marina de Brito. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. III. Título.

CDD: 400

Agradecimentos

A Deus, minha fortaleza.

Aos meus pais, João e Marly, que me proporcionaram a oportunidade de estudar.

À minha irmã Leila, sempre presente.

A Janir, grande incentivador e companheiro.

À professora Rosa Marina, minha querida orientadora, a quem devo minha carreira como professora de português para estrangeiros e a realização desse sonho.

À Francisca Ferreira de Oliveira, pela sua inestimável ajuda nas questões da rotina acadêmica.

À PUC-Rio, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

Aos alunos e ex-alunos estrangeiros que me ajudaram com suas declarações e incentivo.

A todos os colegas e amigos, que me ajudaram e acompanharam até aqui.

Resumo

Almeida, Márcia Araújo; Meyer, Rosa Marina de Brito. **“Deixa a vida me levar...” Um jeito brasileiro de lidar com a incerteza: uma descrição de aspectos da cultura e do comportamento dos brasileiros como contribuição para a área de português para estrangeiros.** Rio de Janeiro, 2015. 178p. Tese de Doutorado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Há no Brasil um comportamento que provoca estranhamento e por vezes chega a incomodar estrangeiros e até brasileiros. Chamado neste trabalho de “deixa a vida me levar”, constitui-se como uma espécie de inércia perante a vida por parte de um ser humano capaz, que abre mão deliberadamente da responsabilidade pelo seu destino, deixando de planejar, adiando tudo para a última hora, fazendo o mínimo possível, sem capricho ou ainda quando absolutamente necessário. Com base nos estudos de Geert Hofstede e Richard Lewis sobre as culturas nacionais, desenvolve-se aqui, por meio da análise de letras de samba, pagode e rock, uma investigação sobre como o Brasil, “o país do futuro”, convive com um comportamento tão avesso ao progresso e se o “deixa a vida me levar” é compartilhado por todos os brasileiros e em que medida. Constata-se a existência de dois Brasis opostos neste comportamento, denominados aqui como “Brasil deixa a vida me levar” e “Brasil meu destino eu faço”, e ainda um subgrupo deste último, o “Brasil custa caro demais eu fazer o meu destino”. Acreditamos que o resultado dessa pesquisa interessa tanto aos brasileiros, como forma de autoconhecimento e reciclagem, quanto aos estrangeiros e aprendizes de português como segunda língua estrangeira. Estes precisam desenvolver sua competência intercultural para interagir satisfatoriamente com os falantes nativos dessa língua, sobretudo quando em ambiente de imersão na cultura local onde é falada.

Palavras-chave

Português para estrangeiros; PL2E; cultura brasileira; MPB; interculturalismo.

Abstract

Almeida, Márcia Araújo; Meyer, Rosa Marina de Brito (Advisor). **“Deixa a vida me levar...” Um jeito brasileiro de lidar com a incerteza: uma descrição de aspectos da cultura e do comportamento dos brasileiros como contribuição para a área de português para estrangeiros.** Rio de Janeiro, 2015. 178p. Doctoral Thesis – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

There is in Brazil a pervasive behavior that tends to disturb foreigners and Brazilians alike. This behavior, henceforth in this work referred to as “let life take me,” could be described as a feeling of not wanting to move or do anything, an inertia that characterizes the human being that deliberately decides to postpone everything in his life, to take no responsibility, to do no planning, to do only the essential at the last minute. Based on the studies of Geert Hofstede and Richard Lewis on national cultures, the purpose of this work - from the perspective of samba, pagode, and rock lyrics - is to investigate Brazil, “the country’s future,” and its relation to such behavior which is fully opposed to the concept of development and progress, as well as evaluating how deeply this way of life - “let life take me” - is shared among the Brazilian people. There are two opposed groups in Brazil related to this behavior, in this work referred to as “Brazil let life take me” and “Brazil I decide my destiny”, and a subgroup of the latter, the “Brazil to decide my destiny is too expensive”. We believe that the result of this research is important for the Brazilian people - as an instrument of self-awareness and change -- as well as for the learners of Portuguese as a second language. These learners, in recognizing this trait of Brazilian behavior, will develop their cultural competence to be able to interact satisfactorily with the natives, especially when they are immersed in the Brazilian culture.

Keywords

Portuguese for foreigners; PL2E; brazilian culture; MPB; Interculturalism.

Escorregando daqui e dali

Malandreando eu vim e venci!

Arlindo Cruz

Sumário

1. Introdução	11
1.1 Hipótese	13
1.2 Objetivo	14
1.3 Relevância	15
2. Pressupostos teóricos	21
2.1 A noção de cultura	21
2.1.1 Cultura objetiva e cultura subjetiva	24
2.1.2 Cultura de alto contexto e cultura de baixo contexto	26
2.2 Interculturalismo	28
2.3 Cultura e culturas nacionais	30
2.4 Os modelos metodológicos de análise das culturas nacionais	31
2.4.1 O modelo tipológico de Lewis	31
2.4.2 Hofstede e seu modelo dimensional	35
2.4.3 Complementaridade e relevância de ambos os modelos para a pesquisa	40
2.5 Classe social e cultura de classe	42
2.6 A casa e a rua de Da Matta	44
2.6.1 A aversão do brasileiro à rua e seu apego à casa	44
2.6.2 A festa, o carnaval, o samba, a casa, o lazer e o prazer	46
2.6.3 O malandro como um representante do deixa a vida me levar	48
2.6.4 A felicidade mora no futuro, ou no céu	48
2.7 Dois gêneros musicais brasileiros	49

2.7.1 Samba e pagode	49
2.7.2 Rock nacional	51
3 Metodologia	53
3.2 Evitação de incerteza e o índice de evitação de incerteza (UAI), de Hofstede	55
3.3 Orientação de longo prazo (LTO) segundo Hofstede	57
3.4 Indulgência versus restrição (IVR) segundo Hofstede	58
4 Análise de dados	60
4.2 Músicas representativas do Brasil deixa a vida me levar (grupo DVL) e sua análise segundo o método dimensional de Hofstede	61
4.2.1 “Deixa a vida me levar” (composição: Eri do Cais e Serginho Meriti; intérprete: Zeca Pagodinho)	61
4.2.2 “Devagar, devagarinho” (composição: Eraldo Divagar; intérprete: Martinho da Vila)	64
4.2.3 “Vou deixar para amanhã” (composição: João Nogueira, Maurício Tapajós e Aldir Blanc; intérprete: Beth Carvalho)	67
4.3 Músicas representativas do Brasil meu destino eu faço (grupo MDF) e sua análise segundo o modelo dimensional de Hofstede	68
4.3.1 “O tempo não para” (composição: Ashman, Arnaldo Brandão e Cazuza; intérprete: Cazuza)	69
4.3.2 “Até quando esperar” (composição: Joel Gutje, Philippe Seabra e André X; intérprete: Plebe Rude)	71
4.3.3 “Inútil” (composição: Roger; intérprete: Ultraje a Rigor)	73
4.4 Músicas representativas do Brasil custa caro demais eu fazer o meu destino (CCD, subdivisão do grupo MDF) e sua análise segundo o modelo dimensional de Hofstede	75
4.4.1 “Epitáfio” (composição: Sérgio Brito; intérprete: Titãs)	76
4.4.2 “O fácil é o certo” (composição: Titãs; intérprete: Titãs)	78

4.4.3 “Só por hoje” (composição: Dado Villa Lobos e Renato Russo; intérprete: Legião Urbana)	79
4.4 Acordes finais	81
5 Conclusão	84
6 Referências bibliográficas	89
Anexos	92
Anexo 1: Canções do gênero samba	92
Anexo 2: Canções do gênero rock	120
Anexo 3: Quadro classificatório das letras das músicas que compõem o corpus de acordo com os perfis DVL, MDF e CCD	177

1

Introdução

Há no Brasil um comportamento que incomoda estrangeiros e até brasileiros. Trata-se de uma espécie de inércia perante a vida, que resulta em desorganização e ineficiência generalizadas, e que, entre outras consequências, pode constituir-se em obstáculo ao progresso.

Chamado neste trabalho de “deixa a vida me levar”, expressa-se como um comportamento em que um ser humano capaz abre mão deliberadamente da responsabilidade pelo seu destino. Caracteriza-se por hábitos como o de não planejar, de deixar tudo para a última hora ou adiar algo ao infinito, de fazer sempre o mínimo possível, vagarosamente, às vezes de má vontade, sem preocupação com qualidade, ou ainda somente quando absolutamente necessário.

O “deixa a vida me levar” tem se mostrado bastante popular no Brasil. Não raro exaltado em letras de samba e mesmo em editoriais e matérias de revistas que tratam de temas como bem estar e bem viver, parece também encontrar argumento em filosofias de encadeamento popular como “devagar se vai longe”, “vale mais quem Deus ajuda do que o que cedo madruga”, “para se ter vida longa é preciso viver devagar”, “Devagar! Quem mais corre, mais tropeça!”, entre outros.

Assim, diante desse cenário, indaga-se: como e por que o Brasil, “o país do futuro”, convive com um comportamento muitas vezes tão avesso às palavras ordem e progresso, estampadas em seu símbolo, a bandeira nacional? Residiria nessa conduta um dos maiores entraves ao desenvolvimento da nação?

O “deixa a vida me levar” é um comportamento comum a todos os brasileiros? Todos são assim de alguma forma, ainda que em graus variados? Ou isso depende de fatores como educação, religião, camada social etc.?

A resposta a tais questões interessa tanto aos brasileiros, como forma de autoconhecimento, para fins de aprimoramento, quanto aos estrangeiros e aprendizes de português como segunda língua estrangeira. Estes precisam desenvolver sua competência intercultural para interagir satisfatoriamente com os falantes nativos do português do Brasil, sobretudo quando em ambiente de imersão na cultura local.

Tal necessidade surge da conscientização de que determinados comportamentos e padrões culturais que possam parecer óbvios e naturais para os brasileiros falantes de português como língua materna, imersos desde pequenos na cultura brasileira, não sejam assim entendidos pelos falantes desse idioma como segunda língua ou como língua estrangeira, imersos em outra cultura.

Posto que as pessoas que precisam viver em outros países e têm contato com outras culturas passam por diversas fases – euforia (fase curta), choque cultural, aculturação e estabilidade – até a adaptação bicultural, o “naturalizar-se”, verifica-se a urgência do desenvolvimento de uma habilidade que permita que tal adaptação seja completa (BENNETT, 2008: 97).

Ao indivíduo estrangeiro candidato a essa adaptação é indispensável não somente se adaptar aos costumes, aos valores e ao modo de vida da nova cultura, como também ser capaz de agir, pensar e, sobretudo, interagir como seus integrantes.

Um conjunto de habilidades cognitivas, afetivas e comportamentais que dão suporte à interação efetiva e apropriada numa variedade de contextos culturais – o que se entende por competência intercultural (BENNETT, 2008: 97) - faz-se, então, necessário para que isso seja possível de forma satisfatória.

É nesse sentido que os estudos interculturalistas apresentam sua fundamental contribuição, uma vez que estudam o entrecruzamento de culturas e descrevem, por exemplo, como a língua é afetada pelo comportamento não verbal, como os padrões culturais de pensamento são expressos em um estilo de comunicação particular a cada cultura e como a realidade é enfocada, moldada por valores inerentes a cada cultura.

As descrições, bem como os atlas culturais¹ resultantes dos estudos interculturalistas, são imprescindíveis para que os indivíduos possam ter um conhecimento isento - não etnocêntrico - não só de sua própria cultura, como também da cultura daqueles com quem precisam interagir, e, assim, minimizem ou mesmo neutralizem os estranhamentos que costumam ocorrer nas interações entre culturas diferentes.

¹ Atlas cultural é entendido aqui como conjunto de mapas culturais, que localizam as diversas culturas no mundo.

Quanto mais se souber a respeito da própria cultura e da cultura do outro, maiores são as chances de as interações serem bem sucedidas. É preciso conhecer, entender e aceitar as diferenças para que as interações entre culturas diferentes sejam de fato produtivas e satisfatórias.

Quando um aprendiz do português como segunda língua estranhar o que neste trabalho denominamos “deixa a vida me levar”, precisa procurar conhecer os aspectos identitários culturais e os elementos históricos, a percepção de mundo e o modo de enxergar a vida que permitiram que esse comportamento pudesse existir. Necessita compreender que não se trata de um defeito de conduta inaceitável com o qual não se pode lidar, como poderia ser considerado em culturas de outras línguas, inclusive, possivelmente, na dele próprio. É mister que analise, compreenda, aceite e, sobretudo, aprenda a navegar socialmente de acordo com esse novo parâmetro quando se fizer necessário, bem como que possa identificar quando ele é válido. É preciso adquirir competência intercultural.

Quanto aos brasileiros que apresentam esse comportamento, o “deixa a vida me levar”, para que possam interagir melhor com os estrangeiros e com os outros brasileiros que não o manifestam, devem procurar do mesmo modo analisá-los, compreendê-los e aceitá-los. Precisam aprender a interagir com esses diferentes quando necessário, ou seja, da mesma forma, desenvolver competência intercultural.

Assim, o incômodo mencionado no parágrafo introdutório deste trabalho poderia deixar de existir e permitiria o diálogo produtivo entre os diferentes em questão.

1.1 Hipótese

Em busca de respostas para as questões levantadas na introdução, este trabalho considera a hipótese da existência de dois Brasis em termos de comportamento do brasileiro em relação à vida e ao futuro:

- O Brasil meu destino eu faço - grupo geralmente percebido como de melhor nível socioeconômico. Seriam pessoas que planejavam suas vidas, valorizariam o tempo (tempo é dinheiro e oportunidade

para se desenvolver, crescer, melhorar), e que reagiriam, com frequência, ao que se opõe a isso;

- O Brasil deixa a vida me levar – grupo geralmente percebido como com predominância dos menos favorecidos socioeconomicamente. Seriam pessoas que tenderiam a não se questionar, a não planejar, despreocupadas com o tempo, como se este fosse um recurso infinito (em cuja filosofia de vida encontram-se ditos populares como “cada coisa vem no seu tempo, não adianta se apressar”, “o que é do homem o bicho não come”, “o que tiver que ser será”). Para uns, Deus seria o padrinho; para outros, a sorte seria a madrinha. Seriam os arautos da lei do menor esforço;

Por questão de praticidade, doravante este trabalho passará a utilizar as seguintes siglas para denominar ora os dois Brasis hipotéticos, ora seus respectivos comportamentos: MDF para o Brasil meu destino eu faço e DVL para o Brasil deixa a vida me levar.

1.2 Objetivo

O objetivo deste trabalho é estabelecer parâmetros entre o comportamento DVL e o seu oposto, o MDF, num conjunto definido de letras de músicas do cancionário popular brasileiro, listando as características inerentes a cada um deles e criando uma taxonomia específica para sua descrição. Tais parâmetros concorrerão para confirmar se as hipóteses formuladas no item anterior são verdadeiras.

Dessa forma, acreditamos poder oferecer uma contribuição à descrição dos aspectos culturais brasileiros para aprendizes de português como segunda língua para estrangeiros (PL2E) e demais interessados na cultura brasileira, possibilitando, por exemplo, a produção de um material teórico e didático sobre os comportamentos DVL e MDF.

1.3 Relevância

Além da língua, integrante do que chamamos cultura objetiva (artes, música, literatura etc), deve-se ensinar ao aprendiz de PL2E, sobretudo, o que denominamos cultura subjetiva (valores morais, visão de mundo etc), conforme item 2.1.1 deste trabalho. Isso lhe permitirá aprender a ler nossos comportamentos e assim adquirir competência intercultural que possibilite uma interação satisfatória em nossa cultura.

Assim, considerando-se que o DVL seja uma manifestação de comportamento de expressiva parcela da população brasileira, é pertinente que seja explicado e descrito para os estrangeiros aprendizes de PL2E.

Na maioria das vezes, esse comportamento ora choca, ora incomoda os estrangeiros que precisam, por exemplo, viver no Brasil. Não só aqueles oriundos de países tidos como extremamente organizados e planejados, para os quais tempo é dinheiro, como também os de países latinos da própria América do Sul, com toda a sua semelhança com o Brasil.

Quem não apresenta tal comportamento não costuma entender, por exemplo, por que tudo no Brasil parece caminhar tão devagar, por que as pessoas parecem desperdiçar tanto tempo, adiar ações que poderiam proporcionar uma mudança para melhor. Geralmente, têm dificuldade para entender também o comportamento aparentemente passivo, uma percebida falta de atitude, diante de situações que afetam a vida de todos e que pode soar como falta de respeito ou de compromisso com o tempo do outro.

Frequentemente, em seu dia a dia, brasileiros e estrangeiros vivenciam situações incômodas, que parecem ter ligação estreita com o DVL, desencadeadas pela morosidade na justiça, no comércio, nos atendimentos em geral, nos setores públicos e privados, causando atrasos que costumam gerar problemas de toda sorte.

Em não raras ocasiões, no Brasil, parece que se espera acontecer o pior para depois se tomarem providências, na contramão da filosofia MDF, contida no dito popular “Melhor prevenir do que remediar”, sobretudo porque, quando não se age a tempo, frequentemente não há remédio ou já é tarde demais. Será verdade? Até que ponto? Será que estamos diante de um comportamento crônico?

Perguntas frequentes dentro e fora da sala de aula de PL2E são: “Por que aqui tudo é tão devagar?”, “Se as pessoas não estão satisfeitas com determinada situação, por que não a mudam ou pelo menos não tentam mudá-la?” “Por que as coisas não funcionam?” Os da América Latina chegam a acrescentar: “nós temos problemas parecidos com os de vocês, temos a corrupção, os problemas sociais, mas não somos assim.”

Dessa forma, o DVL concorre para que os estrangeiros, por vezes, construam uma imagem razoavelmente negativa a nosso respeito no que se refere à dinâmica de nossa maneira de ser em todos os campos da vida social e profissional, e acreditem que tal comportamento é inerente a todo brasileiro.

A recente declaração do suíço Joseph Blatter, presidente da FIFA, ao jornal suíço *24 Heures*, sobre os atrasos brasileiros por ocasião da Copa do Mundo de 2014, é uma amostra do que costuma construir essa imagem negativa de lentidão e ineficiência, provavelmente percebida apenas como um estereótipo desatualizado pelos que a refutam.

“O Brasil acabou de se dar conta que começou tarde demais. É o país com mais atrasos desde que estou na Fifa e foi o que teve mais tempo, sete anos, para se preparar.” (Joseph Blatter, Jornal 24 Heures, 4 de janeiro de 2014)²

Já Olivier Teboul, engenheiro de computação do *Google* em Belo Horizonte, conhecido pelo artigo “Curiosidades brasileiras”, publicado em seu blog em 9 de abril de 2013, descreve em seu português não muito católico:

“Aqui no Brasil, a vida vai devagar. É normal estar preso no trânsito o dia todo. Mas não durma no semáforo não. Ai tem que ser rápido e sair até antes do semáforo passar no verde. Não depende se tiver muitas pessoas atrás, nem se estiverem atrasados. Também é normal ficar 10 minutos na fila do supermercado embora que tenha só uma pessoa na sua frente. Ai demora para passar os artigos, e muitas vezes a pessoa da caixa tem que digitar os códigos de barra na mão ou pedir ajuda para outro funcionário para achar o preço de um artigo.” (<http://olivierdobrasil.blogspot.com.br/>)

Recentemente, num fórum do Gringoes.com, um americano, casado com uma brasileira e que morou por três anos no Brasil, postou uma lista de motivos pelos quais odiou morar no país, dentre os quais, os seguintes:

² No original, em francês: Le Brésil vient de prendre conscience de ce que c'est, il a commencé beaucoup trop tard. C'est le pays le plus en retard depuis que je suis à la FIFA, et pourtant c'est le seul qui avait autant de temps – sept ans – pour se préparer.

“Raramente as coisas são feitas corretamente da primeira vez. Você tem que voltar para o banco, consulado, escritório, mandar email ou telefonar de duas a dez vezes para as pessoas fazerem o seu trabalho.”³(...) Os brasileiros, especialmente na área de serviços, geralmente são preguiçosos, não confiáveis e quase sempre se atrasam.”⁴(...) Os brasileiros tornam tudo inconveniente e difícil. Não levam em consideração a conveniência do cliente e possuem um surpreendente nível de tolerância para com a desnecessária e redundante burocracia.”⁵(...) Os brasileiros amam estar no seu caminho. Eles não dão espaço para você passar.”⁶
http://www.gringoes.com/forum/forum_posts.asp?TID=17615)

Quanto ao último comentário do americano, certa vez, numa turma de português para estrangeiros da PUC-Rio, uma aluna alemã também já havia se referido a esse hábito, segundo ela, muito comum aos brasileiros. Na ocasião, ela chegou a dizer que os brasileiros não se preocupam em respeitar quem tem um ritmo mais rápido ou tem pressa.

No mesmo contexto de sala de aula, não são raros comentários como “no Brasil, é tudo muito devagar, as pessoas são devagar (...), é preciso muita paciência!” - feito por uma turca, aluna de uma universidade alemã -, ou “os brasileiros não resolvem seus problemas, eles estão sempre adiando tudo...” -, feito por um aluno norueguês, que trabalha no Brasil na área de petróleo e gás, ou ainda “os brasileiros reclamam de tudo, de sua situação, dos políticos, dos preços, mas não fazem nada para mudar essa situação. Eles reclamam, mas aceitam. Fazem manifestações, mas não passam disso” - feito por um aluno australiano que mora há mais de dez anos no Brasil, empresário, e assíduo leitor de nossos jornais e revistas de grande circulação.

“No Brasil, os brasileiros se encontram cinco vezes para não resolver nada e qualquer nova funcionalidade leva um tempão para ser implementada” - diz um

³ No original, em inglês: Rarely do things get done properly the first time. You have to go back to the bank, the consulate, the office, email or telephone 2-10 times to get people to do their job.

⁴ No original, em inglês: Brazilians, especially people who perform services, are usually unreliable, lazy and almost Always late.

⁵ No original, em inglês: Brazilians make everything inconvenient and difficult. Nothing is streamlined or designed with the customer's convenience in mind, and Brazilians have a high tolerance for astounding levels of unnecessary and redundant bureaucracy.

⁶ No original, em inglês: Brazilians LOVE to stand right in your way. Favorite hangouts include: the top of the escalator/stairs, doorways or simply coming to an abrupt, dead stop in the middle of a busy sidewalk.

ex-aluno alemão que trabalha na área de TI (tecnologia da informação), no Rio de Janeiro. “No Brasil, tudo demora muito mais do que o necessário. O processo de pegar um carro alugado, por exemplo, levou cerca de uma hora e numa cidadezinha, Trindade, esperei uma hora e meia para ser servido o almoço” – conta uma ex-aluna americana. “No Brasil, os caixas do mercado, mesmo que tenham filas enormes e que seja uma hora muito movimentada, quando todo mundo está comprando, por exemplo, na época de Natal, os funcionários atendem sempre devagar: não conhecem os códigos do produto, conversam com os colegas, fazem piadas, levantam para perguntar não se sabe o quê ao chefe... Ou seja, todo usuário do mercado tem que ter uma paciência de santo para comprar” – diz uma ex-aluna mexicana, moradora do Rio de Janeiro há quatro anos. “Não é possível que uma pessoa tenha que esperar até duas horas para se consultar com um médico, por exemplo, quando marcou uma consulta (...) Fico surpresa como é fácil inventar uma desculpa para justificar a impontualidade, inclusive chegam a enterrar duas ou três vezes um mesmo familiar para isso (...) às vezes acho até engraçado, porém não vou desculpá-los porque acho falta de respeito deixar esperando uma pessoa que pode ter coisas importantes para fazer” – diz uma ex-aluna colombiana que reside no Rio de Janeiro há dois anos. “Aqui, no dia do meu casamento, marquei com o profissional do salão de beleza de Ipanema na minha casa às sete horas da manhã, mas ele não apareceu ou deu satisfação nem às nove. Liguei para o salão e marquei um penteado às dez e meia e mesmo com hora marcada tive que esperar por quarenta minutos até eles acharem um profissional para mim!!! Para que, então, agendar? Finalmente fui atendida por uma profissional pouco experiente e que definitivamente não conseguiu fazer um bom trabalho. Já chorando, atrasada, muito nervosa, resolvi tentar mais uma vez com o gerente do salão, super profissional, que me persuadiu a ficar e prometeu fazer tudo em quinze minutos. E fez!!! Com a ajuda de outras três pessoas!!! Ninguém pode imaginar o nervoso que foi, meu noivo esperando e tudo mais. Chegamos ao cartório nos últimos minutos... Sei que nesse dia especial sempre acontecem coisas diferentes, mas uma história dessas nunca poderia ocorrer na Rússia ou nos Estados Unidos, por exemplo” – conta uma ex-aluna russa, casada com um russo que trabalha no Brasil há dois anos.

A despeito da atual favorável conjuntura econômica mundial para o Brasil, tal visão negativa pode acarretar, por exemplo, prejuízos para o desenvolvimento

do país na medida em que a leitura frequentemente generalizante do DVL pelos estrangeiros possa implicar desistências de negócios e investimentos no território nacional.

Essa leitura equivocada costuma gerar uma atmosfera de desconfiança e dúvida quanto à capacidade e eficiência de um país que possa muitas vezes ser conhecido por funcionar apenas na última hora e com o jeitinho brasileiro, o que nem sempre é entendido como algo positivo.

Em entrevista à revista S/A, o francês Dominique Turpin, presidente de uma das mais renomadas escolas de negócios do mundo, o IMD, deixa transparecer em sua opinião sobre os brasileiros um pouco dessa desconfiança:

“Os brasileiros são um pouco ... não quero dizer lentos, mas não estão prontos para a competição global.” (Revista Você S/A, edição 157, p.2)

Em artigo recente sobre a economia brasileira intitulado “A soneca de cinquenta anos” e ilustrado pela imagem de um homem de chapéu com a bandeira do Brasil deitado em sua rede numa praia paradisíaca, a publicação britânica *The Economist* afirma que “os trabalhadores brasileiros são gloriosamente improdutivos e que, para a economia crescer, eles precisam acordar do seu longo repouso”⁷. Na ocasião, é citado o caso de um americano com três anos de Brasil, que deixou para trás sua empresa de fast-food em Nova Iorque para se estabelecer no país. Ele reclama: “no momento em que você coloca os pés no Brasil, você já começa a perder tempo”⁸ (<http://www.economist.com/news/americas/21600983-brazilian-workers-are-gloriously-unproductive-economy-grow-they-must-snap-out>).

Outro exemplo emblemático dessa percepção ou leitura equivocada teria ensejado a frase que entrou para a história como de autoria de Charles de Gaulle sobre nosso país: “O Brasil não é um país sério”.

Contudo, há alguns estrangeiros que conseguem pôr esse DVL do brasileiro numa balança com seu contrapeso positivo, como é o caso do alemão Hannes Winkler. Engenheiro e consultor de logística, há oito anos no Brasil, casado com uma brasileira e pai de dois filhos brasileiros, dá aulas sobre sistemas

⁷ No original, em inglês: *Brazilian workers are gloriously unproductive. For the economy to grow, they must snap out of their stupor.*

⁸ No original, em inglês: *The moment you land in Brazil you start wasting time.*

produtivos no mestrado em engenharia industrial da PUC-Rio e diz, comparando a Alemanha ao Brasil no quesito planejamento:

“O alemão gosta muito de planejar, mas não é bom em improvisar. Já o brasileiro detesta planejar, mas é muito bom em improvisar. Talvez um possa aprender com o outro”. (Jornal O GLOBO, 24 de maio de 2014).

Outro exemplo é o de um holandês, ex-aluno de português para estrangeiros na PUC-Rio e que trabalha há aproximadamente três anos no Rio de Janeiro. Ele diz:

“O que me chamou atenção é o fato de que, em comparação com os holandeses, os brasileiros priorizam as necessidades pessoais em vez das necessidades dos outros e das demandas do trabalho. Também parece que o trabalho é feito de uma forma menos planejada – meus colegas tendem a seguir impulsos, como atender um colega ou resolver um pedido urgente recebido pelo email ou telefone. Isso torna ainda mais complicado cumprir horários e prazos. Mas a grande vantagem deste comportamento é que os brasileiros, de forma geral, são mais relaxados e felizes e a interação entre as pessoas é muito mais agradável do que na Holanda.”

Este trabalho entende que, enquanto a leitura negativa desse aspecto de nossa cultura necessita ser percebida pelos brasileiros para que se conheçam melhor, deve também ser melhor compreendida pelos estrangeiros, que precisam saber ler de forma não estereotipada o DVL.

Nossa proposta aqui é justamente colaborar para tornar isso possível.

2

Pressupostos teóricos

Este trabalho se fundamenta de um modo geral nas ideias e conceitos centrais do Interculturalismo. São destacadas as abordagens propostas por Geert Hofstede em seus estudos sobre as culturas nacionais. Leva em conta também premissas do campo da Sociologia e da Antropologia, contextuais e elucidativas dos aspectos culturais a serem tratados.

A seguir, apresentamos os pressupostos teóricos adotados e os modelos metodológicos de Geert Hofstede e de Richard Lewis, comumente usados para analisar as culturas nacionais, cujas ideias e conceitos instrumentais permeiam todo o trabalho.

2.1

A noção de cultura

O ensino de língua estrangeira deve envolver toda uma preocupação e todo um esforço em prol de realçar o fato de que cada povo, cada comunidade linguística, tem sua própria cultura e, conseqüentemente, uma maneira particular e exclusiva de ver o mundo, de pensar, de agir, de se comportar perante os acontecimentos e situações, de se relacionar, de interagir, de se comunicar.

Como o homem costuma perceber o mundo e as coisas da vida por meio de sua cultura, cada qual tende a considerar o seu modo de vida como o mais correto e o mais natural. Desta forma, e, sobretudo, diante da enorme diversidade cultural que se verifica no panorama internacional, por entre os diferentes povos do mundo, faz-se necessário, cada vez mais, pensar, criar, organizar e colocar em prática estratégias que permitam, como diz Meyer, “que a língua estrangeira seja tratada como um instrumento de conscientização das diferenças culturais,

proporcionando, portanto, um melhor entendimento entre os povos, como um agente disseminador de tolerância entre os diferentes” (MEYER, 2003: 8).

A definição da noção de cultura vem se desenvolvendo por entre os tempos, acompanhando a evolução do pensamento humano, na medida do progresso intelectual do homem, que precisa cada vez mais interagir não apenas com seus iguais, mas também e principalmente com seus diferentes.

Do latim *colere* – cultivar -, o verbete cultura tem seu significado original ligado às atividades agrícolas. Esse significado, contudo, foi ampliado por pensadores romanos antigos que a usavam para se referirem ao refinamento pessoal, sentido que se mantém até hoje em alusão à sofisticação pessoal e educação requintada de uma pessoa. (SANTOS, 2003 apud BRANCO, 2009: 30)

Até chegarmos à explicação dicionarizada, portanto padrão, do que hoje é entendido como cultura, essa noção já esteve associada, por exemplo, a fatores como o determinismo biológico e o determinismo geográfico, refutados oportunamente porquanto se comprovou que o comportamento dos indivíduos depende de um aprendizado – um menino e uma menina agem diferentemente não em função de seus hormônios, mas em decorrência de uma educação diferenciada – e que existe uma limitação na influência geográfica sobre os fatores culturais - é possível existir uma grande diversidade cultural em um mesmo tipo de ambiente físico. (LARAIA, 2003:25)

No final do século XVIII e início do XIX, utilizava-se o termo germânico *Kultur* para simbolizar todos os aspectos espirituais de uma comunidade, enquanto para referir-se às realizações materiais de um povo, usava-se o termo francês *civilization*, tendo sido Tylor (apud LARAIA, 2003: 26) o primeiro a sintetizar os dois termos sob o ponto de vista antropológico no inglês *culture*, abrangendo dessa forma todas as possibilidades de realizações humanas. Segundo esse autor cultura é “em seu amplo sentido etnográfico, este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes, ou qualquer outra capacidade ou hábito adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”.

Atualmente, segundo o popular dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, entende-se como cultura o conjunto de características humanas que não são inatas, e que se criam e se preservam ou se aprimoram por meio de comunicação e cooperação entre indivíduos em sociedade. Considerada do ponto de vista antropológico, cultura é o conjunto complexo dos códigos e padrões que regulam a ação individual e coletiva, tal como se desenvolvem em uma sociedade ou grupo específico, e que se manifestam em praticamente todos os aspectos da vida: modos de sobrevivência, normas de comportamento, crenças, instituições, valores espirituais, criações materiais, etc. (FERREIRA, 2000).

A afirmação do antropólogo e pesquisador interculturalista Edward Hall parece complementar a definição acima: “cultura é comunicação” – cada cultura é um sistema que cria, envia, armazena e processa informações (HALL, 1998: 53). Assim, toda experiência de um indivíduo é transmitida aos demais, criando assim um processo interminável de acumulação (LARAIA, 2002:52).

Em consonância com tal conceito padrão atual, este trabalho comunga, em especial, com o pensamento de Hofstede sobre cultura:

*“Cultura é sempre um fenômeno coletivo, uma vez que é compartilhada, ao menos parcialmente, com pessoas que vivem ou viveram no mesmo ambiente social onde foi aprendida. Cultura consiste nas regras não escritas do jogo social. É o programa coletivo da mente que distingue os membros de um grupo ou uma categoria de pessoas de outros.”*⁹ (HOFSTEDE, 2010: 5)

Segundo Hofstede, cultura é aprendida, não inata. Logo, as diferentes culturas nada mais são do que programas mentais que variam de acordo com o ambiente social onde são adquiridos. Numa analogia com computadores, equivaleriam a softwares mentais.

O autor pontua ainda a necessidade de distinção entre cultura, natureza humana e personalidade individual:

“Natureza humana é o que todos os seres humanos, do acadêmico professor de russo ao aborígene australiano, têm em comum: representa o nível universal num

⁹ Tradução da autora. No original, em inglês: “Culture is always a collective phenomenon, because it is at least partly shared with people who live or lived within the same social environment, which is where it was learned. Culture consists of the unwritten rules of the social game. It is the collective programming of the mind that distinguishes the members of one group or category of people from others.”

software mental. É herdado geneticamente e, numa analogia com computadores, consistiria no sistema operacional que determina nosso funcionamento básico físico e psicológico. A habilidade humana de sentir medo, raiva, amor, alegria, tristeza, e vergonha; a necessidade de se associar com outros e brincar e se exercitar; e a facilidade de observar o ambiente e falar sobre ele com outros humanos; tudo isso pertence a esse nível de programa mental. No entanto, o que alguém faz com esses sentimentos, como alguém expressa medo, alegria, observações etc., isso é determinado pela cultura.”¹⁰ (HOFSTEDE, 2010: 6-7)

O entendimento de Hofstede sobre cultura se mostra especialmente apropriado e até mesmo sob medida para este trabalho de cunho interculturalista, uma vez que a hipótese formulada prevê a existência de dois grupos – no caso dois Brasis: o DVL e o MDF - cujos softwares mentais parecem bem distintos, muito provavelmente por conta dos ambientes em que foram adquiridos.

2.1.1

Cultura objetiva e cultura subjetiva

Partindo então do conceito geral de cultura, esse trabalho baseia-se na divisão proposta pelos interculturalistas entre dois tipos de manifestação cultural: a cultura objetiva e a cultura subjetiva.

A primeira, mais evidente, diz respeito às manifestações visíveis de uma determinada sociedade – arte, literatura, música, ciência, religião, política, língua, enfim tudo o que tal sociedade produz de concreto. A segunda, ao contrário, consiste em manifestações sutis – valores, crenças, comportamento, uso da língua e todo e qualquer outro componente cultural abstrato dessa sociedade (BENNETT, 1998:3).

¹⁰ Tradução da autora. No original, em inglês: “*Human nature is what all human beings, from the Russian professor to the Australian aborigine, have in common: it represents the universal level in one mental’s software. It is inherited within our genes, within the computer analogy it is the “operating system” that determines our physical and basic psychological functioning. The human ability to feel fear, anger, love, joy, sadness, and shame; the need to associate with others and to play and exercise oneself; and the facility to observe the environment and to talk about it with other humans all belong to this level of mental programming. However, what one does with these feelings, how one expresses fear, joy, observations, and so on, is modified by culture*”.

Enquanto profissionais tradicionais de ensino de língua estrangeira tendem a focalizar apenas o lado objetivo ou concreto da cultura, considerando apenas o aspecto estrutural da língua e os produtos concretos da respectiva cultura, os interculturalistas e pesquisadores da comunicação intercultural voltam sua especial atenção para o seu lado subjetivo, preocupando-se mais com o uso da língua em situações de uso real do que com sua estrutura. Estudam, por exemplo, como determinado comportamento não-verbal de certo grupo pode culturalmente influenciar no uso de sua língua e como padrões culturais de pensamento se manifestam nos diversos estilos particulares de comunicação (BENNETT, OPUS CIT:4).

Além de pesquisar como a realidade é percebida por meio de valores culturais, eles mostram ao mundo como o entendimento da cultura subjetiva dos falantes de certa comunidade linguística cuja língua se quer aprender e com a qual se quer interagir pode ajudar no desenvolvimento de habilidades de adaptação cultural e na comunicação intercultural (BENNETT, OPUS CIT: 4).

Segundo Bennett, embora a compreensão da cultura objetiva possa trazer, e normalmente traga, conhecimento sobre determinada comunidade linguística, ela não necessariamente gera competência comunicativa.

“Pode-se saber muito sobre a história de uma cultura e ainda assim não se estar apto a se comunicar com um de seus indivíduos integrantes” (BENNETT, 1998 : 3).¹¹

Assim, torna-se evidente como é importante que o professor de uma língua estrangeira aproveite todas as oportunidades que estejam ao seu alcance para que possa transmitir a seus alunos os aspectos da cultura subjetiva dos falantes nativos dessa língua a fim de que os aprendizes compreendam e aceitem a maneira de ser do outro e possam se servir de seus recursos linguísticos verbais e não verbais com consciência e propriedade. Como diz Singer:

“Se quero que minha mensagem seja compreendida, simplesmente tenho que traduzi-la numa linguagem cultural que a outra pessoa compreenda e aceite. A despeito da mensagem que queremos enviar, se queremos que isso se dê satisfatoriamente, temos que conhecer melhor os valores culturais das pessoas

¹¹ Tradução da autora. No original, em inglês: “One can know a lot about the history of a culture and still not be able to communicate with an actual person from that culture.”

com quem queremos nos comunicar e saber como codificar nossa mensagem em termos que elas possam compreender. Em outras palavras, precisamos conhecê-las a fundo.” (SINGER, 1998: 142)¹²

2.1.2

Cultura de Alto Contexto e cultura de Baixo Contexto

Conforme essa mesma abordagem interculturalista, enquanto em algumas comunidades linguísticas o contexto é fundamental para que a comunicação e/ou qualquer relacionamento interpessoal em qualquer área tenha sucesso, se complete ou mesmo ocorra, em outras, não só o contexto não é tão valorizado ou é mesmo supérfluo, como muitas vezes representa um ruído na comunicação, sendo banido, na medida do possível, por constituir-se num verdadeiro incômodo. Num extremo, trabalha-se com o máximo de contexto. No outro, com o mínimo: e isso não é sem razão – uns se sentem confortáveis e satisfeitos com a abundância de dados contextuais enquanto outros experimentam desconforto, de acordo com seus padrões comunicativos.

Assim, conforme o nível de abstração, alto ou baixo, ao lidarem com seu contexto, sua cultura subjetiva, os diversos povos constituem o que Hall e Bennett denominam culturas de Alto Contexto (*High-Context*) e culturas de Baixo Contexto (*Low-Context*) (HALL, 1998: 61 e BENNETT, 1998: 17).

Imaginando uma espécie de escala, consideram-se como culturas de Alto Contexto as que se servem ao máximo do contexto em seus atos comunicativos em oposição às que trabalham com o mínimo de contexto.

As culturas japonesa, árabe e dos povos do Mediterrâneo – que possuem extensas e complexas redes de informações entre familiares, amigos, colegas e clientes que se encontram envolvidos em estreitos relacionamentos interpessoais -

¹² Tradução da autora. No original, em inglês: “If I want someone to understand my message, I simply must translate it into a cultural language that the other person understands and accepts. Regardless of the message we want to send, if we want it to be acted upon favorably, we had better know the cultural values of the people with whom we want to communicate and how to encode our message in terms that they can understand. That means really getting to know them.”

são consideradas culturas de Alto Contexto.¹³ Assim, na maioria das interações de sua vida cotidiana, não requerem nem esperam grande quantidade de informação linguística, uma vez que os interactantes se mantêm a par de tudo que se refira às pessoas que lhe são caras (BENNETT, 1998: 4-5).

Culturas de Baixo Contexto seriam, de um modo geral, aquelas dos norte-americanos, dos alemães, dos suíços, dos escandinavos e de outros europeus do norte, povos que compartimentalizam seus relacionamentos interpessoais, seu trabalho e vários aspectos de seu dia a dia. Consequentemente, cada vez que interagem com outros, precisam de uma gama de informações detalhadas transmitidas linguisticamente (BENNETT, 1998: 4-5).

Em sua obra, Bennett sustenta ainda que enquanto os indivíduos integrantes de culturas de Alto Contexto frequentemente se irritam quando os de Baixo Contexto insistem em lhes fornecer informações que eles já têm, pois já as perceberam sozinhos, ao contrário, os de Baixo Contexto se sentem perdidos quando os primeiros não lhes fornecem informações suficientes por concluírem que eles já as recuperaram no contexto (BENNETT, 1998: 4-5). São constantes, então, as situações de desentendimentos interculturais.

Conforme a base cultural que cada um tem, que funciona como uma lente, a perspectiva ou o recorte do real pode se revelar completamente diferente. Assim, desentendimentos são na verdade desencontros que ocorrem devido à lacuna que se tem quanto ao conhecimento da lente do outro e ao despreparo em usá-la, provocados pela ignorância da cultura subjetiva desse outro.

“Homens de culturas diferentes usam lentes diversas e, portanto, têm visões desencontradas das coisas” (BENEDICT apud LARAIA, 2002: 67).

Daí a importância do Interculturalismo, que estuda o entrecruzamento de culturas, em busca de informações que possam se converter em meios para os indivíduos das diferentes culturas possam desenvolver competência intercultural, isto é, uma competência que lhes permitirá um bom e eficiente entendimento na interação com indivíduos de culturas diferentes.

¹³É oportuno mencionar aqui que o português do Brasil é elíptico, por conta de o país ter uma cultura de alto contexto, diferente da de Portugal, de baixo contexto.

2.2

Interculturalismo

Assim como a Sociologia e a Antropologia, o Interculturalismo estuda as culturas dos povos, mas diferencia-se de ambas por propor uma análise do ponto de vista da interação entre as pessoas.

Diferentemente dessas duas ciências, que tendem a ter um olhar mais descritivo, o Interculturalismo adota uma postura mais pragmática. Trata-se de um campo da área da Comunicação que estuda as formas de comunicação entre diferentes culturas e entre diferentes indivíduos, ou seja, a comunicação intercultural.

O Interculturalismo tenta entender como as pessoas criam sentido para os gestos, ações, palavras e para as outras formas sutis de comunicação e como usam isso para conviver. Estuda também como melhorar a interação entre os seres humanos para que estes se adaptem melhor uns aos outros, para que o desentendimento entre dois indivíduos diferentes seja diminuído e seu entendimento entre si melhorado.

A Comunicação Intercultural, por sua vez, é uma evolução da Teoria da Comunicação para um contexto mais global; defende que as pessoas precisam primeiro entender a si, aprender a dar significado a suas formas de comunicação, para poder criar significados que façam sentido para todos. Em uma situação, por exemplo, em que haja diferenças culturais entre duas pessoas, elas precisam entender quais são essas diferenças para daí saber como elas afetam a comunicação entre si, para só então poderem chegar a um ponto em que a comunicação seja eficaz e as duas se entendam. (BENNETT, 2011 *in* Revista Época, ed. Globo).

Milton J. Bennett, um dos maiores nomes do Interculturalismo, defende em entrevista à Revista Época, da editora Globo, que a aprendizagem intercultural

é essencial para que todos convivam em paz no mundo. Segundo ele, devido às diferenças que existem entre todos nós, acabamos por nos eliminar.

“Primeiro, tentamos converter a pessoa diferente para que seja igual a nós. Infelizmente, porém, se essa conversão falha, a história mostra que o ser humano parte para a saída mais simples, que é eliminar o povo culturalmente diferente”. (BENNETT, 2011 in Revista Época, ed. Globo).

A saída para evitar esse extremo, afirma, é oferecer educação intercultural em todo o mundo, principalmente por meio de programas altamente capacitados e de institutos e ONGs de ensino da interculturalidade, contudo, reforçando a ideia de que no fundo somos todos iguais, independentemente de onde nascemos.

Bennett ressalta ainda nessa entrevista que existem dois aspectos da identidade cultural. O primeiro é aquele em que a pessoa se enxerga, acima de tudo, como tendo tanto uma identidade cultural quanto uma identidade individual – e, em suas palavras, tirar a identidade individual de alguém é impossível. O segundo é um nível de análise mais social: nossa identidade cultural é formada pela interação com outras pessoas, e parte de nossa visão de mundo está ligada às nossas crenças e aos valores que nos foram impostos a partir de nossa vivência em uma sociedade, em um grupo coletivo.

Segundo os interculturalistas, há sempre tensão entre duas pessoas de culturas diferentes. Em um primeiro momento, nega-se a existência da diferença e ou quer-se convertê-la ou eliminá-la. Após isso, porém, há a aceitação da diferença e seu reconhecimento. Com isso, há espaço para uma adaptação entre essas duas pessoas e para a integração. Cada vez mais está sendo usado na área o termo “terceira cultura” para definir essa interação.

“Eu estou tentando me adaptar a você, você está tentando se adaptar a mim, mas nem eu quero ou posso me tornar você e nem você quer ou pode se transformar em mim. Apesar disso, ambos tentamos entender o mundo um do outro, e isso gera um espaço em comum entre nós, que não diz respeito nem à minha cultura e visão de mundo e nem à sua. Isso, esse espaço, está sendo chamado “de terceira cultura”. Mas não se deve esquecer que isso é apenas um conceito dinâmico, portanto não existe, por exemplo, um país com uma terceira cultura; é algo gerado pela tentativa de adaptação entre pessoas.” (BENNETT, 2011 in Revista Época, ed. Globo).

Segundo Bennett, as pessoas precisam desenvolver uma “inteligência contextual”. Termo criado na Faculdade de Negócios de Harvard, representa a

capacidade de uma pessoa de entender o contexto de uma situação – mais do que entender as palavras, saber falar a mesma língua, é entender todo o contexto cultural dessa situação. Quanto mais rápido todos conseguirem reconhecer esse contexto, e quanto mais rápido conseguirem mover-se por contextos diferentes, mais fácil é a comunicação entre as pessoas. No campo intercultural, esse tipo de inteligência contextual é chamado de “competência intercultural”, e é exatamente essa competência que as pessoas precisam desenvolver para poderem se comunicar em um mundo cada dia mais conectado (BENNETT, 2011 in Revista Época, ed. Globo).

2.3

Cultura e culturas nacionais

A cultura diz respeito às manifestações visíveis de uma sociedade – arte, literatura, música, ciência, religião, política, língua, tudo o que ela produz de concreto – cultura a qual chamamos objetiva. Diz respeito também às manifestações sutis como valores morais, crenças, comportamento, uso da língua e demais componentes abstratos dessa sociedade – cultura a qual chamamos subjetiva (BENNETT, 1998:3).

A cultura objetiva geralmente espelha a subjetiva, e esta, de acordo com Hofstede, é o programa coletivo da mente que distingue os membros de um grupo dos de outro. É como um software mental¹⁴ composto por padrões de pensamento, sentimento e comportamento que o indivíduo aprende e carrega consigo durante a vida. A sua forma de agir é parcialmente determinada pelos seus programas mentais, originados no entorno social no qual ele cresce e acumula experiência.

¹⁴ Para Hofstede, a natureza humana é o que todos os seres humanos têm em comum. É inata e, numa analogia com os computadores, corresponde ao sistema operacional. A personalidade e a cultura, não inatas segundo ele, constituem programas mentais ou softwares, mas somente a segunda é compartilhada.

Tais programas diferem conforme os entornos sociais nos quais foram adquiridos. As pessoas carregam camadas de programação mental que correspondem a diferentes níveis de cultura: nacional, regional, étnico, religioso, linguístico, de gênero, de classe social, organizacional e corporativo (HOFSTEDE, 2010: 4-26).

Assim, o que Hofstede chama de cultura nacional deve ser entendido, como a própria denominação sugere, como um conjunto de indivíduos que partilham um mesmo programa mental de acordo com os valores culturais e padrões comportamentais adquiridos numa mesma nação.

2.4

Os modelos metodológicos de análise das culturas nacionais

As diferenças entre as culturas nacionais têm sido descritas no Interculturalismo ora por tipologias ora por modelos dimensionais.

Vejamos, a seguir, o modelo tipológico de Richard Lewis e o modelo dimensional de Geert Hofstede, nos quais este trabalho busca contribuição e inspiração.

2.4.1

O modelo tipológico de Lewis

Lewis identifica três tipos de culturas nacionais: as lineares, as multiativas e as reativas.

A Alemanha, com a Suíça, ocupa a posição extrema dentre as culturas lineares, que privilegiam o planejamento, a organização, a racionalidade, a

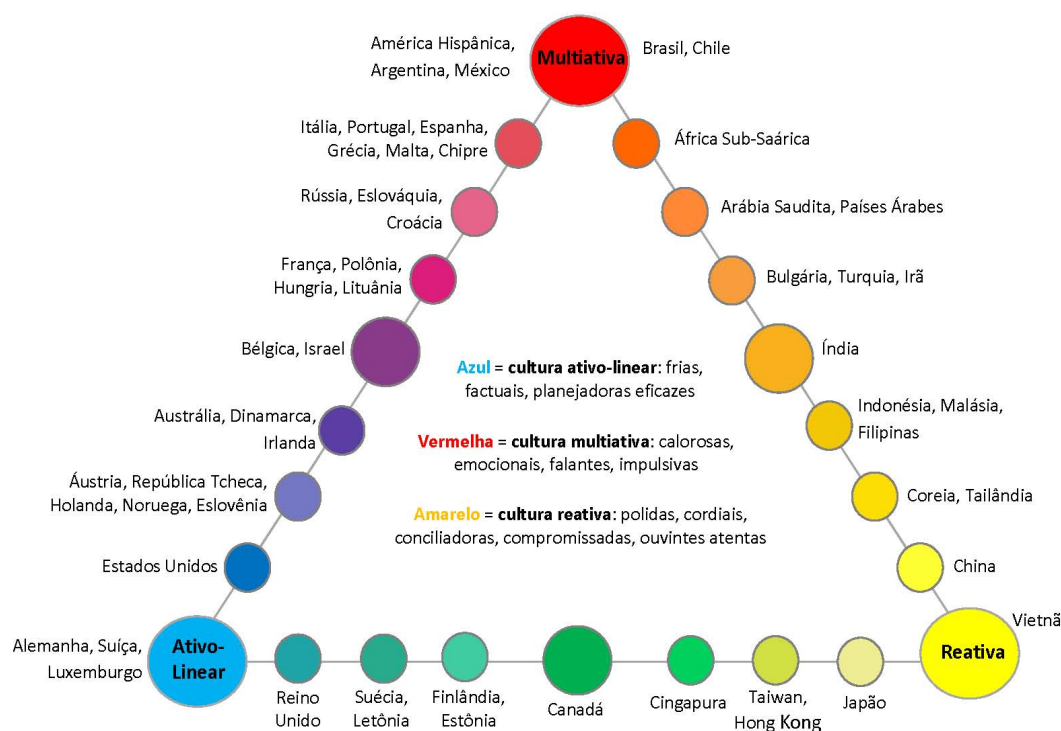
agenda, a precisão. Os alemães são, portanto, caracterizados como metódicos, meticolosos e concentrados, pondo o trabalho em primeiro plano e fazendo uma coisa de cada vez. São tidos como sérios, frios e calados pelas culturas multiativas. (LEWIS, 2013: 36-41)

O Brasil é considerado a cultura multiativa por excelência, uma vez que os brasileiros são entendidos como possuidores em grau máximo das características desse tipo de cultura: tenderiam a priorizar as relações pessoais, a não seguir metodicamente uma agenda, em vez disso, planejando seus compromissos à medida que as oportunidades ou as necessidades aparecem e de acordo com elas. Percebidos como relaxados, são vistos como um povo que costuma se ocupar de muitas coisas ao mesmo tempo. São caracterizados como calorosos, impulsivos, emotivos e falantes.

O Japão é apresentado como o representante mais notável da cultura reativa, marcada pela passividade e harmonia, cujos integrantes são bons ouvintes, corteses, amáveis, comprometidos e avessos a divergências e mudanças. O coletivo está em primeiro lugar. Não há espaço para o individualismo e o sucesso de um é o sucesso de todos. (LEWIS, 2013: 42-43)

O modelo de Lewis costuma ser representado por meio de um triângulo-escala que situa as culturas, das mais lineares às mais multiativas, passando pelas menos lineares, pelas menos multiativas e pelas reativas, conforme se pode verificar na figura 1, adiante.

Tipos de Cultura: O Modelo de Lewis
Variações Multiativa, Ativo-Linear e Reativa



O modelo de Lewis (LEWIS, 2006: 46, apud PARANHOS, 2011)

Os brasileiros, segundo Lewis, são, portanto, caracterizados como vibrantes, extrovertidos, agitados, inquietos, impontuais, relaxados, acomodados, tendo sempre uma desculpa de prontidão para não perder a face.

No ambiente de trabalho, nem as funções se manifestam de forma bem definida¹⁵, como, segundo o autor, por exemplo, na Alemanha, nem o grau de espírito de grupo é tão forte como no Japão. Dessa maneira, quando existe uma tarefa a ser feita, muitos brasileiros tendem a esperar que esta seja executada por outrem. Trata-se de uma cultura multiativa que lida com planejamentos extremamente flexíveis, convive com uma burocracia exagerada e engatinha na meritocracia, afirma. O autor acrescenta que, nesse tipo de cultura, nota-se a dificuldade em descentralizar poder e delegar tarefas a pessoas competentes e não a amigos. Registra-se igualmente a tolerância a aberrações como pessoas

¹⁵ No que tange à função de cada um no ambiente profissional, pode-se dizer que é elástica, ou seja, uma pessoa ou mais pode estar dentro do campo de responsabilidade de mais de um tipo de serviço, o que gera confusões, atrasos, prejuízo, etc. Ainda que sejamos a cultura do imprevisto, tal indefinição de papéis ou funções pode, muitas vezes, acarretar ineficiência.

ineficientes, sem experiência e mal assessoradas chefiando pessoas eficientes e com experiência, constata. (LEWIS, 2013: 70-81)

Percebido como impaciente, inquieto, cheio de vida para usufruir, e proveniente de uma cultura orientada pelas relações pessoais e não pelo trabalho, o brasileiro, em geral, segundo o raciocínio de Lewis, preferiria conversar, festejar, conhecer novas pessoas, desfrutar a vida e a família, a se ocupar, por exemplo, com um trabalho que não fosse de sua exclusiva competência. Acima de tudo, seu otimismo poderia levá-lo a acreditar, talvez, que o trabalho do qual se omitisse, de alguma forma, seria feito por outrem, sem prejuízo. Afinal, diante da possibilidade de outras pessoas se ocuparem do mesmo, por que não se permitir o conforto de deixar que isso aconteça? E, na hipótese de o trabalho permanecer ao aguardo de um executor por um longo prazo, haveria ainda o recurso ao “jeitinho brasileiro”¹⁶, que remediaria as possíveis consequências relacionadas justamente à demora ou a falta de alguém que se dispusesse a realizar o trabalho.

Talvez essa maneira de ser, identificada em certos brasileiros, leve-os, de alguma forma, e com frequência, a uma falta de ação ou de atitude perante o seu destino e o de seu país.

Uma história popular de autor desconhecido ilustra o tipo de consequência que uma inação ou falta de atitude – identificada como característica do “deixa a vida me levar” - pode acarretar:

“Era uma vez quatro pessoas: TODO MUNDO, ALGUÉM, QUALQUER UM e NINGUÉM. Havia um trabalho importante a ser feito e TODO MUNDO tinha certeza de que ALGUÉM o faria. QUALQUER UM poderia tê-lo feito, mas NINGUÉM o fez. ALGUÉM se zangou porque era um trabalho de TODO MUNDO. TODO MUNDO pensou que QUALQUER UM poderia fazê-lo, mas NINGUÉM imaginou que TODO MUNDO deixasse de fazê-lo. Ao final, TODO MUNDO culpou ALGUÉM quando NINGUÉM fez o que QUALQUER UM poderia ter feito.”

Se projetarmos tal história a um nível nacional e imaginarmos que pode haver uma significativa parcela do povo brasileiro adotando a postura evidenciada acima, não é difícil imaginar que, em proporções consideráveis, esse tipo de

¹⁶ O “jeitinho brasileiro” é conhecido, em geral, como uma solução criativa ou improvisado que dá conta de quase qualquer situação, sobretudo diante de prazos exíguos ou que vão se expirar em breve, ainda que, dependendo do caso, possa ser visto como uma virtude quanto como um defeito.

atitude – irônica e literalmente uma falta de atitude – poderia se converter, ainda que a longo prazo, em resultados perversos nos diversos campos do cenário socioeconômico do país, dificultando ou mesmo comprometendo o desenvolvimento nacional brasileiro.

2.4.2

Hofstede e seu modelo dimensional

Hofstede constrói seu modelo interculturalista com base no conceito de dimensão.

Em Hofstede, dimensão é um aspecto da cultura que pode ser medido relativamente a outra cultura. Uma dimensão agrupa um número de fenômenos empiricamente comprovados de uma sociedade que ocorrem em combinação.

As dimensões de culturas nacionais estudadas por Hofstede são a distância hierárquica, o individualismo, a masculinidade, a evitação ou controle de incerteza, a orientação de longo prazo, o pragmatismo e a indulgência. De acordo com o autor, os países tenderiam para características culturais específicas, evidenciadas pelos escores obtidos (pontuação mais alta ou mais baixa numa escala de 0 a 100), em cada uma dessas dimensões, apresentadas nos parágrafos a seguir.

A distância hierárquica pode ser definida como a medida do grau de aceitação, por aqueles que têm menos poder nas instituições e organizações de um país, de uma distribuição desigual do poder. As instituições são os elementos fundamentais de uma sociedade, tais como a família, a escola e a comunidade; as organizações são os diferentes locais de trabalho.

O individualismo consiste na predileção por um contexto em que se espera que as pessoas priorizem a preocupação consigo mesmas ou com entes próximos.

A masculinidade é a preferência na sociedade pelo sucesso (sobretudo o material), pelo heroísmo, pela diretividade e pela competitividade.

A evitação ou controle de incerteza é o quanto membros de uma cultura se sentem ameaçados por situações ambíguas ou desconhecidas.

A orientação de longo prazo tem a ver com a importância atribuída ao futuro pelas culturas, bem como à sua relação com ele. Em www.geerthofstede.nl/dimensions-of-national-cultures, o autor afirma que as sociedades de orientação de curto prazo preferem manter as tradições e normas e assumem uma postura mais desconfiada em relação a tudo o que é novo ou desconhecido, encarando as mudanças da sociedade com certa reserva, enquanto as de orientação de longo prazo encorajam virtudes como a economia e a persistência.

O pragmatismo, dimensão relacionada à orientação de longo prazo, como explica Hofstede no referido site, avalia o quanto cada sociedade precisa se ligar a seu passado ao lidar com os desafios do presente e do futuro. Dessa forma, constata, sociedades normativas, cujo escore nessa dimensão geralmente é baixo, por exemplo, preferem manter as tradições e as normas enquanto enxergarem as mudanças sociais com suspeição. Por outro lado, completa, sociedades que apresentam um escore alto tendem para uma atitude mais pragmática: encorajam a economia e os esforços na educação moderna como um modo de preparar para o futuro.

A indulgência, dimensão que se opõe a restrição, segundo o autor afirma no mesmo site, é a tendência em permitir gratificações relativas aos desejos naturais básicos humanos relacionados a aproveitar a vida no sentido de entretenimento. É definida como o quanto as pessoas tentam controlar seus desejos e impulsos de acordo com o local ou ambiente onde cresceram. Assim, para ele, indulgência consiste num controle relativamente fraco, e restrição, na supressão das referidas gratificações por meio de normas sociais estritas.

Hofstede analisou o comportamento dos povos de 50 países segundo essas sete dimensões e atribuiu-lhes índices referentes a elas. Assim, temos o índice de

distância hierárquica (Power Distance Index – PDI), de individualismo (Individualism versus Collectivism index – IDV), de masculinidade (Masculinity versus Femininity index – MAS), de evitação ou controle de incerteza (Uncertainty avoidance index – UAI), de orientação de longo prazo (Long-term versus Short-term orientation index – LTO), de pragmatismo (Pragmatic versus Normative orientation index – PRA) e de indulgência (Indulgence versus Restraint index – IVR).

Considerando-se que a pontuação em cada índice pode variar de 1 a 100, de acordo com um resultado maior ou menor que 50, os países estariam mais ou menos propensos a apresentarem tais ou quais características referentes a cada uma das dimensões acima mencionadas, organizadas respectiva e didaticamente por Hofstede como relativas a grupos extremos denominados forte e fraco. Em cada um desses grupos, por sua vez, foram observadas tendências a determinados comportamentos, maneira de sentir e de ver o mundo diferentes e/ou conflitantes.

Para o Brasil, os escores resultantes da pesquisa comparativa entre países de Hofstede são os seguintes:

PDI: 69	IDV: 38	MAS: 49	UAI: 76	LTO: 49 ¹⁷	PRA: 44	IVR: 59
---------	---------	---------	---------	-----------------------	---------	---------

Com o escore de 69 em Distância Hierárquica (PDI), o Brasil, como o autor afirma em seu site “The Hofstede Centre”, tem uma sociedade que acredita que hierarquia é algo que deve ser respeitado e que a desigualdade entre as pessoas é aceitável. A diferente distribuição de poder justificaria o fato de os detentores do poder terem mais benefícios que os menos poderosos na sociedade. No Brasil, acrescenta, é importante demonstrar respeito às pessoas de mais idade e crianças devem cuidar dos seus parentes mais velhos. No ambiente corporativo, diz ainda, existe um chefe que costuma concentrar todas as responsabilidades. Símbolos de status e de poder são essenciais para indicar a posição social e

¹⁷ Quanto a essa dimensão, foram feitas duas pesquisas por Hofstede e sua equipe. Na primeira, que envolveu apenas 23 países, o Brasil obteve o índice de 65; na última, envolvendo 93 países, obteve o índice de 49 (HOFSTEDE, 2010: 240 – 259).

comunicar o respeito devido a cada indivíduo, sustenta. (www.geert-hofstede.com/brazil.html)

No mesmo site, Hofstede pondera que o grau 38 do Brasil em Individualismo (IDV), bastante baixo, reflete o fato de que seus cidadãos são integrados desde o nascimento em fortes e coesos grupos - considerando-se inclusive extensões da família como tios, tias, avós, primos e agregados - em que todos se protegem em troca da lealdade mútua. No âmbito profissional, isso se traduz num aspecto particular: os membros mais velhos e poderosos tendem a ajudar os mais jovens a serem contratados ou mesmo promovidos em sua empresa ou na empresa em que trabalham. Nos negócios, é importante construir fortes relações pessoais confiáveis e de longa duração. As reuniões de trabalho costumam, então, ser iniciadas com conversas pessoais com a finalidade de começar ou manter relacionamentos.

O índice 49 do Brasil em Masculinidade (MAS), pouco abaixo da média, é traduzido, segundo o autor, pela tendência de sua sociedade em evitar conflitos e encorajar sempre o consenso.

Em Evitação de Incerteza (UAI), o Brasil apresenta um índice bastante alto, 76, o que se reflete, nas palavras de Hofstede, no fato de sua sociedade demonstrar uma grande necessidade de regras e elaborados sistemas legais para estruturar a vida. No entanto, a necessidade dessa mesma sociedade de obedecer a essas leis é fraca, o que leva à criação de leis e regras adicionais, resultando no império da burocracia em busca de um mundo mais seguro para se viver.

Embora na contramão das características comuns nas culturas de alto UAI, notadamente a negatividade, o estresse, a ansiedade, o sentimento de infelicidade, a necessidade por precisão e a valorização do tempo no sentido de *Time is Money*, Hofstede sustenta que, para equilibrar o elevado índice apresentado pelo Brasil nessa dimensão, os brasileiros precisam de bons momentos de relaxamento em seu cotidiano como conversar com colegas, deleitar-se com uma longa refeição ou dançar com amigos, tudo isso tendo um temperamento muito apaixonado e demonstrando facilmente suas emoções por meio da linguagem corporal. Este trabalho, no entanto, considera tais características mais compatíveis com as

referentes ao índice 59 que o Brasil apresenta em Indulgência (IVR), a dimensão a seguir. Esta proposta de Hofstede, com a sua abordagem paradoxal do alto nível de UAI na cultura brasileira, tornou-se o foco desse trabalho, como se verá nos capítulos subsequentes.

Em Indulgência (IVR), o Brasil aparece com um escore considerado alto por Hofstede: 59. Segundo o autor, tal índice caracteriza a sociedade brasileira como bastante indulgente. Ele diz, no site mencionado acima, que os membros de uma sociedade classificada com escore alto nessa dimensão geralmente exibem a propensão em realizar seus impulsos e desejos no que se refere a aproveitar a vida e se divertir. Possuem uma atitude positiva e tendem a serem otimistas. Além disso, priorizam seu tempo de lazer, agem como lhes apraz e gastam dinheiro como querem, acrescenta.

Em Pragmatismo (PRA), a dimensão que descreve como cada sociedade se relaciona com o próprio passado ao lidar com os desafios do presente e do futuro, o Brasil alcança o escore intermediário de 44. Ocupa, portanto, uma posição abaixo da média no que se refere a ser uma cultura pragmática, voltada para ação.

Em Orientação de Longo Prazo (LTO), o Brasil alcança um escore pouco abaixo da média, de 49, tendendo, então, para uma orientação mais voltada para o curto prazo, que tem como principais características a falta de perseverança, a despreocupação em economizar e o abandono de esforços que garantam resultados somente a longo prazo. Segundo o autor, nosso país é uma exceção: tem a particularidade do apego ao passado – é conservador e tradicional, mas vive focado no futuro.

2.4.3

Complementaridade e relevância de ambos os modelos para a pesquisa

Posto que é objetivo deste trabalho contribuir para o ensino de PL2E, especificamente na área de aprimoramento e desenvolvimento de competência intercultural, o modelo tipológico de Lewis pode parecer, num primeiro momento, mais interessante. Ao descrever um conjunto de tipos ideais, isto é, de modelos ou personagens generalizantes e mesmo estereotipados representativos em linhas gerais da cultura das diversas nações, cada um deles fácil de se imaginar, torna-se clara a utilidade de seu raciocínio tipológico para a área de ensino de línguas estrangeiras: um francês, um chinês ou um americano, por exemplo, tenderiam normalmente a apresentar certas características culturais e a se comportar de um modo específico ou particular em determinadas situações. Para os aprendizes de PL2E, por exemplo, é interessante a projeção de um tipo mediano cultural brasileiro, isto é, de uma espécie de imagem representativa do brasileiro que contenha suas características culturais e comportamentais de uma forma geral e ao mesmo tempo compacta, com o qual eles possam se imaginar em situações de interação interculturais.

No entanto, é o modelo dimensional de Hostede que fornece os elementos necessários para a análise dos dados que compõem o corpus da pesquisa aqui empreendida, uma vez que disponibiliza um aparato comparativo mais detalhado que conta, por exemplo, com listas de características culturais correspondentes a cada polo (forte ou fraco) das dimensões cunhadas pelo autor, considerando os vários campos ou setores da vida ou da sociedade (família, educação, saúde, trabalho, religião, consumo, cidadania, etc.), bem como com um esquema de pontuação (os escores que cada país recebe em cada dimensão) que permite analisar e cotejar mais concretamente as diferentes culturas nacionais.

Mais fáceis de conceber que as dimensões, tipologias são problemáticas em uma pesquisa empírica. Um exemplo extremo disso seria uma tipologia de países comum na segunda metade do século XX, por exemplo, que dividiu o

mundo em primeiro, segundo e terceiro mundos: um capitalista, um comunista e um bloco produto de colonização. Ora, casos reais raramente correspondem a um único tipo ideal. No modelo dimensional, ao contrário, os casos podem sempre ser medidos por escores sem ambiguidades (HOFSTEDE, 2010: 31-32).

Contudo, o modelo dimensional é mais difícil de visualizar e pode parecer mais complicado em relação ao tipológico, provavelmente por conta de sua complexidade e seu caráter mais minucioso. Por meio de uma analogia que pode nos parecer confusa à primeira vista, Hofstede tenta demonstrar o que ele acredita ser a desvantagem do modelo dimensional:

“Os escores obtidos por cada país em uma dada dimensão podem ser vistos como pontos ao longo de uma linha. Para duas dimensões ao mesmo tempo, tornam-se pontos num diagrama. Para três dimensões, poderiam, com alguma imaginação, ser vistos como pontos no espaço. No entanto, para quatro ou mais dimensões, é difícil imaginar uma visualização.” (HOFSTEDE, 2010: 31)

Em síntese, ele se refere ao fato de que, no modelo dimensional, ao invés de dispormos apenas de uma lista de características gerais de um tipo representante de uma cultura nacional, como ocorre no modelo tipológico, o que seria fácil de visualizar rapidamente, com frequência, temos que proceder ao cruzamento das informações constantes em cada lista de características específicas referentes ao polo mais forte ou ao mais fraco das dimensões analisadas em relação a cada cultura nacional – considerando os correspondentes escores obtidos - para verificar a real situação de cada uma dessas culturas particularmente nas diversas situações da vida em sociedade.

Contudo, na prática, podemos considerar que tipologias e modelos dimensionais são complementares. Modelos dimensionais são preferíveis para pesquisas e tipologias são úteis para propósitos de ensino. Assim, este trabalho serve-se tanto do modelo dimensional de Hofstede quanto do tipológico de Lewis. Do primeiro, serão úteis seus estudos sobre as dimensões evitação ou controle de incerteza, orientação de longo-prazo e indulgência. Do segundo, a descrição de como as chamadas culturas multiativas lidam com a questão do tempo e do planejamento.

2.5

Classe social e cultura de classe

Uma sociedade geralmente se divide em camadas sociais e um dos termos usados para descrever este fenômeno é classe social.

Em todo o mundo, o conceito de classe social é, tradicionalmente, relacionado à ideia de camadas socioeconômicas, à divisão da sociedade conforme a renda e a propriedade de capital de seus integrantes.

No Brasil, não é diferente, mas são concebidas divisões da população em classes sociais conforme os critérios metodológicos do instituto de pesquisa que se ocupe do assunto. Por exemplo, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) categoriza os cidadãos como pertencentes às classes A, B, C, D ou E, conforme a renda mensal das famílias. Para a Fundação Getúlio Vargas (FGV), a avaliação ideal seria por bens disponíveis e não pela renda. Outra metodologia é empregada pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE), que utiliza como base o número de salários mínimos. Quanto ao número de classes, algumas consultorias, como a Target, estabelecem uma classificação que vai da classe A1 até F (A1, A2, B1, B2, C1, C2, D, E e F).

Tal abordagem, no entanto, não nos parece a mais adequada para analisar a sociedade nos dias de hoje. Seu foco principal são os fatores econômicos, desconsiderando aspectos e dimensões importantes, de ordem cultural, étnica, religiosa etc, que geralmente têm relação direta com a estratificação social ou socioeconômica. Isto, além do fato de que determinados grupos de profissionais não se enquadram em nenhuma dessas categorias.

O conceito de classe social adotado nesse trabalho é, então, o de Anthony Giddens, que define classe social como “um grupo grande de pessoas que partilham recursos econômicos comuns, que influenciam fortemente o seu estilo de vida. A riqueza e a ocupação profissional constituem as principais bases das diferenças entre as classes.” (GIDDENS, 2005: 284). A esse conceito, soma-se

aqui o pensamento de Pierre Bourdieu, que leva em conta a existência de diferenças culturais entre as classes sociais e que a propriedade real constitui apenas uma parte do conceito de classe.

Segundo Bourdieu, a sociedade de classe reproduz a si mesma à medida que as culturas criadas pelas diferentes classes dificultam a ascensão social. O autor defende a existência de um capital simbólico a partir da premissa de que as estruturas de poder são construídas por símbolos. É uma sociedade em que o valor de cada um é indicado por sua formação, título e outros símbolos, como seu bairro, seu carro, profissão ou cargo e até mesmo seus interesses na hora do lazer, determinantes de sua posição na sociedade.

Embora para Hofstede não haja uma definição padrão de classe social aplicável a todos os países – tipos e números de classe variam em cada um - (HOFSTEDE, 2010: 46), seu pensamento parece se afinar com o de Bourdieu e o de Giddens.

“Por serem associadas com oportunidades educacionais e com ocupação ou profissão da pessoa, uma vez que educação e ocupação são poderosas fontes de aprendizagem cultural, as classes sociais carregam diferentes culturas.” (HOFSTEDE, 2010: 46).

Em síntese, entende-se aqui classe social como camada social ou estrato não hereditário, cujos membros se consideram socialmente unidos em virtude de semelhanças de nível econômico, profissional e educacional. São também afins em atitudes morais, afiliações políticas e religiosas, localização em certas áreas residenciais, qualidade e quantidade do consumo simbólico, sucesso profissional etc. Tal definição sustenta ainda “que as classes sociais são permeáveis, quer dizer, abertas a movimentos de mobilidade social” (GLOBO, 1981: 67-68), embora isso não seja, como defende Bourdieu, comum, simples e, muito menos, fácil. (GRENFELL, 2008: 95-96)

Para este trabalho, o tema classe social adquire especial importância na medida em que os possíveis integrantes de cada um dos dois grupos hipotéticos de Brasil aqui concebidos, o DVL, percebido como ligado geralmente a classes socioeconômicas menos favorecidas, e o MDF, aparentemente de situação socioeconômica mais confortável, parecem compartilhar ideologia e

características culturais e comportamentais distintas conforme pertençam a um ou a outro grupo. Essa possível interferência da situação socioeconômica na opção de um brasileiro pelo modo de ser DVL ou MDF, precisa, portanto ser verificada.

2.6

A casa e a rua de DaMatta

A teoria dos espaços simbólicos da casa e da rua de DaMatta é fundamental aqui neste trabalho, porquanto, para o examinar os dados que compõem seu corpus, além de contarmos com os conceitos instrumentais de análise fornecidos por Hofstede e com as observações de Lewis sobre as culturas nacionais, consideramos necessária a visão antropológica de um brasilianista¹⁸ que possa nos auxiliar ora a retificar, ora a ratificar certas premissas que vão se formando durante a pesquisa, bem como elucidar alguns aspectos importantes relacionados a elas para, finalmente, podermos chegar a uma conclusão satisfatória.

Nesse sentido, a seguir são apresentados os principais pontos discutidos por DaMatta em sua teoria sobre os espaços da casa e da rua, que acreditamos contribuir para este trabalho.

2.6.1

A aversão do brasileiro à rua e seu apego à casa

Segundo DaMatta, o brasileiro é apegado ao espaço da casa, enquanto sente aversão pelo espaço da rua, que constitui o lugar do trabalho, do Estado, das

¹⁸ Este trabalho utiliza o termo brasilianista em referência ao antropólogo brasileiro Roberto DaMatta por conta de sua habilidade em descrever a cultura brasileira com os olhos de um estrangeiro.

leis e também da surpresa, boa ou má. A rua é igualmente o lugar do movimento, em contraste com a calma e a tranquilidade do lar onde ele se refaz da atribulada luta pela vida. A casa representa o local do descanso, do conforto e da segurança (DaMatta, 2004:13).

Os valores do espaço que DaMatta chama de casa encontram-se intimamente ligados a uma tendência a menos ação, à calma e à falta de pressa, ao lazer e ao prazer em família, à sensação de proteção. Os valores do espaço da rua, em contrapartida, são mais afinados com a ação, a pressa, o prazo, a meta, o trabalho, o estresse, a dificuldade, a insegurança, o perigo.

“Falamos da “rua” como um lugar de “luta” e de “batalha”, parte da “dura realidade da vida”. O fluxo da “vida”, com suas contradições e surpresas, pertence à rua, onde o tempo – medido pelo relógio, pelo calendário e pelas agendas – corre, voa e passa, fazendo história. Muito mais que no lar, onde ele fica suspenso pelas anedotas, pelos casos e pelas intrigas. Na rua não há amor, consideração, respeito ou amizade. É local perigoso (...).” (DaMatta, 2004:17)

De forma geral, o trabalho ainda é percebido em nossa cultura como desagradável. A esse respeito, DaMatta sustenta que a figura positiva do trabalhador e a ideia de que a rua e o trabalho são locais onde se pode honestamente enriquecer e ganhar dignidade são relativamente recentes para nós, uma sociedade em que até bem pouco tempo histórico havia escravos e na qual as pessoas decentes não saíam à rua nem podiam trabalhar com as mãos. (DaMatta, 2004: 18-19)

“A rua é essencialmente o espaço do trabalho e do famoso “batente”. Esse trabalho popular e bíblicamente concebido como castigo. (...) Não é, pois, à toa que o nosso panteão de heróis oscila entre três tipos. Há o malandro (aquele cuja proeza consiste em vencer o trabalho como castigo, ganhando o máximo com o mínimo de esforço). Há o renunciante ou o santo (aquele que abandona o trabalho neste e deste mundo e vai trabalhar para o outro, como fazem os líderes religiosos, rotineiros ou carismáticos). E, finalmente, o “Caxias”, que não é um trabalhador, mas um cumpridor de leis, uma figura que obriga os outros a trabalhar”. (DaMatta, 2004:18-19).

Em relação ao conceito de cultura de classe, abordado em item anterior, é interessante observar que cada casa representa uma família inserida em um contexto social dividido em classes. A família tem uma cultura própria ao mesmo tempo que compartilha valores da cultura de seu meio socioeconômico. É uma classe dentro de outra classe.

“Casas são habitadas por famílias cujo núcleo é constituído de pessoas que possuem a mesma substância. A mesma carne e o mesmo sangue que legitimam um nome comum e sugerem interesses, tendências, bem como um destino compartilhados”. (DaMatta, 2004: 13-14).

Talvez por isso seja dentro da família que o brasileiro costuma se sentir melhor e à vontade, como diz a linguagem popular, em casa.

“Num certo sentido a casa, onde somos reis e donos, nos protege da rua, onde não somos coisa alguma. Se, portanto, nas nações modernas, casa e rua (público e privado) são governadas pelas mesmas normas, no Brasil há uma sensível diferença entre as leis que governam a rua, as instituições do Estado e o espaço público em geral, e os hábitos da casa que estão nos nossos corações”. (DaMatta, 2004:17).

2.6.2

A festa, o carnaval, o samba, a casa, o lazer e o prazer

Segundo DaMatta, a festa é o espaço social em que as pessoas costumam comer, rir e viver o mito da ausência de hierarquia, poder, dinheiro e esforço físico. Nela todos se harmonizam por meio de roupas e comidas especiais e pela música que congrega e iguala no seu ritmo e na sua melodia.

No caso do Brasil, o carnaval é a maior e mais importante festa popular. Livre, criativa e irreverente, dispensa os elementos da ordem, da esfera política e moral, básicos das outras festas: “O carnaval não pode ser sério, senão não seria um carnaval...” (DaMatta, 2004: 37-38).

É nessa festa de grande duração e que se prolonga em alguns casos por dez dias que o brasileiro costuma viver o sonho de se ver livre de qualquer obrigação ou compromisso que não seja com seu próprio lazer. Constitui um período de bálsamo, de alívio, de prazer, em que se pode fugir da realidade, das responsabilidades, do trabalho e do relógio sem ser punido por isso.

“No carnaval, trocamos o trabalho que castiga o corpo (o velho tripalium ou canga romana que subjugava escravos) pelo uso do corpo como instrumento de beleza e de prazer. No trabalho, estragamos, submetemos e gastamos o corpo. No carnaval, isso também ocorre, mas de modo inverso. Aqui, o corpo é gasto

pelo prazer e pela “brincadeira”. Daí por que falamos que “nos esbaldamos” ou “liquidamos” no carnaval.” (DaMatta, 2004: 39).

Segundo DaMatta, o carnaval promove a troca dos uniformes pelas fantasias.

“A fantasia liberta, “desconstrói”, abre caminho e promove a passagem para outros lugares e espaços sociais. Ela permite o trânsito das pessoas por dentro de um espaço social que o mundo cotidiano, com suas leis e preconceitos, torna proibitivo. Ademais, ela torna possível passar de “ninguém” a “alguém”; de marginal do mercado de trabalho a figura mitológica.” (DaMatta, 2004:39)

Isso faz sentido de forma especial no Brasil, país que apresenta alto índice de distância hierárquica conforme a escala de Hofstede, onde é desejável ser importante, ter poder, já que há um abismo entre o poderoso e o não poderoso, o politicamente marcado. No mundo dos poderosos, onde há fartura e/ou dinheiro de sobra, muitas vezes em razão de tráfico de influências, pode-se não trabalhar (o trabalho pesado é reservado aos oprimidos enquanto os poderosos administram, delegam tarefas e mandam fazer) e viver em festas e orgias, sempre com muito conforto e prazer. Já no mundo dos politicamente marcados, há que se lutar literalmente pelo pão de cada dia, tudo é mais difícil e penoso. Não é por acaso que o carnaval parece mais importante para as classes socioeconomicamente menos favorecidas e/ou de alguma forma oprimidas.

“É precisamente por estar vivendo uma situação na qual as regras do mundo estão temporariamente de cabeça para baixo que posso ganhar e realmente sentir uma incrível sensação de liberdade. Liberdade fundamental numa sociedade cuja rotina é dominada pelas hierarquias que a todos sujeitam numa escala de direitos e deveres vindos de cima para baixo, dos superiores para os inferiores, dos “elementos” que entram na fila e das “pessoas” que jamais são vistas em público como comuns.” (DaMatta, 2004: 39-40).

DaMatta observa ainda que no carnaval os apadrinhamentos deixam de funcionar porque “o samba está no pé” (DaMatta, 2004:42).

“Por tudo isso, o carnaval é a possibilidade utópica de mudar de lugar, de trocar de posição na estrutura social. De realmente inverter o mundo em direção à alegria, à abundância, à liberdade e, sobretudo, à igualdade de todos perante a sociedade.” (DaMatta, 2004:43).

2.6.3

O malandro como um representante do deixa a vida me levar

Segundo DaMatta, a possibilidade de agir como malandro se dá em todos os lugares, mas há uma área em que ela é privilegiada, a do prazer e da sensualidade, em que o malandro se confunde com o boêmio – como sujeito dedicado a levar uma boa vida, a desfrutar uma existência que permite desejar o máximo de prazer e bem-estar, com um mínimo de trabalho e esforço. Para DaMatta, o malandro é uma personagem nacional que encarna um papel social à disposição para ser vivido no momento em que achamos que a lei pode ser esquecida ou até mesmo burlada, com classe ou jeito, sem o uso da violência e sem chamar a atenção (DaMatta, 2004:53).¹⁹

“No Brasil, portanto, a malandragem não é uma trivial revelação de cinismo e de bom gosto pelo grosseiro e pelo desonesto. É muito mais do que isso. É um estilo profundamente original e brasileiro de viver e, às vezes, de sobreviver, num sistema em que a casa nem sempre fala com a rua e as leis que governam a vida pública nada têm a ver com as boas regras da moralidade costumeira que orientam a honra, o respeito e, sobretudo, a lealdade que devemos aos amigos, aos parentes e aos compadres. Num mundo tão profundamente dividido, a malandragem e o “jeitinho” promovem uma esperança de conciliação harmoniosa e concreta. Esta é a sua importância, este é o seu aceno. Aí está a sua razão de existir como valor social.” (DaMatta, 2004:55).

2.6.4

A felicidade mora no futuro, ou no céu

Segundo DaMatta, a religião pode explicar por que existem ricos e pobres, fortes e fracos, doentes e sãos, dando sentido às diferenciações de poder (DaMatta, 2004: 61). No entanto, o autor afirma:

¹⁹ Ao longo desse trabalho, manifestou-se como tentadora a figura de Macunaíma como legítima expressão do comportamento DVL. No entanto, declarações do autor Mário de Andrade sobre seu icônico personagem desaconselhavam tal intenção. A falta de caráter dele remetia à falta de um caráter nacional, o que diverge do DVL aqui apresentado. Mario de Andrade empregava Macunaíma, com seus estereótipos de comportamento, para lutar pela identidade cultural brasileira. Faltava-nos um caráter nacional, éramos reféns de modelos socioculturais e econômicos. Macunaíma, a representação animica da ideias defendidas pelo autor, conduzia o leitor à valorização de nossas tradições, lendas, folclores, crendices, costumes, falares, bichos e plantas. O próprio Mário de Andrade definiu sua criatura como uma tentativa de fundar a raça brasileira. Mesmo consideradas estas ressalvas, Macunaíma merece ser lembrado em nosso trabalho em virtude da aculturação de alguns de seus traços de comportamento – malandragem e esperteza, por exemplo - encontrados em outra figura mítica, Zé Carioca. Macunaíma e Zé Carioca guardam semelhanças que os enquadram no malandro de Roberto Da Matta. Enquanto o primeiro é um DVL pela “preguiça” de ser brasileiro, o segundo, também um anti-herói e indolente, o é por não considerar o futuro ao executar seus “golpes”.

“Somos um povo que certamente acredita mais no outro mundo do que num Deus autoritário e justiceiro, dono de mandamentos estanques e excludentes. E o outro mundo brasileiro é um plano onde tudo finalmente faz sentido. Lá, não haveria sofrimento, poder, miséria e, sobretudo, impessoalidades e anonimatos desumanos. Todos seriam reconhecidos como pessoas e, ao mesmo tempo, leis universais, como a lei da generosidade e a do eterno retorno: quem dá recebe e quem faz algum mal recebe de volta esse mal – seriam válidas para todos. Todos teriam valor, porque o valor não seria dado pela educação, pelo dinheiro, pelos títulos, pela idade ou pelo sexo, mas pela fé e a sinceridade de cada um e de todos. (...) O outro mundo tem várias formas e são vários os caminhos de se chegar até ele no Brasil. Mas, por detrás de todas as diferenças, sabemos que lá, nesse céu à brasileira, é possível uma relação equilibrada de todos com todos. Esta, pelo menos, é a esperança que se imprime nas formas mais populares de religiosidade...” (DaMatta, 2004:68).

Todas essas características atribuídas aos brasileiros por DaMatta, distribuídas acima do 2.6.1 ao 2.6.4, são indispensáveis para que se possa entender melhor “a alma brasileira”, ou, ao menos, a alma de uma significativa parcela da população brasileira e serão, eventual e oportunamente, úteis para efeitos de uma melhor compreensão da análise dos dados, no capítulo 4.

2.7

Dois gêneros musicais brasileiros

Como afirma Diniz, não existe linguagem mais universal que a música. Ouvimos música no ônibus, no carro, em casa, nas praças, nos estádios, nas festas, no supermercado. Arte brasileira mais reconhecida, sua diversificação expressa a pluralidade do nosso país. (DINIZ & CUNHA, 2014: 7).

“A música, sobretudo a chamada ‘música popular’, ocupa no Brasil um lugar privilegiado na história sociocultural, lugar de mediações, fusões, encontros de diversas etnias, classes e regiões que formam o nosso grande mosaico nacional. Além disso, a música tem sido, ao menos em boa parte do século XX, a tradutora dos nossos dilemas nacionais e veículo de nossas utopias sociais. Para completar, ela conseguiu, ao menos nos últimos quarenta anos, atingir um grau de reconhecimento que encontra poucos paralelos no mundo ocidental.” (NAPOLITANO apud DINIZ & CUNHA, 2014: 7)

É importante dizer que, num primeiro momento, este trabalho se debruçou sobre letras dos mais diversos gêneros musicais brasileiros com a finalidade de pesquisar, num ambiente cultural espontâneo como a música, como os brasileiros têm se expressado no que se refere a ser DVL ou MDF.

Foi verificado, então, que os gêneros samba e rock são aqueles que com mais frequência fazem menção a esses dois tipos de comportamentos ou atitudes perante a vida.

Seguem-se, então, alguns aspectos importantes desses dois gêneros musicais brasileiros: o samba (e o pagode) e o rock nacional.

2.7.1

Samba e pagode

A escolha do samba como material e instrumento de análise do jeito brasileiro de ser, dos Brasis postulados, encontra paralelo em celebrados trabalhos sobre música popular brasileira.

Para Muniz Sodré “nas letras de samba... o que se diz é o que se vive, o que se faz. Não se entenda com isso que haja uma correspondência biunívoca entre o sentido do texto e as ações da vida real, mas que as palavras têm no samba tradicional uma operacionalidade com relação ao mundo, seja na insinuação de uma filosofia da prática cotidiana, seja no comentário social, seja na exaltação de fatos imaginários.” (SODRÉ, 2007: 45).

O Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira registra que “o samba, além de ritmo e compasso definidos musicalmente, traz historicamente em seu bojo toda uma cultura de comidas (pratos específicos para ocasiões), festas, roupas (sapato bico fino, camisa de linho etc), danças variadas (miudinho, coco, samba de roda, pernada etc).”

Dessa maneira, pode-se dizer que é um estilo de música que reflete bem o ideário, o cotidiano e o estilo de vida de uma significativa parcela da sociedade brasileira, com predominância, aparentemente, dos menos favorecidos. Neste trabalho é associado ao DVL porquanto, desde que se estruturou na forma como é conhecido hoje, o samba sempre esteve ligado à boemia, aos malandros, aos terreiros, aos fundos de quintal, às feijoadas, aos orixás, e às camadas mais pobres.

O pagode, por sua vez, é um estilo de música cuja denominação surgiu dos quintais cobertos do Rio de Janeiro, que abrigavam rodas de samba e de partido-alto domésticas, geralmente entre músicos e amadores.

Trata-se de um ritmo nacional por excelência, como diz o Dicionário Cravo Albin da Música Popular:

“O pagode nasceu como uma reação popular à maciça ocupação dos principais meios de difusão, emissoras de rádio e TV, por ritmos alheios à cultura nacional. Ganhou corpo, forma e sucesso nacional nas festas em casas e quadras dos subúrbios cariocas, nos calçadões de bares do Centro do Rio e da periferia.”(ALBIM: www.dicionariompb.com.br)

O pagode, ainda segundo Albin, é mais uma forma sob a qual o samba ressurge em variados ambientes sociais no final da década de 1970. Tem andamento mais ligeiro, agressivo. Um dos ícones desse gênero musical é a canção “Deixa a vida me levar”, interpretada por Zeca Pagodinho, que dá título a este trabalho. (ALBIM: www.dicionariompb.com.br)

2.7.2

Rock e rock nacional

Do inglês “balançar”, rock é uma designação genérica para a música popular de origem norte-americana consolidada na metade do século XX que se difundiu em todos os países do mundo e permanece viva ou na sua forma clássica ou em manifestações variantes. Mais especificamente, refere-se ao chamado *rock’n’ roll* derivado do *rhythm’n’ blues* de Bill Halley, Elvis Presley, Chuck Berry, Bo Didley, Little Richard e tantos outros compositores e cantores de sucesso.

O rock esteve quase sempre associado à revolução de costumes, movimentos de contracultura e protesto, experimentação, liberdade sexual, e por vezes à apologia das drogas. No Brasil, teve no iê-iê-iê da jovem-guarda dos anos 60 e 70 seu primeiro representante. Na década de 1980 o rock brasileiro prosperou: havia um clima de melancolia no final dos governos militares em 1985 e de frustração depois da vibrante campanha popular pelas eleições diretas com a morte de Tancredo Neves e a posse do vice José Sarney. (ALBIN, 2000: 48). Grupos como a Blitz, Barão Vermelho, Legião Urbana, Os Paralamas do Sucesso e Titãs marcaram os jovens dessa geração com o carisma e as letras de seus líderes.

O rock sempre frequentou as classes mais abastadas, percebidas como mais organizadas no tocante a planejamento de vida e com condições

socioculturais e econômicas que parecem associadas à sua administração do próprio tempo e ao seu não abrir mão da construção do próprio destino.

“No Brasil, o rock estava ligado à classe média, aqueles que tinham acesso aos meios de comunicação de massa e grana para comprar discos, revistas, livros, frequentar shows e adquirir guitarras elétricas.” (DINIZ & CUNHA, 2014:105-106)

É possível que essa sua situação lhes permita com uma maior frequência protestar e questionar o status quo na medida em que geralmente dispõem de uma melhor instrução e mais acesso à informação, como também pela possibilidade de reservarem tempo para fazerem balanços e terem mais consciência sobre sua própria vida e seu contexto em sociedade e verificarem o que pode ou deve melhorar para planejarem e eventualmente implementarem tal melhoria.

3 Metodologia

As teorias interculturalistas de Richard Lewis e de Geert Hofstede descrevem e explicam características gerais de culturas nacionais, no entanto não tratam de aspectos culturais específicos ou comportamentos peculiares de cada país, como o DVL.

Hofstede, por exemplo, estudou mais de 50 países por meio de pessoas que trabalhavam em subsidiárias locais da International Business Machines (IBM) para diferenciar as culturas nacionais entre si. Ora, culturas organizacionais ou corporativas têm índole diversa da de uma nação, sendo diferentes, em vários aspectos, das culturas nacionais. Os membros de uma organização tomaram um dia a decisão de unir-se a ela, participam dela somente durante as horas de trabalho e podem um dia abandoná-la. O comportamento de indivíduos dentro de uma empresa, ainda que sob influência da cultura nacional em que se inserem, não pode ser considerado genuinamente nacional. Isto porque eles têm que se submeter à cultura da empresa, que pode variar de país para país e de empresa para empresa num mesmo país.

O DVL é um comportamento difícil de ser detectado ou mesmo imaginado em um ambiente empresarial multinacional como a IBM, por exemplo. Ali, ainda que a cultura nacional exerça uma influência significativa no cotidiano da empresa, não se concebe um funcionário desorganizado, sem planejamento, que adie tudo *ad eternum* e comprometa a eficiência e o lucro.

Dessa forma, em meio às diversas possibilidades de manifestações culturais mais naturais ou genuínas da cultura brasileira, nas quais o DVL poderia ser percebido, partimos do pressuposto de que letras de músicas se constituíam em uma rica fonte de informações sobre o modo de ser, pensar, sentir e ver o mundo e a vida, formando assim um corpus mais adequado do que o eventualmente encontrado numa empresa multinacional para analisar um tipo de comportamento como esse. Afinal, a música permeia todas as classes e ultrapassa os limites dos ambientes de trabalho, fazendo parte do dia a dia das pessoas em todas as situações da vida em sociedade e as letras das canções costumam retratar a cultura de quem as consome.

Assim, inicialmente, procurou-se identificar tudo o que pudesse se relacionar com o DVL nas letras de música de diversos gêneros musicais: samba, pagode, rock, bossa nova, mpb, forró, sertanejo, axé, funk, hip-hop, etc. No entanto, por ter sido constatada, durante a pesquisa, uma incidência significativamente maior de alusões ao DVL no samba ou no pagode e tendo sido observado que tal comportamento costumava ser retratado negativamente nas letras de rock ao passo que nas de samba ocorria o contrário, percebeu-se que ali estava o material a ser analisado. A partir de então, ficou clara a existência dos dois grupos postulados na hipótese formulada no item 1.1 deste trabalho.

Em seguida, então, para a composição do corpus, foram escolhidas as letras de samba e de rock em que a referência ao DVL ou a seu oposto era mais evidente, e dessa seleção, escolhemos para análise as músicas que parecem mais representativas de cada um dos referidos grupos: “Deixa a vida me levar” (compositores: Eri do Cais e Serginho Meriti; intérprete: Zeca Pagodinho), “Devagar, devagarinho” (compositor: Eraldo Divagar; intérprete: Martinho da Vila) e “Vou deixar para amanhã” (compositores: João Nogueira, Maurício Tapajós e Aldir Blanc; intérprete: Beth Carvalho), retratando o grupo DVL; “O tempo não para” (compositores: Arnaldo Brandão e Cazuza; intérprete: Cazuza), “Até quando esperar” (compositores: Joel Gutje, Philippe Seabra e André X; intérprete: Plebe Rude) e “Inútil” (compositor e intérprete: Ultraje a Rigor), retratando o grupo MDF; e “Epitáfio” (compositor: Sérgio Britto; intérprete: Titãs), “O fácil é o certo” (compositor e intérprete: Titãs) e “Só por hoje” (compositor: Dado Villa-Lobos e Renato Russo, intérprete: Legião Urbana), retratando o CCD, um subgrupo do MDF, identificado no decorrer da pesquisa, como veremos na análise de dados, no capítulo 4.

Assim, para investigar o DVL, esta pesquisa de perfil qualitativo e base etnográfica toma emprestadas ao modelo de Hofstede as três dimensões que parecem mais produtivas para o estudo desse comportamento: evitação ou controle de incerteza (UAI), orientação de longo prazo (LTO) e indulgência (IVR). Aqui elas são aplicadas como conceitos instrumentais de análise a um corpus fora de ambiente de trabalho, em que as manifestações culturais tendem a ser mais espontâneas e, portanto, mais próximas à real cultura nacional.

Por meio de letras de samba e pagode, nas quais se podem encontrar indícios do DVL, e letras de rock nacional, que parecem tender para o inverso,

este trabalho analisa como se processam a evitação ou controle de incerteza, a orientação de longo prazo e a indulgência na cultura brasileira genuína. É considerada aqui ainda a aparente ligação entre classe social e os mencionados gêneros musicais, para verificar a pertinência das hipóteses formuladas no item 1.1.

A seguir, as dimensões que servem como conceitos instrumentais de análise no capítulo 4 e as características geralmente associadas a elas, constatadas por Hofstede em sua pesquisa, bem como a interpretação do autor à classificação do Brasil em cada uma dessas dimensões.

3.1

Evitação de incerteza e o índice de evitação de incerteza (UAI) de Hofstede

Extrema ambiguidade cria ansiedade intolerável e cada sociedade humana desenvolveu maneiras diferentes para aliviar essa ansiedade. Essas maneiras se manifestam nos domínios da tecnologia, lei e religião. Sentimentos de incerteza podem também ser parcialmente partilhados com outros membros de uma sociedade, uma vez que são adquiridos e aprendidos (HOFSTEDE, 2010: 189).

O índice de evitação de incerteza pode ser definido como o quanto membros de uma cultura se sentem ameaçados por situações ambíguas ou desconhecidas. Este sentimento é, entre outras manifestações, expressado por meio de estresse nervoso e de uma necessidade de previsibilidade, de regras, por escrito ou não (HOFSTEDE, 2010: 191).

Segundo a pesquisa de Hofstede, o Brasil tem um índice considerado alto em UAI (evitação de incerteza), compondo um grupo de países que apresentam, de modo geral, as características e peculiaridades relacionadas a seguir por conta de sua dificuldade em lidar com a incerteza e a ambiguidade.

A primeira, a mais importante delas, pois desencadeia as demais, é que esse grupo percebe a incerteza inerente à vida como ameaça contínua a ser combatida, o que gera muito estresse e alta ansiedade.

Nos países com alto índice UAI, conforme os resultados da pesquisa de Hofstede, existe a tendência de que tanto a agressão quanto a emoção só podem ser demonstradas em determinados momentos e locais. Seus cidadãos costumam

aceitar apenas os riscos conhecidos e têm medo de situações ambíguas e desconhecidas (o diferente é perigoso).

Para eles, as regras devem ser estritas para as crianças sobre o que é sujo e tabu. Nota-se ainda o desenvolvimento de fortes superegos, bem como a diversidade nos modos de agir com diferentes pessoas – analisa Hofstede.

Segundo o autor, a vida em família é considerada estressante nesses países e, sobretudo nos emergentes, soma-se a preocupação com o custo de ter e criar filhos.

Onde o índice UAI é alto, sua pesquisa observa ainda mais gente com sentimento de infelicidade e preocupação com saúde e dinheiro, estudantes que não discutem ou questionam, uma vez que os professores supostamente têm todas as respostas.

Além disso, sua pesquisa conclui que nos países que têm esse alto índice de evitação de incerteza, costuma-se atribuir resultados às circunstâncias ou à sorte, as pessoas leem menos livros e jornais, percebe-se hesitação quanto a novos produtos e tecnologias, os investimentos tendem a ser conservadores, apela-se mais a experts em propaganda e são menos frequentes as mudanças de empregador.

Segundo Hofstede, percebe-se nelas ainda uma necessidade emocional por regras e pela valorização do tempo, considerado dinheiro, bem como por precisão e formalização, e uma crença maior em experts e soluções técnicas.

Piores em invenção e melhores em implementação, costumam ser motivados pela segurança e ter muitas e precisas leis ou regras não escritas - leis são necessárias ainda que não sejam cumpridas – embora seus órgãos de justiça sejam lentos. Para eles, os cidadãos são geralmente tidos como incompetentes diante das autoridades e protestos devem ser reprimidos – conclui Hofstede.

Em geral, nesses países, os cidadãos não se interessam por política e têm uma visão negativa dos políticos e dos funcionários públicos, não acreditando em seu próprio sistema legal - afirma o autor.

Finalmente, segundo Hofstede, onde o índice de evitação de incerteza é alto, nota-se conservadorismo, falta de confiança nos jovens, extremismo e repressão do extremismo, preconceito étnico, xenofobia, nacionalismo agressivo, intolerância religiosa, fundamentalismo e pouca participação em voluntariados. A corrupção é mais perceptível para observadores de fora.

Algumas dessas características listadas acima, constatadas por Hofstede em sua pesquisa como relacionadas às culturas com alto índice UAI (HOFSTEDE, 2010: 200 - 234), podem ser encontradas em maior ou menor grau no Brasil. No entanto, outras soam absurdas.

Assim, em linhas gerais, a dimensão UAI torna-se fundamental na análise de dados deste trabalho e precisa ser verificada a partir desse novo corpus, uma vez que o Brasil não costuma ser percebido nem parece se enxergar como um país ansioso e estressado. Pelo contrário, sua imagem geralmente é a de uma cultura distensa, aparentemente mais compatível com o DVL. Se o Brasil apresenta um alto UAI na pesquisa de Hofstede, como justificar a existência do DVL em sua cultura?

3.2

Orientação de longo prazo (LTO) segundo Hofstede

Assim como persistência e economia refletem uma orientação voltada para o futuro, estabilidade pessoal e tradição podem ser vistas como uma orientação estática voltada para o presente e para o passado.

A orientação de longo prazo simboliza o encorajamento de virtudes orientadas para recompensas futuras, em particular perseverança e economia. Seu polo oposto, orientação de curto prazo, representa o encorajamento de virtudes relacionadas com o passado e o presente, em particular, respeito por tradições, preservação de face e cumprimento de obrigações sociais. (HOFSTEDE, 2010: 239)

Nessa categoria ou dimensão, a orientação de longo prazo, o Brasil, com o escore de 49, ainda que pouco abaixo da média, tenderia para fraco, ou seja, com orientação de curto prazo (HOFSTEDE, 2010: 256). A aparente falta de pressa de muitos brasileiros ou sua atitude muitas vezes estática e em defesa do pouco ou menor esforço no que se refere a cumprimento de obrigações em geral, por exemplo, pode ilustrar isso.

A preferência pelos resultados rápidos em detrimento dos de longo prazo (no sentido de que perseverar, ou seja, esforçar-se por longo tempo, envolve muito trabalho e esforço), a pressão social por gastar, a falta de preocupação em economizar, a importância do tempo para lazer, a crença de que sucesso e fracasso

dependem exclusivamente da sorte são algumas das características relativas à tendência pela orientação de curto prazo nessa dimensão (HOFSTEDE, 2010: 243 - 275) e podem ser percebidas na cultura brasileira, sem maiores estranhamentos.

Nosso país tem a particularidade do apego ao passado - é conservador e tradicional - mas vive no futuro, segundo Hofstede, o que talvez possa ser lido como motivo de certa inércia no presente. Em vez de se concentrar no agora e agir hoje para garantir que o futuro seja melhor que o presente como se acredita e espera, parte do Brasil – definida neste trabalho como Brasil DVL - parece sempre adiar e contar com a sorte, com o próprio futuro – como expresso pelo sentimento popular “deixa a vida me levar porque ela sabe melhor o que faz” -, e com Deus, tido como o responsável pelo melhor destino para cada um. Quanto ao Brasil MDF, parece ocorrer justamente o contrário.

A dimensão LTO mostra-se indispensável como conceito instrumental de análise neste trabalho na medida em que as características que Hofstede associa às culturas de curto prazo e às de longo prazo parecem, respectivamente, serem compatíveis com aquelas dos Brasis postulados em 1.1 e que se pretende aqui investigar: o DVL e o MDF.

3.3

Indulgência versus restrição (IVR), segundo Hofstede

Indulgência representa uma tendência para permitir gratificações relativas aos desejos naturais básicos humanos relacionados a aproveitar a vida, no sentido de curtir-la, ter prazer, divertir-se.

Seu polo oposto, restrição, reflete a convicção de que esse tipo de gratificação precisa ser regulado por estritas normas sociais.

O índice do Brasil é 59, mais para o forte no que tange à indulgência, o que justificaria as características e peculiaridades propostas por Hofstede para os países fortes no tocante a essa dimensão, listadas a seguir.

A primeira delas é o fato de o Brasil possuir uma grande percentagem de pessoas muito alegres, com percepção de que o lazer é fundamental e que economia não é tão importante.

Outra diz respeito à falta de rigidez na sociedade em geral, em que se espera serem lembradas apenas as emoções positivas, em meio a menos moral e

disciplina e maior otimismo, o que resultaria em uma menor taxa de morte devido a problemas cardiovasculares.

Há também grande aceitação de música e filmes estrangeiros, maior satisfação na vida em família e o sentimento de que as tarefas domésticas devem ser partilhadas por homens e mulheres.

É uma sociedade em que sorrir é norma, as pessoas encontram-se ativamente envolvidas com esportes, e e-mails e internet são usados frequentemente para contatos privados.

Segundo Hofstede, nas culturas que tendem para um IVR alto, há menos consumo de peixe, mais consumo de refrigerantes e cerveja, e a liberdade de expressão é muito importante. Nelas, manter a ordem na nação não é prioridade e há menos policiamento.

A utilização da dimensão IVR mostra-se, portanto, um conceito instrumental de análise de suma importância para este trabalho na medida em que permitirá associar as características de indulgência e de restrição respectivamente ao Brasil DVL e o Brasil MDF.

4

Análise de dados

Por meio da análise de letras de samba, pagode e rock, é estabelecida a existência de dois Brasis - o Brasil deixa a vida me levar (Brasil distenso) e o Brasil meu destino eu faço (Brasil estressado). É identificado também um subgrupo deste último, o Brasil custa caro demais eu fazer o meu destino (Brasil cansado de ser estressado) – que passamos a classificar como DVL, MDF e CCD, respectivamente.

Enquanto o grupo DVL se destaca pelo seu relaxamento, nota-se a presença de tensão em MDF e em seu subgrupo CCD, mas por motivos diferentes: o MDF contra a filosofia de vida do grupo DVL, já que considera fundamental o planejamento de tudo na vida e o uso do tempo em prol da máxima produção e perceberia o DVL como obstáculo a isso, e o CCD de certa forma contra sua própria filosofia de vida MDF, no sentido de que tende a achar que a vida é curta demais para só se dedicar ao trabalho e à produção sem se preocupar com o mínimo de prazer que justifique todo seu esforço. Esse subgrupo do Brasil MDF tem certa simpatia pelo modo alegre e distenso de levar a vida do Brasil DVL e busca se aproximar dele, mas com a devida parcimônia que garanta ainda poder ter nas mãos, na medida do possível, as rédeas de seu destino.

De acordo com a metodologia tipológica de Lewis, pode-se visualizar esses Brasis em pontos distintos de uma escala ao considerar que há o tenso, o menos tenso e o distenso e um olha para o outro de perspectivas diferentes.

Nos parágrafos seguintes, são apresentadas as nove letras mencionadas no capítulo 3, aplicando-lhes as dimensões **evitação ou controle de incerteza (UAI)**, **orientação de longo prazo (LTO)** e

indulgência (IVR), do Modelo de Hofstede, como conceitos instrumentais de análise, com o objetivo de demonstrar como se manifestam em cada um dos Brasis propostos por este trabalho. Antes, porém, é importante conhecer a tendência de tais dimensões em cada um deles.

No grupo DVL, constata-se características que apontam para a tendência por um baixo UAI, um baixo LTO e um alto IVR. No grupo MDF, seu oposto, a tendência é de um alto UAI, um alto LTO e um baixo IVR. Já no subgrupo de MDF, o CCD, intermediário entre os dois anteriores, verifica-se um médio UAI (não está estressado, mas parece triste ou insatisfeito por ter se estressado tanto), um médio LTO e um alto IVR (uma necessidade muito grande de prazer).

4.1

Músicas representativas do Brasil deixa a vida me levar (grupo DVL) e sua análise segundo o modelo dimensional de Hofstede.

Neste item, estão as letras completas das músicas selecionadas por este trabalho que retratam a filosofia de vida do grupo DVL e o destaque dos trechos em que se pode identificar a tendência do referido grupo por um baixo UAI, um baixo LTO e um alto IVR.

4.1.1

“Deixa a vida me levar” (composição: Eri do Cais e Serginho Meriti; intérprete: Zeca Pagodinho)

Sucesso da música popular brasileira, “Deixa a vida me levar”, gravada em 2002 por Zeca Pagodinho no disco de mesmo nome, tornou-se o hino da seleção brasileira de futebol na conquista do pentacampeonato mundial no mesmo ano em que foi lançada. A filosofia contida na premiada

música - Grammy Latino em 2003 e Prêmio Tim em 2004 como melhor samba -, pode ser vista como uma libertação da preocupação e da ansiedade pelo futuro ao invés de mera apologia ao conformismo:

*Eu já passei
Por quase tudo nessa vida
Em matéria de guarida
Espero ainda a minha vez
Confesso que sou
De origem pobre
Mas meu coração é nobre
Foi assim que Deus me fez...*

*E deixa a vida me levar
(Vida leva eu!)
Deixa a vida me levar
(Vida leva eu!)
Deixa a vida me levar
(Vida leva eu!)
Sou feliz e agradeço
Por tudo que Deus me deu...*

*Só posso levantar
As mãos pro céu
Agradecer e ser fiel
Ao destino que Deus me deu
Se não tenho tudo que preciso
Com o que tenho, vivo
De mansinho lá vou eu!*

*Se a coisa não sai do jeito que eu quero
Também não me desespero
O negócio é deixar rolar
E aos trancos e barrancos
Lá vou eu!
E sou feliz e agradeço por tudo que Deus me deu...*

Na letra dessa música, cujo título batiza o grupo DVL, é possível notar o espírito de um Brasil que não se abate com as dificuldades e a falta de oportunidades e não busca interferir no cumprimento do destino, que vê como algo imutável, limitando-se a procurar viver com alegria, sempre norteado por um pensamento equivalente a ditos populares como **o que tiver que ser será e o que vier é para melhor**.

É bastante representativa do grupo DVL, pois celebra o modo de vida de uma pessoa de origem socioeconomicamente menos favorecida –

sou de origem pobre -, que, por conformismo e/ou por falta de ambição (ser pobre não constitui defeito para esse grupo que prioriza os bons sentimentos e relações interpessoais - *meu coração é nobre*), em vez de agir até mudar sua situação, espera com fé por um futuro melhor – *espero ainda minha vez*, e é feliz e grata a Deus – *sou feliz e agradeço por tudo o que Deus me deu* -, interpretando destemidamente o destino como vontade de Deus, visto como pai protetor.

De forma geral, percebe-se aí uma visão muito positiva da vida, que não enfoca o presente, mas o futuro sem preocupações - porque a esperança o prevê melhor -, e ainda a noção de que o tempo é algo abundante, de que é preciso viver sem pressa, relaxada e prazerosamente, sem lamentações.

Contudo, ao analisá-la mais detidamente, em *eu já passei por quase tudo nessa vida e em matéria de guarida espero ainda a minha vez*, o verbo *espero* demonstra certa inação diante da vida (espera-se há muito tempo), uma característica peculiar às culturas com alto UAI que refletem uma espécie de negativismo que, segundo Hofstede, atribui ou à sorte ou ao acaso a possibilidade de um destino melhor, uma vez que somente um deles - e não a ação - poderia ser responsável por resultados positivos em uma vida. Todavia, enquanto tal sentimento viria acompanhado de ceticismo e até de alguma revolta no Brasil MDF, no Brasil DVL, ele é acompanhado de esperança e fé num futuro melhor e, em lugar de revolta, vemos resignação.

O refrão *deixa a vida me levar (vida leva eu) (...) sou feliz e agradeço por tudo o que Deus me deu* e as estrofes *só posso levantar as mãos pro céu, agradecer e ser fiel ao destino que Deus me deu; se não tenho tudo o que preciso, com o que tenho, vivo, de mansinho lá vou eu e se a coisa não sai do jeito que eu quero, também não me desespero, o negócio é deixar rolar* revelam uma maneira diferente de uma cultura de alto UAI manifestar seu desconforto com o desconhecido, com o que não se pode controlar, com a incerteza: em vez do estresse e da revolta, a fé que acalma e ao mesmo tempo paralisa e a aceitação da vida como ela é. As expressões *deixa a vida me levar* e *o negócio é deixar rolar* demonstram bem a falta de

intenção em interferir no que se entende como destino, e que, portanto, já estaria traçado.

Enquanto o Brasil MDF tenta, a qualquer custo, evitar incertezas, e por isso se estressa, preocupando-se, temendo, frustrando-se e revoltando-se frequentemente por não conseguir o que quer e aquilo pelo que lutou, o Brasil DVL procura viver e cantar suas dificuldades de forma lúdica, tirando prazer do que for possível, fazendo questão de se manter feliz em qualquer situação, e, agradecido a Deus pelo que possui (mesmo se pouco), prefere deixar que o destino se encarregue de tudo. Trata-se de um grupo que acredita que qualquer ação que busque controlá-lo é em vão.

Assim, esse Brasil mais alegre leva a vida com todos os seus problemas e segue seu destino, superando o medo com fé e confiança em Deus. A frase *e aos trancos e barrancos, lá vou eu* soa como constatação de que tudo acaba dando certo para aquele que crê na generosa mão de Deus. Em *de mansinho lá vou eu*, a expressão de mansinho demonstra a ideia de que, para se progredir, o esforço deve ser o mínimo necessário.

4.1.2

“Devagar, devagarinho” (composição: Eraldo Divagar; intérprete: Martinho da Vila)

A música “Devagar, devagarinho” foi lançada em 1995 no álbum **Tá delícia, tá gostoso**, de Martinho da Vila, que o transformou em segundo sambista a ultrapassar a marca de um milhão de cópias vendidas:

É devagar!
É devagar!
É devagar é devagar
Devagarinho...(4x)

Devagarinho
É que a gente chega lá

*Se você não acredita
Você pode tropeçar...*

*E tropeçando
O seu dedo se arrebenta
Com certeza não se aguenta
E vai me xingar...*

*É devagar!
É devagar!
É devagar é devagar
Devagarinho...(4x)*

*Eu conheci um cara
Que queria o mundo apagar
Mas de repente
Deu com a cara no asfalto
Se virou olhou pro alto
Com vontade de chorar...*

*É devagar!
É devagar!
É devagar é devagar
Devagarinho...(4x)*

*Sempre me deram a fama
De ser muito devagar
E desse jeito
Vou driblando os espinhos
Vou seguindo o meu caminho
Sei aonde vou chegar...*

*É devagar!
É devagar!
Oh! Oh! Oh!
É devagar é devagar
É devagar é devagar
Devagarinho...(2x)*

*É devagar!
É devagar!
É devagar é devagar
Devagarinho...(10x)*

Percebe-se aí, pela repetição constante das palavras devagar e devagarinho, uma exaltação a uma postura acomodada, sem iniciativa, que realça a ideia contida em *Devagarinho é que a gente chega lá; se você não acredita você pode tropeçar...*, no sentido de que é somente devagar, sem pressa, que se pode realizar conquistas. Tal modo de pensar, como

manifestado nessa letra, é característico do grupo DVL e evidencia, sobretudo, seu baixo LTO.

No trecho *Sempre me deram a fama de ser muito devagar e desse jeito vou driblando os espinhos, vou seguindo meu caminho, sei aonde vou chegar...*, podem-se encontrar indícios de que o modo de ser devagar não é partilhado por todos os brasileiros, que esse modo de ser devagar seria tido como condenável pelos integrantes do grupo MDF, que criticam o baixo LTO do grupo DVL.

Além disso, parece muito representativa a escolha do verbo driblar em *driblando os espinhos*, que remete à ideia de desviar e não de enfrentar os espinhos, representantes das dificuldades, apontando para uma noção de que o certo é seguir em frente, privilegiando o caminho mais fácil e postergando a solução dessas dificuldades. Aliás, para que solucioná-las ou resolvê-las se for possível ignorá-las e passar ao largo delas? Eis aí uma demonstração de baixo UAI: é preciso manter o autocontrole, o que equivaleria, em linguagem popular, a *o negócio é ficar frio* ou *fazer do limão limonada*, afinal, não vale a pena desperdiçar energia tentando consertar, melhorar ou interferir no destino e no status quo. Energia, para o grupo DVL, com alto IVR, é algo que só deve ser consumido em festas, alegrias, prazeres, uma vez que, como diz o adágio popular, *só se leva da vida a vida que se leva*.

Finalmente, a leitura que fazemos de *sei aonde vou chegar...* corresponderia ao seguinte pensamento, que, para nós, encontra-se nas entrelinhas e que poderia figurar na mente de um integrante do grupo DVL: não sei nem me interessa saber aonde vou chegar, mas, quando afirmo que sei, quero dizer que sei que só pode ser um futuro melhor. Essa fé, a confiança inabalável num futuro bom e essa certeza de que não há o que temer impossibilitam definitivamente um alto grau de tensão, um alto UAI no grupo DVL.

4.1.3

“Vou deixar para amanhã” (composição: João Nogueira, Maurício Tapajós e Aldir Blanc; intérprete: Beth Carvalho)

Cantada por Beth Carvalho pela primeira vez em seu álbum **Traço de União**, em 1982, “Vou deixar para amanhã” reflete muito bem como o grupo DVL dispõe do tempo:

*Eu vou deixar pra amanhã
O que posso fazer hoje
E vou deixar pra mais tarde
A importante decisão
De mudar a minha vida
De criar juízo e mais vergonha
E de parar de beber
De nunca mais ir tão fundo
Vou deixar de ser, eu vou deixar de ser
A palmatória do mundo*

*Eu vou deixar pra amanhã, de manhã
E amanhã de manhã eu resolvo
Deixar pra depois de amanhã
Pago com a multa maldita
A minha conta vencida
E vou na madrugada
Empurrando com a barriga
Meu destino bagunceiro
Há quem fale quanto a esse detalhe
Ele parece que tem vocação pra padeiro*

Em *eu vou deixar pra amanhã o que posso fazer hoje e vou deixar pra mais tarde a importante decisão de mudar a minha vida*, pode-se perceber com clareza a tendência em adiar ações, sobretudo quando ligadas ao trabalho e às obrigações cotidianas, tendência esta que caracteriza o baixo LTO do grupo DVL. Essa fuga ou dribble às responsabilidades prementes é reforçada ainda pelos trechos *vou deixar pra amanhã de manhã, e amanhã de manhã resolvo e empurrando com a barriga meu destino bagunceiro*. A escolha da expressão idiomática *empurrar com a barriga* denota a má vontade que o grupo tem para com o que não seja ligado, por exemplo, ao lazer. Para esse grupo, o uso do tempo costuma ser dedicado preferencialmente ao prazer, às relações interpessoais e ao

que de bom pode vir delas, o que o categoriza como de alto IVR. Todo o resto importa pouco ou não importa e é postergado, geralmente contando com certa criatividade que se acredita comum aos Brasis aqui postulados: o jeitinho brasileiro. O trecho *pago com a multa maldita a minha conta vencida* pode ilustrar isso com seu tom de descaso com as responsabilidades e obrigações.

O Brasil representado pelo grupo DVL parece ter consciência de que precisa evoluir. Em *a importante decisão de mudar minha vida, de criar juízo e mais vergonha, parar de beber*, isso fica patente e parece mesmo em consonância com o modo de pensar do grupo MDF, que tanto costuma reprovar seu modo de ser.

Em *vou deixar de ser a palmatória do mundo*, é possível vislumbrar uma vontade de não ser mais discriminado como pertencente a um Brasil DVL, que, numa visão do tipo MDF ou CCD, poderia ser entendido como obstáculo ao progresso do país.

Quanto ao epíteto bagunceiro, qualificando destino em *meu destino bagunceiro*, parece refletir uma impressão que integrantes do grupo DVL possam ter sobre seu próprio destino, personificando-o e transferindo-lhe a responsabilidade por sua desorganização, falta de planejamento e má distribuição do uso do tempo, características que dificultam um controle mínimo sobre sua sorte.

4.2

Músicas representativas do Brasil meu destino eu faço (grupo MDF) e sua análise segundo o modelo dimensional de Hofstede.

Neste item, estão as letras completas das músicas selecionadas por este trabalho que retratam a filosofia de vida do grupo MDF e o destaque dos trechos em que se pode identificar a tendência do referido grupo a um alto UAI, um alto LTO e um baixo IVR.

4.2.1

“O tempo não para” (composição: Ashman, Arnaldo Brandão e Cazuza; intérprete: Cazuza)

“O tempo não para” foi lançada em 1989 no álbum de mesmo nome, o quarto álbum solo de Cazuza e último registro ao vivo do cantor, considerado por muitos como seu melhor trabalho, contando com sucessos de toda a sua carreira solo e da carreira com o Barão Vermelho. Essa canção teve enorme sucesso em todo o Brasil e logo se tornou um clássico de Cazuza. O disco também é o mais vendido do cantor, com mais de um milhão de cópias comercializadas.

*Disparo contra o sol,
Sou forte, por acaso
Minha metralhadora cheia de mágoas
Eu sou um cara
Cansado de correr
Na direção contrária
Sem pódio de chegada ou beijo de namorada
Eu sou mais um cara*

*Mas se você achar
Que eu tô derrotado
Ainda estão rolando os dados
Porque o tempo, o tempo não para*

*Dias sim, dias não
Eu vou vivendo sem um arranhão
Da caridade de quem me detesta*

*A tua piscina tá cheia de ratos
Tuas ideias não correspondem aos fatos
O tempo não para*

*Eu vejo o futuro repetir o passado
Eu vejo um museu de grandes novidades
O tempo não para
Não para, não, não para*

*Eu não tenho data pra comemorar
Às vezes os meus dias são de par em par
Procurando agulha num palheiro
Nas noites de frio é melhor nem nascer
Nas de calor, se escolhe: é matar ou morrer
E assim nos tornamos brasileiros
Te chamam de ladrão, de bicha, maconheiro
Transformam o país inteiro num puteiro
Pois assim se ganha mais dinheiro*

A tua piscina tá cheia de ratos

*Tuas ideias não correspondem aos fatos
O tempo não para*

*Eu vejo o futuro repetir o passado
Eu vejo um museu de grandes novidades
O tempo não para
Não para, não, não para*

*Dias sim, dias não
Eu vou vivendo sem um arranhão
Da caridade de quem me detesta*

*A tua piscina tá cheia de ratos
Tuas ideias não correspondem aos fatos
O tempo não para*

*Eu vejo o futuro repetir o passado
Eu vejo um museu de grandes novidades
O tempo não para
Não para, não, não para*

A música “O tempo não para” é representativa do grupo MDF, uma vez que em sua letra pode-se não apenas verificar um alto grau de ansiedade, estresse, nervoso, como também a fixação pelo tempo que se esgota. Contém todo um clima pesado que parece misturar mau-humor, raiva, indignação, revolta. Impregnada por um negativismo constante, tem um tom crítico, irônico e questionador para reclamar das dificuldades da vida e dizer que não há o que comemorar.

Em *sou forte por acaso, minha metralhadora cheia de mágoas e cansado de correr na direção contrária*, vê-se manifestarem-se respectivamente três características ligadas ao índice UAI: a percepção de que tudo o que acontece de bom é devido à sorte, a agressividade aliada ao espírito de revolta e insatisfação com a vida e o misto de cansaço e estresse, que encara o viver como uma luta que parece incessante e inglória. Tudo isso sem fazer jus nem a *pódio ou beijo de namorada*, ou seja, sem a compensação, o que demonstra o quanto a sensação de recompensa em prazer costuma ser nula nas culturas de alto UAI e baixo IVR.

A obsessão pelo tempo que escorre pelas mãos impotentes para controlá-lo fica bem clara em *o tempo não para, o tempo não para*. Aí

pode-se perceber o estresse gerado pela falta de possibilidade de controlar tudo, característica de culturas de alto UAI. Pode-se verificar também a fixação pelo tempo, que deve ser aproveitado ao máximo e da melhor forma possível. É a perspectiva de que tempo é dinheiro, comum nas culturas de alto LTO, que valorizam ao máximo o aproveitamento do tempo para o cumprimento de tarefas e obrigações, reservando para o descanso, o lazer e o relaxamento o mínimo possível.

Nos trechos *dias sim, dias não, eu vou vivendo sem nenhum arranhão da caridade de quem me detesta e eu vejo o futuro repetir o passado, eu vejo um museu de grandes novidades*, pode-se notar amargura e tom de crítica por meio da constatação de que o tempo passa, mas tudo permanece igual num mundo visto como hipócrita e incapaz de mudar ou de controlar a própria sorte. Isto se afina com as características das culturas de alto índice UAI e de baixo índice LTO. É possível vislumbrar aí, inclusive, uma dificuldade de relacionamento interpessoal, muitas vezes observada em culturas com esses patamares em UAI e LTO.

Finalmente, em *não tenho data para comemorar*, é possível constatar mais uma vez como pode ser baixo o índice IVR nas culturas de alto UAI, uma vez que, com frequência, parecem não ter nada de bom para comemorar nem tempo a desperdiçar (LTO alto) com celebrações.

4.2.2

“Até Quando Esperar” (composição: Joel Gutje, Philippe Seabra e André X; intérprete: Plebe Rude)

“Até Quando Esperar” fala da realidade da pobreza nas ruas de grandes cidades do Brasil, dos garotos de rua e mendigos, desferindo uma crítica poderosa à corrupção política no fim dos governos militares.

*Não é nossa culpa
Nascemos já com uma bênção
Mas isso não é desculpa
Pela má distribuição
Com tanta riqueza por aí, onde é que está*

Cadê sua fração
 Com tanta riqueza por aí, onde é que está
 Cadê sua fração
 Até quando esperar
 E cadê a esmola que nós damos
 Sem perceber que aquele abençoado
 Poderia ter sido você
 Com tanta riqueza por aí, onde é que está
 Cadê sua fração
 Com tanta riqueza por aí, onde é que está
 Cadê sua fração
 Até quando esperar a plebe ajoelhar
 Esperando a ajuda de Deus
 Até quando esperar a plebe ajoelhar
 Esperando a ajuda de Deus
 Posso
 Vigiar teu carro
 Te pedir trocados
 Engraxar seus sapatos
 Posso
 Vigiar teu carro
 Te pedir trocados
 Engraxar seus sapatos
 Sei
 Não é nossa culpa
 Nascemos já com uma bênção
 Mas isso não é desculpa
 Pela má distribuição
 Com tanta riqueza por aí, onde é que está
 Cadê sua fração
 Com tanta riqueza por aí, onde é que está
 Cadê sua fração
 Até quando esperar
 A plebe ajoelhar
 Até quando esperar
 A plebe ajoelhar
 Esperando a ajuda do divino Deus

Nessa letra, recorre-se ao discurso indireto livre para simular uma espécie de diálogo entre um brasileiro de boa condição socioeconômica e outro de condição socioeconômica bem inferior.

O primeiro, incomodado com a desigual distribuição de riquezas do Brasil, justifica sua posição socioeconômica como obra do acaso, esse que é o responsável pelo que de bom acontece (alto UAI): *Não é nossa culpa, nascemos já com uma bênção*. O uso da palavra culpa mostra um constrangimento em se ter uma melhor condição socioeconômica num país em que há grande distância entre os mais ricos e os mais pobres.

Em seguida, argumenta: *mas isso não é desculpa para a má distribuição*, ou seja, a responsabilidade pela continuidade da má distribuição - no caso, da desigualdade socioeconômica entre as pessoas -, não é dela, mas poderia talvez até ser interpretada como justamente dos que se encontram em condição socioeconômica inferior, que deveriam tomar uma atitude para ao menos atenuar tal desigualdade.

Em seguida, completando sua fala com *com tanta riqueza por aí, onde é que está, cadê sua fração?*, conclama os menos favorecidos, vistos por ele como passivos, conformados, lentos e relaxados, isto é, com baixo UAI, baixo LTO e alto IVR, a saírem da passividade e agirem efetivamente para mudar sua situação. Ele acredita que a falta de ação dos mesmos contribui para o status quo reinante na nação, o que transparece na ironia contida no verso *até quando esperar a plebe se ajoelhar esperando a ajuda de Deus*.

Já em *posso vigiar teu carro, te pedir trocados, engraxar seus sapatos* – voz do brasileiro de condição socioeconômica inferior -, pode-se perceber o tom de crítica à pouca ambição das classes menos favorecidas no Brasil.

4.2.3

“Inútil” (compositor: Roger; intérprete: Ultraje a Rigor)

“Inútil” faz parte do primeiro álbum do Ultraje a Rigor, de 1985, e destacou-se pela letra, muito propícia para a época. Era o período das lutas pelas Diretas Já e a frase *A gente não sabemos escolher presidente* virou um hino para os jovens que saíam às ruas para lutarem pelas eleições diretas.

A revista Rolling Stone do Brasil coloca “Inútil” como a mais importante canção de protesto do rock brasileiro da década de oitenta. Na edição 37, de outubro de 2009, a publicação registra: “...erro de concordância proposital no refrão e versos de rima simples compõem um compêndio das frustrações comuns a todo brasileiro na época.”

*A gente não sabemos
 Escolher presidente
 A gente não sabemos
 Tomar conta da gente
 A gente não sabemos
 Nem escovar os dente
 Tem gringo pensando
 Que nós é indigente...
 Inútil!
 A gente somos inútil!
 Inútil!
 A gente somos inútil!
 A gente faz carro
 E não sabe guiar
 A gente faz trilho
 E não tem trem prá botar
 A gente faz filho
 E não consegue criar
 A gente pede grana
 E não consegue pagar...
 Inútil!
 A gente somos inútil!
 Inútil!
 A gente somos inútil!
 Inútil!
 A gente somos inútil!
 Inútil!
 A gente somos inútil!
 Inútil!
 A gente somos inútil!
 Inútil!
 A gente faz música
 E não consegue gravar
 A gente escreve livro
 E não consegue publicar
 A gente escreve peça
 E não consegue encenar
 A gente joga bola
 E não consegue ganhar...
 Inútil!
 A gente somos inútil!
 Inútil!
 A gente somos inútil!
 Inútil!
 Inútil!
 Inútil!
 Inú! Inú! Inú...*

Nesta música, as concordâncias e palavras propositalmente erradas
 – *a gente não sabemos, nós é, a gente somos* - são representativas do

dialeto social das classes menos favorecidas, que não têm suficiente escolarização, característica de uma parcela considerável da população brasileira.

Nela podemos perceber um grau muito elevado de revolta (alto UAI) pela estagnação do país, seja pela incapacidade dos que são menos favorecidos e passivos, que aí se aproximariam mais do Brasil DVL, com seu baixo UAI e baixo LTO, seja pelo grau de dificuldade que encontram aqueles que agem - o seu oposto – (com alto UAI e alto LTO) para executarem ou concluírem planos ou projetos: *a gente faz carro e não sabe guiar, a gente faz trilho e não tem trem pra botar, a gente faz filho e não consegue criar, a gente faz música e não consegue gravar, a gente escreve livro e não consegue publicar, a gente escreve peça e não consegue encenar, a gente joga bola e não consegue ganhar.*

A gente somos inútil configura a percepção de que somos incapazes até mesmo de fazer uma boa escolha para presidente. Essa ineficiência é sentida com revolta por ser vista como devida, em boa parte, à falta de alto UAI, de um alto LTO e de um baixo, ou pelo menos médio, grau de IVR, indispensáveis para o progresso na mente do Brasil MDF.

4.3

Músicas representativas do Brasil custa caro demais eu fazer o meu destino (CCD) e sua análise segundo o modelo dimensional de Hofstede.

Neste item, estão as letras completas das músicas selecionadas por este trabalho que retratam a filosofia de vida do Brasil CCD, subgrupo do Brasil MDF, e o destaque dos trechos em que se pode identificar a tendência do referido subgrupo por um médio UAI, um médio LTO e um alto IVR.

4.3.1

“Epitáfio” (composição: Sérgio Britto; intérprete Titãs)

“Epitáfio” faz parte do disco **A melhor banda de todos os tempos da última semana**, lançado em 2001, e atingiu sucesso imediato nas rádios de todo o país. Seus versos tornaram-se muito populares, especialmente o refrão *o acaso vai me proteger enquanto eu andar distraído*.

*Devia ter amado mais
Ter chorado mais
Ter visto o sol nascer
Devia ter arriscado mais
E até errado mais
Ter feito o que eu queria fazer...*

*Queria ter aceitado
As pessoas como elas são
Cada um sabe a alegria
E a dor que traz no coração...*

*O acaso vai me proteger
Enquanto eu andar distraído
O acaso vai me proteger
Enquanto eu andar...*

*Devia ter complicado menos
Trabalhado menos
Ter visto o sol se pôr
Devia ter me importado menos
Com problemas pequenos
Ter morrido de amor...*

*O acaso vai me proteger
Enquanto eu andar distraído
O acaso vai me proteger
Enquanto eu andar...*

*Devia ter complicado menos
Trabalhado menos
Ter visto o sol se pôr...*

Em “Epitáfio”, o tom de lamento (neste caso também entendido como manifestação de estresse – UAI) é diferente e ganha contornos reflexivos: *devia ter amado mais, ter chorado mais, ter visto o sol nascer, devia ter arriscado mais e até errado mais ter feito o que queria fazer...*

Ao cantar que teria sido melhor ter sido menos estressado, menos cômico de seus deveres, menos dedicado ao trabalho e às obrigações, menos planejado e mais natural, que deveria ter usado mais o tempo para o ócio que faz bem, parece haver uma reflexão sobre o modo tenso de ser do Brasil MDF, um grupo a que, de certa forma, pertence, ainda que em condição de subgrupo²⁰.

Tal reflexão, por sua vez, traduz-se numa espécie de reconhecimento de que a maneira de ser do Brasil DVL pode ser mais saudável para o corpo e para a alma: *queria ter aceitado as pessoas como elas são, cada um sabe a alegria e a dor que traz no coração (...), devia ter complicado menos, trabalhado menos, ter visto o sol se pôr, devia ter me importado menos com problema pequenos, ter morrido de amor...*

Demonstrar emoções a qualquer hora, despender tempo com lazer, com pessoas e seus sentimentos, ter coragem de arriscar, fazer o que quer sem horário marcado ou compromisso, dar-se o direito de ser distraído, sob a proteção de Deus e do acaso, são comportamentos típicos deste Brasil que não apresenta um alto índice de UAI, nem de LTO, mas sim de IVR, tendo bastante indulgência para consigo mesmo e para com os outros. Afinal, como diz a sabedoria popular, o amanhã a Deus pertence. É preciso viver bem, com qualidade, hoje, e não ocupar o tempo planejando o incontroleável.

Em *o acaso vai me proteger enquanto eu andar distraído*, distraído como sinônimo de despreocupado, podemos depreender que o acaso é concebido como algo positivo, além de ser – e isso parece comum aos Brasis DVL, MDF e CCD – a única possibilidade de acontecer algo de bom.

²⁰ Os integrantes do Brasil CCD são oriundos do Brasil MDF. Ainda que intermediários entre os que integram o Brasil MDF e o Brasil DVL, por compartilharem valores de um e de outro, no que diz respeito à ação e ao uso do tempo, afinam-se mais com o Brasil MDF, uma vez que não deixam a vida os levarem, e, por isso, são considerados como subgrupo deste.

4.3.2

“O fácil é o certo” (composição: Titãs, intérprete: Titãs)

A canção “O fácil é o certo” faz parte do sexto álbum da banda Titãs, lançado em 1991, e tem como mote que as coisas são mais simples do que parecem e que não é necessário complicar – tudo deve ser mais natural, menos planejado, menos trabalhoso, menos difícil: o que é difícil - em linguagem popular, o que está contra a corrente -, está errado.

*Expire o ar que inspirar
Respire quando você respirar
Diga o que tem a dizer
Acaba sendo o que tinha que ser
Esqueça isso - tanto faz
Ande não olhe pra trás
Olhe por onde anda
Faça o que o coração manda
Diga como é que se sente
Levante-se siga em frente
Faça o que está fazendo
Não o que estou lhe dizendo
Use se quiser usar
Use depois de agitar
É proibido parar
Olhe antes de atravessar
O fácil é o certo, o certo é o fácil
O fácil é o certo
O fácil é o certo, o certo é o fácil
O fácil é o certo
O fácil é o certo, o fácil é fácil
O fácil é o certo
O fácil é o certo, o certo é certo
O fácil é o certo
Não importa o que você fez
Há sempre uma próxima vez
Não se perca, não pare
Escolha o menor dos males
Faça o que quer fazer
Aconteça o que acontecer
Tanto faz como se chama
Entregue-se ao que você ama
O fácil é o certo, o certo é o fácil
O fácil é o certo
O fácil é o certo, o certo é o fácil
O fácil é o certo*

*O fácil é o certo, o fácil é fácil
 O fácil é o certo
 O fácil é o certo, o certo é certo
 O fácil é o certo*

A frase “o fácil é o certo” é atribuída a Chung Tsu, pensador chinês do século III a.C.

Expire o ar que inspirar, respire quando respirar: aí já é possível notar a grande importância dada ao relaxamento e à consciência corporal, o que leva um indivíduo a se perceber enquanto pessoa e não máquina, observável nas culturas de baixo UAI e baixo LTO.

Em faça o que o coração manda, diga como é que se sente, percebemos que, para esse Brasil, as emoções são relevantes e devem participar ativamente da vida (alto IVR).

Já em não importa o que você fez, há sempre uma próxima vez, fica patente a crença de que não é grave errar, uma vez que existirão muitas outras oportunidades de acertar, o que configura uma tendência para um baixo LTO e um baixo UAI.

Em escolha o menor dos males, faça o que quer fazer, aconteça o que acontecer, tanto faz como se chama, entregue-se ao que você ama, o fácil é o certo, o certo é o fácil, percebe-se a defesa do que é simples, do que é lógico, natural. O que foge a isso é difícil, complicado, desnecessário: o caminho mais simples, mais natural é o melhor, o certo.

4.3.3

“Só por hoje” (composição: Dado Villa-Lobos e Renato Russo; intérprete: Legião Urbana)

“Só por hoje” faz parte do sexto álbum da banda de rock Legião Urbana lançado em 1993 – **O descobrimento do Brasil**. A expressão só

por hoje remete ao conhecido lema dos alcóolicos anônimos: a composição da música coincidiu com o início do tratamento de Renato Russo para livrar-se da dependência química.

*Só por hoje eu não quero mais chorar
Só por hoje eu espero conseguir
Aceitar o que passou o que virá
Só por hoje vou me lembrar que sou feliz*

*Hoje já sei que sou tudo que preciso ser
Não preciso me desculpar e nem te convencer
O mundo é radical
Não sei onde estou indo
Só sei que não estou perdido
Aprendi a viver um dia de cada vez*

*Só por hoje eu não vou me machucar
Só por hoje eu não quero me esquecer
Que há algumas pouco vinte quatro horas
Quase joguei a minha vida inteira fora*

*Não não não não
Viver é uma dádiva fatal!
No fim das contas ninguém sai vivo daqui mas -
Vamos com calma !*

*Só por hoje eu não quero mais chorar
Só por hoje eu não vou me destruir
Posso até ficar triste se eu quiser
É só por hoje, ao menos isso eu aprendi*

Yeah!

Aqui, percebe-se a necessidade de um UAI mais baixo, um LTO mais baixo e um IVR mais alto, na medida, respectivamente, em que se chega à conclusão de que não adianta tudo funcionar, todos conseguirem alcançar seus objetivos de trabalho ou projetos de vida, dinheiro, riquezas, etc, se não puderem aproveitar a vida com qualidade, inclusive desfrutando de suas próprias conquistas.

É preciso aceitar *o que passou e o que virá* e ter tempo para *lembrar que sou feliz*, diz a letra.

Em *Hoje já sou tudo o que preciso ser, não preciso me desculpar e nem te convencer*, há uma consciência de que é necessário gostar de si com suas qualidades e defeitos, não sendo tão exigente e, ainda, não se sentindo obrigado a provar nada para ninguém. Nota-se aí aceitação e preocupação com o próprio conforto espiritual, características quase ausentes no Brasil MDF.

Aprendi a viver um dia de cada vez (tendência para baixo LTO), *não quero mais chorar* (tendência para alto IVR), *não vou me destruir* (tendência para baixo UAI) e *vamos com calma* (tendência para baixo LTO) demonstram como esse Brasil CCD tem percebido a necessidade do equilíbrio que não enxerga no Brasil MDF.

Em *viver é uma dádiva fatal*, fica clara a consciência de que a vida é bem difícil e estressante, mas em *vamos com calma*, percebe-se um contraponto, afinal, é possível viver bem e ser feliz mesmo assim, calma e equilibradamente – nos moldes do Brasil CCD, com médio UAI, médio LTO e alto IVR -, mesmo sabendo que, como diz a letra, *no final das contas ninguém sai vivo daqui*.

4.4

Acordes finais

A partir da análise das letras das músicas nos itens anteriores, de acordo com o instrumental teórico fornecido pela pesquisa de Hofstede, formulamos, a seguir, um quadro sinóptico, que acreditamos útil para a área de português como segunda língua para estrangeiros e para todos aqueles a quem interessa conhecer como são os brasileiros no tocante ao DVL.

Uma vez constatada a existência de dois grupos distintos de brasileiros, o daqueles que apresentam o referido comportamento e o daqueles que o repelem, compondo respectivamente o Brasil DVL e o

Brasil MDF, faz-se necessário, para fins práticos, listar as características de um e de outro, bem como do Brasil intermediário entre eles, o CCD²¹. E é com esse objetivo que o quadro proposto busca estabelecer perfis representativos referentes aos brasileiros que integram esses Brasis. Contudo, entendam-se as características nele contidas como tendências, e não características absolutas, uma vez que procura destacar grosso modo o que parece ser mais ou menos valorizado por cada um dos grupos de brasileiros aqui identificados. Tais tendências relacionam-se diretamente às dimensões UAI, LTO e IVR, de Hofstede, e parecem corresponder à manifestação das mesmas em nossa cultura, de acordo com o que foi observado na análise do corpus deste trabalho.

²¹ Subgrupo do Brasil MDF por agir dentro dos padrões do MDF, embora com flexibilidade e equilíbrio, considerando fundamentais alguns valores do DVL que parecem esquecidos pelo MDF, como aqueles relacionados à importância do prazer, das relações pessoais e do descanso, responsáveis por uma melhor qualidade de vida que compense os esforços empreendidos, por exemplo, na labuta diária pela sobrevivência.

Brasil DVL	Brasil MDF	
	Brasil MDF propriamente dito (mais tenso)	Brasil CCD (Brasil MDF menos tenso)
Menos favorecidos socioeconomicamente; Mais apego à casa, ao lar;²² Mais aversão à rua;²³ Mais flexibilidade; Mais malandro; Mais identificação com o samba; Mais positividade e alegria; Menos atenção ao trabalho; Menos pressa; Mais tolerância; Mais indulgência; Menos restrições; Menos organização; Menos planejamento; Menos meta, menos prazo; Menos economia; Menos persistência; Menos estresse, menos ansiedade; Mais lazer; Mais prazer; Mais família; Mais festas e celebrações;	Mais favorecidos socioeconomicamente; Menos apego à casa, ao lar; Menos aversão à rua; Rigidez; Mais caxias; Mais identificação com o rock; Mais negatividade e mau-humor; Mais atenção ao trabalho; Mais pressa; Menos tolerância; Menos indulgência; Mais restrições; Mais organização; Mais planejamento; Mais meta, mais prazo; Mais economia; Mais persistência; Mais estresse, mais ansiedade; Mais obrigação; Menos prazer; Menos família; Menos festas e celebrações;	Mais favorecidos socioeconomicamente; Algum apego à casa, ao lar; Menos aversão à rua; Menos rigidez; Menos caxias; Mais identificação com o rock; Menos positividade, melancolia; Atenção suficiente ao trabalho; Alguma pressa; Tolerância suficiente; Indulgência suficiente; Restrições suficientes; Organização suficiente; Planejamento suficiente; Meta e prazo suficientes; Economia suficiente; Persistência suficiente; Menos estresse, alguma ansiedade; Equilíbrio entre obrigação e lazer; Desejo por mais prazer; Família o suficiente; Festas e celebrações suficientes;
BAIXO UAI, BAIXO LTO E ALTO IVR	ALTO UAI, ALTO LTO E BAIXO IVR	MÉDIO UAI, MÉDIO LTO E ALTO IVR

²² Referência ao espaço simbólico da casa, definido por DaMatta.

²³ Referência ao espaço simbólico da rua, definido por DaMatta.

5 Conclusão

Nesse cenário de comércio e relações internacionais mais intensos a cada dia, conhecer a cultura, o software que organiza mentalmente os indivíduos e instituições de cada grupo social, é fundamental. As organizações e sociedades não escapam a sua cultura nacional, seja em seu modo interno de operar, seja no de se relacionar com as de outros países: quem precisa lidar com estrangeiros tem que aprender a usar o software alheio e tornar o seu acessível a eles. Por outro lado, o conhecimento profundo de sua própria cultura pode levar cada povo a proveitosas atualizações (aperfeiçoamentos) em seus softwares em prol do progresso de seus países e de uma melhor relação com os demais.

Nesse contexto, acreditamos que este trabalho apresenta importantes contribuições. Por seu intermédio, foi possível não somente demonstrar que o DVL não é comum a todos os brasileiros como reformar certas premissas dos principais teóricos interculturalistas a nosso respeito.

Em primeiro lugar, revelou que no Brasil convivem dois grupos de pessoas diametralmente opostos, um bastante negativo, cheio de estresse, ansiedade, regras e mau-humor (o Brasil meu destino eu faço ou MDF) e outro positivo, sempre alegre, em festa, distenso e confiante em Deus (o Brasil deixa a vida me levar ou DVL). A maneira de pensar e de se comportar desses extremos, bem como seus gostos e eventuais questões, que podemos, numa ampla generalização, ligar respectivamente a uma classe mais abastada e a outra menos favorecida, conforme indica significativa parcela das letras que compõem o corpus aqui estudado, tendem a se refletir com maior frequência – também nessa ordem - nas letras de rock, sobretudo dos anos 80 e 90, e no samba ou no pagode de modo geral, ainda que possam, eventualmente, aparecer em letras de outros gêneros musicais.

Entre esses dois grupos, vislumbra-se a existência do que aqui denominamos Brasil custa caro demais fazer meu destino ou CCD, um subgrupo do MDF com menos tensão, com características ideológicas e comportamentais comuns aos dois Brasis já mencionados e absolutamente opostos. A tônica nesse Brasil é o arrependimento por não se aproveitar a vida no sentido de ter mais

tempo para si, para a família e os amigos, para o prazer e o lazer. Aqui se questiona o viver para trabalhar em vez de trabalhar para viver, buscando-se um equilíbrio entre os dois. Afinal, otimizar o tempo para alcançar metas e resultados é considerado saudável e necessário, contanto que não se percam de vista seus beneficiários finais em seu conforto e felicidade.

A existência do Brasil CCD pode ser lida como um movimento de transformação do Brasil MDF, aproximando-o do Brasil DVL no que ele parece ter de bom, equilibrando as características reconhecidamente positivas de um e de outro grupo. Talvez essa aproximação permita, no futuro, que o estranhamento entre os referidos grupos diminua e, a partir daí, o Brasil DVL possa passar a considerar o modo de ser do Brasil MDF com interesse. Da mesma forma que uma parcela do Brasil MDF parece ter assimilado certos valores do Brasil DVL, é provável que este possa evoluir com as experiências de vida desse outro grupo e comece a perceber as vantagens, por exemplo, de se planejar.

Além de desmitificar a ideia de que o DVL é comum a todos os brasileiros, este trabalho retifica a premissa defendida por Hofstede de que o Brasil, por ter um alto UAI, seria, como um todo, MDF com IVR alto para compensar. Ora, a identificação do grupo DVL com IVR alto e do MDF com IVR baixo comprova o equívoco de tal pensamento.

Nossa pesquisa contribui também para refinar a tipologia de Lewis, que, ao considerar o Brasil como cultura multiativa, ignora que muitos brasileiros se planejam e fazem uso organizado e produtivo do tempo, até mesmo no sentido de que tempo é dinheiro.

Outro ponto importante constatado, na medida em que concorre para determinar as características culturais ou comportamentais pertinentes aos Brasis aqui postulados, foi que quanto mais um indivíduo tender para o grupo MDF, menos traços de indulgência e mais de restrições (IVR) aparentará ter. Em compensação, quanto mais para DVL o cidadão tender, mais liberdade para fazer o que deseja, mais alegria, sorriso, satisfação em família e menos prioridade à ordem deverão ser verificados em sua maneira de ser e de ver a vida.

Quanto à necessidade de prazer, alegria e indulgência para consigo mesmo, refletida no alto IVR que o país apresenta na pesquisa de Hofstede, pode-se dizer que, de uma forma geral, encontra-se presente nos dois Brasis. No entanto, mesmo verificada em parte do Brasil MDF, especificamente no Brasil

CCD (Brasil MDF menos tenso), parece haver uma tendência maior a valorizar esse prazer e essa alegria, bem como um maior *savoir-faire* em manejar tudo o que possa proporcioná-los, por parte do Brasil DVL.

Já no que se refere à relação entre UAI e LTO, parece existir a seguinte equação: quanto mais inserido no Brasil MDF o cidadão estiver, mais vai manifestar características atreladas a um alto UAI e a um alto LTO. Na maioria das vezes de forma estressada, ele vai se voltar para o presente, com meta e trabalho árduo, tratando o tempo como dinheiro para resolver ou evitar os problemas do futuro, perseverando, com vistas às realizações e sucessos em seus empreendimentos no longo prazo.

Por outro lado, o cidadão que esteja mais para o Brasil DVL tenderá a não se voltar para o presente, mas, sim, para um futuro promissor, ainda que muitas vezes sem fazer nada de concreto por isso, esperando-o sem pressa. Para ele, não ter pressa não significa perder tempo, uma vez que em sua opinião tempo não serve apenas para conseguir o pão de cada dia, mas também, e, sobretudo, para aproveitar as coisas boas da vida, para gastar, enfim, para saciar a necessidade de prazer mencionada por Hofstede na dimensão Indulgência.

Outro ponto interessante chama atenção na pesquisa de Hofstede e pode causar certa estranheza: países que têm um UAI mais baixo que o do Brasil, ou seja, que manifestam menos dificuldade em aceitar e lidar com a incerteza e a ambiguidade, segundo Hofstede, como a Alemanha, com 67, a Suíça alemã, com 56, a Holanda, com 53, e os Estados Unidos, com apenas 46, não parecem, pelo menos de forma significativa, possuir em sua sociedade algo parecido com a falta de meta, de ação e de compromisso com o tempo ligadas ao Brasil DVL, embora este Brasil apresente características normalmente percebidas nos que tendem para um baixo UAI, sobretudo no que se refere ao fato de não ser estressado.

Na sequência, se observarmos o LTO desses países, com exceção dos Estados Unidos, com 26, são todos mais altos que o do Brasil: a Alemanha com 83, a Suíça com 74 e a Holanda com 67, o que indicaria que nestes países, com base na pesquisa de Hofstede, haveria uma tendência para se perseverar e economizar, vislumbrando o esforço e o trabalho constante como produtores de sucesso num longo prazo.

Os resultados de tais comparações entre os graus UAI e LTO do Brasil com os de outros países costumam confirmar que cada país tem um modo muito

particular de ser em cada uma das dimensões propostas por Hofstede e que, conforme suas próprias histórias, percepções de mundo e modo de viver, as características geralmente atreladas a um grau mais alto ou mais baixo em cada uma dessas dimensões manifestam-se de forma diversa de país para país, formando equações diferentes das verificadas acima para o Brasil.

Talvez isso possa exemplificar o que Hofstede quer dizer quando menciona a dificuldade de visualização didática que ocorre ao se compararem países pelo modelo dimensional levando-se em conta mais de uma dimensão, conforme mencionado no item 3.2.3, o que reforça o auxílio que o modelo tipológico pode representar, sobretudo nessas ocasiões.

Registre-se mais uma vez que, embora tenha sido verificado que o modo de ser e de pensar do Brasil MDF (seja do MDF propriamente dito, seja do seu subgrupo, menos tenso, o CCD) aparece refletido com maior frequência nas letras de rock, enquanto o do Brasil DVL costuma se refletir mais nas letras de samba e pagode, isso não impede que, eventualmente, possa ocorrer uma troca de posições.

Da mesma maneira, ainda que geralmente esses Brasis encontrem-se ligados a determinadas classes sociais mais ou menos a eles correspondentes e, de certa forma, sejam consequências de suas próprias culturas (valores, maneiras de ver o mundo e de se comportar), é fato que encontramos nas classes mais abastadas indivíduos que apreciam samba e pagode, assim como nas mais populares e menos favorecidas, aqueles que gostam de rock. Verificam-se aqui, portanto, tendências, não uma caracterização absoluta.

Finalmente, a questão da reprodução das chances das classes de Bourdieu parece se comprovar numa primeira análise de letras de rock nacional e samba ou pagode. Os temas, valores e preocupações dos grupos sociais nelas refletidos parecem se opor na medida em que espelhem os Brasis MDF, CCD e DVL e suas ambições possíveis, que também são diferentes. De um lado, parecem estar os revoltados, infelizes e questionadores, de outro lado os alegres e conformados. E no meio, os que procuram ser sensatos, buscando um equilíbrio.

Talvez quem tenha reais possibilidades para mudar algo esteja estressado demais e quem não as tenha ande descansado demais.

De qualquer forma, não se pode deixar de considerar o prejuízo que o fato de as pessoas serem descansadas e distensas demais pode acarretar. Por isso, o

deixa a vida me levar, que parece predominar no Brasil, merece estudo e quem sabe alguma proposta de solução. Mas isto é trabalho para sociólogos, cientistas políticos e políticos.

Especificamente como contribuição para a área de português como segunda língua para estrangeiros, nosso objetivo principal, este trabalho, após servir-se do modelo dimensional de Hofstede, produz um material de consulta com feições tipológicas, ao estilo de Lewis, na medida em que, por conta da identificação dos Brasis DVL, MDF e CCD, possibilita a imaginação de tipos de brasileiros que pertenceriam a cada um desses grupos com suas respectivas características culturais, conforme o quadro sinóptico apresentado no capítulo 4.

Doravante, os alunos de PL2E poderão tomar ciência da existência desses diferentes Brasis e conhecer suas características culturais e comportamentais, bem como as razões que costumam ensejá-las, e, assim, compreendê-las, aceitá-las e adaptar-se a elas na medida de seus interesses, o que concorrerá para o desenvolvimento de sua competência intercultural.

6

Referências bibliográficas

BARROS, C.D. R. **Traços da cultura subjetiva presentes nos discursos publicitários brasileiro e americano e sua aplicação nas aulas de português para estrangeiros.** Tese de Doutorado, 2009, disponível em http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/biblioteca/php/mostrateses.php?open=1&arqtese=0510572_09_Indice.html

BENNETT, M. J. **Basic Concepts of Intercultural Communication – Selected Readings.** Yarmouth, EUA: Intercultural Press, 1998.

BOURDIEU, P. **Cultural reproduction and social reproduction.** New York, EUA: Oxford University, 1977.

_____. **A Distinção – crítica social do julgamento.** Porto Alegre: Zouk, 2007.

CPS-FGV. NERI, M. C. (coord.) **De volta ao país do futuro: projeções, crise europeia e a nova classe média.** Fundação Getúlio Vargas: 2012. Disponível em: <http://www.cps.fgv.br/cps/ncm2014>.

CPS-FGV. **Dúvidas frequentes – Nova Classe Média: qual a faixa de renda familiar das classes.** Disponível em <http://cps.fgv.br/duvidas>.

DAMATTA, R. **O que é o Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

_____. **O que faz o Brasil Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

GIDDENS, A. **A constituição da sociedade.** São Paulo: Martins Fontes, 2009.

GRENFELL, M. **Pierre Bourdieu Key Concepts.** Durham: Acumen Publishing, 2008.

DICIONÁRIO CRAVO ALBIM DA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA
Disponível em <http://www.dicionariompb.com.br>.

DICIONÁRIO DE SOCIOLOGIA. Porto Alegre: Globo, 1981.

DINIZ, A & CUNHA, D. **A república cantada: do choro ao funk. A história do Brasil através da música.** Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

FERREIRA, A. B. H. Novo Dicionário Aurélio Digital. Curitiba: Positivo, 2014.

HALL, E.T. **The power of hidden differences - Basic Concepts**. IN: BENNETT, M. J. **Basic Concepts of Intercultural communication – Selected Readings**. Yarmouth: Intercultural Press, 1998.

HALL, E. T. & HALL, M. R. **Understanding cultural differences: Germans, French and Americans**. Yarmouth: Intercultural Press, 1990. Part 1: “Key Concepts: underlying structures of culture.”

HARRISON, P. A. **Behaving Brazilian – A comparison of Brazilian and North-American Social Behaviour**. Newbury: House Publishers, 1983.

HOFSTEDE, G. H. **Cultures and Organizations: Softwares of the mind**. McGraw-Hill, 2010.

LARAIA, R. B. **Cultura – um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

LEWIS, R.D. **When Cultures Collide**. London: Nicholas Breakey Publishing, 2003.

MEYER, R. M. B. “PLE: aprendendo a falar como um brasileiro fala”. IN XI Semana Interdisciplinar de Estudos Anglo-germânicos da UFRJ, 2003.

MOURA, Roberto M. **No princípio, era a roda – um estudo sobre samba partido alto e outros pagodes**. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

PARANHOS, Maria Luiza Machado. **Welcome to PUC-Rio!: um estudo sobre alunos internacionais e interação cultural sob a perspectiva do design**. Tese de Doutorado. Puc-Rio, 2011.

SANTOS, Jane Cristina Duarte. **Tu ou você: uma questão de identidade cultural**. Tese de doutorado. PUC-Rio, 2003.

SINGER, M. R. “The communication process: it is not possible not to communicate” IN: **Perception and identity in intercultural communication: a perceptual approach**. Yarmouth: Intercultural Press, 1998.

SCOLLON & SCOLLON, S. W. **Intercultural Communication**. Malden: Blackwell, 2001.

SODRÉ, M. **Samba, o dono do corpo**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

Relação de sites consultados:

- <http://geert-hofstede.com/brazil.html>

- <http://geert-hofstede.com>
- <http://geerthostede.nl>
- <http://www.dieese.org.br/esp/salmin/salmin00.xml>
- <http://www.ibge.gov.br/home/>
- <http://www.24heures.ch/sports/Sepp-Blatter-Les-Bresiliens-n-attaqueront-pas-le-football/story/26878412>
- <http://olivierdobrasil.blogspot.com.br/>
- <http://exame.abril.com.br/revista-voce-sa/edicoes/157/noticias/globalize-se-ja>
- <http://www.economist.com/news/americas/21600983-brazilian-workers-are-gloriously-unproductive-economy-grow-they-must-snap-out>
- <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI250960-15228,00-INTERCULTURALIDADE+VOCE+SABE+O+QUE+E.html>
- <http://oglobo.globo.com/sociedade/conte-algo-que-nao-sei/hannes-winkler-consultor-de-logistica-brasileiro-detesta-planejar-12591605>
- <http://www.forte.jor.br/2013/12/29/estrangeiro-cria-lista-de-motivos-pelos-quais-odiou-morar-no-brasil/>
- <http://g1.globo.com/turismo-e-viagem/noticia/2014/07/aplaudir-por-do-sol-abracar-veja-o-que-surpreendeu-os-estrangeiros.html>

Anexos

Anexo 1 Canções do gênero samba

Deixa a Vida me Levar **Zeca Pagodinho**

Eu já passei
Por quase tudo nessa vida
Em matéria de guarida
Espero ainda a minha vez
Confesso que sou
De origem pobre
Mas meu coração é nobre
Foi assim que Deus me fez...

E deixa a vida me levar
(Vida leva eu!)
Deixa a vida me levar
(Vida leva eu!)
Deixa a vida me levar
(Vida leva eu!)
Sou feliz e agradeço
Por tudo que Deus me deu...

Só posso levantar
As mãos pro céu
Agradecer e ser fiel
Ao destino que Deus me deu
Se não tenho tudo que preciso
Com o que tenho, vivo
De mansinho lá vou eu...

Se a coisa não sai
Do jeito que eu quero

Também não me desespero
O negócio é deixar rolar
E aos trancos e barrancos
Lá vou eu!
E sou feliz e agradeço
Por tudo que Deus me deu...

Deixa a vida me levar
(Vida leva eu!)
Deixa a vida me levar
(Vida leva eu!)
Deixa a vida me levar
(Vida leva eu!)
Sou feliz e agradeço
Por tudo que Deus me deu...

Eu já passei
Por quase tudo nessa vida
Em matéria de guarida
Espero ainda a minha vez
Confesso que sou
De origem pobre
Mas meu coração é nobre
Foi assim que Deus me fez...

Deixa a vida me levar
(Vida leva eu!)
Deixa a vida me levar
(Vida leva eu!)
Deixa a vida me levar
(Vida leva eu!)
Sou feliz e agradeço
Por tudo que Deus me deu...

Só posso levantar
As mãos pro céu
Agradecer e ser fiel
Ao destino que Deus me deu
Se não tenho tudo que preciso
Com o que tenho, vivo
De mansinho lá vou eu...

Se a coisa não sai
Do jeito que eu quero
Também não me desespero
O negócio é deixar rolar
E aos trancos e barrancos
Lá vou eu!
E sou feliz e agradeço
Por tudo que Deus me deu...

Deixa a vida me levar
(Vida leva eu!)
Deixa a vida me levar
(Vida leva eu!)
Deixa a vida me levar
(Vida leva eu!)
Sou feliz e agradeço
Por tudo que Deus me deu...(5x)

Malandro É Malandro, Mané É Mané Diogo Nogueira

E malandro é malandro
Mané é mané
Podes crer que é
Malandro é malandro
E mané é mané
Diz aí!
Podes crer que é...

Malandro é o cara
Que sabe das coisas
Malandro é aquele
Que sabe o que quer
Malandro é o cara
Que tá com dinheiro
E não se compara
Com um Zé Mané
Malandro de fato
É um cara maneiro
Que não se amarra
Em uma só mulher...

E malandro é malandro
Mané é mané
Diz prá mim!
Podes crer que é
Malandro é malandro
E mané é mané
Olha aí!
Podes crer que é...

Já o Mané ele tem sua meta
Não pode ver nada
Que ele cagueta
Mané é um homem
Que moral não tem
Vai pro samba, paquera
E não ganha ninguém
Está sempre duro
É um cara azarado
E também puxa o saco
Prá sobreviver
Mané é um homem

Desconsiderado
E da vida ele tem
Muito que aprender...

E malandro é malandro
Mané é mané
Diz aí!
Podes crer que é
E malandro é malandro
E mané é mané
Diz prá mim!
Podes crer que é...

Malandro é o cara
Que sabe das coisas
Malandro é aquele
Que sabe o que quer
Malandro é o cara
Que tá com dinheiro
E não se compara
Com um Zé Mané
Malandro de fato
É um cara maneiro
Que não se amarra
Em uma só mulher...

E malandro é malandro
Mané é mané
Diz aí!
Podes crer que é
Ih!
Mas malandro é malandro
E mané é mané

Diz pra mim!

Podes crer que é...

Já o Mané ele tem sua meta

Não pode ver nada

Que ele cagueta

Mané é um homem

Que moral não tem

Vai pro samba, paquera

E não ganha ninguém

Está sempre duro

É um cara azarado

E também puxa o saco

Pra sobreviver

Mané é um homem

Desconsiderado

E da vida ele tem

Muito que aprender...

E malandro é malandro

Mané é mané

Diz pra mim!

Podes crer que é

E malandro é malandro

E mané é mané

Diz aí!

Podes crer que é

Eh!

Malandro é malandro

E mané é mané

Olha aí!

Podes crer que é

Sim!

Mas malandro é malandro

E mané é mané
Podes crer que é
E malandro é malandro
Mané é mané
Olha aí!
Podes crer que é!

Cantando Eu Aprendi

Arlindo Cruz

O mundo já brincou, comigo assim
lembro o meu grande amor foi tão ruim
cantando eu esqueci as noites que chorei
sofrendo, sentindo saudade

Cantando eu aprendi,
que a vida é um vai e vem
de mágoas e felicidades.

O que a vida te der guarda,
o que é bom de guardar
não se perca da fé,
manda a tristeza pra lá

E cante o ano inteiro cante no terraço
cante no terreiro cantando na chuva
até chuveiro tem sempre o canto de homem cantar

O ditado é quem canta os males espanta
o nó da garganta ajuda a desatar
não perca a esperança levanta essa voz
vem comigo cantar

lalaialaialaia, lalaialaialaia
não perca a esperança levanta essa voz
vem comigo cantar

lalaialaialaia, lalaialaialaia
não perca a esperança levanta essa voz
vem comigo cantar

Entra no clima

Arlindo Cruz

Amiga, desliga esse papo de tristeza
Isola, faz figa, bate três vezes na mesa
Despacha a mandinga, manda embora a pururuca Agora que o samba esquentou
Tira esse grilo da cuca

Essa cara de quem tá carente
Não é condizente com tanta alegria
O samba tá quente
Armado o pagode
E você vem com essa de melancolia
Você sabe que o tempo não para
Na verdade, amiga, o tempo voa
Vem pro samba, dá a volta por cima
E entra no clima que essa vida é boa

É boa, é boa, essa vida é muito boa
É boa, é boa, essa vida é muito boa

Esse jeito de quem tá sofrendo
Está destoando do nosso astral
Você assim tá feia, você assim vai mal
Abandona de vez esse pranto
Não fique no canto chorando à toa
Que apesar dos pesares, amiga
A vida é sofrida, mas ainda é boa

É boa, é boa, essa vida é muito boa
É boa, é boa, essa vida é muito boa

Malandro Sou Eu

Arlindo Cruz

Segura teu santo seu moço, teu santo é de barro
Que sarro! Dei volta no mundo e voltei pra ficar
Eu vim lá do fundo de poço
Não posso dar mole pra não refunda!
Quem marca bobeira
Engole poeira e rasteira até pode levar!
Malandro que sou, eu não vou vacilar
Sou o que sou ninguém vai me mudar
E quem tentou teve que rebolar, sem conseguir
Escorregando daqui e dali
Malandreando eu vim e venci!
E no sufoco da vida foi onde aprendi!
Por isso é que eu "vô!"

Vou, eu vou por aí! Sempre por ai
Esse mundo é meu! É meu!
E onde quer que eu vá
Em qualquer lugar, malandro sou eu!
(é por isso que eu digo que "vô")

Meu Lugar

Arlindo Cruz

O meu lugar
É caminho de Ogum e Iansã
Lá tem samba até de manhã
Uma ginga em cada andar

O meu lugar
É cercado de luta e suor

Esperança num mundo melhor
E cerveja pra comemorar

O meu lugar
Tem seus mitos e Seres de Luz
É bem perto de Osvaldo Cruz,
Cascadura, Vaz Lobo e Irajá

O meu lugar
É sorriso é paz e prazer
O seu nome é doce dizer
Madureiraaa, lá laiá, Madureiraaa, lá laiá

Ahhh que lugar
A saudade me faz lembrar
Os amores que eu tive por lá
É difícil esquecer

Doce lugar
Que é eterno no meu coração
E aos poetas traz inspiração
Pra cantar e escrever

Ai meu lugar
Quem não viu Tia Eulália dançar
Vó Maria o terreiro benzer
E ainda tem jongo à luz do luar

Ai que lugar
Tem mil coisas pra gente dizer
O difícil é saber terminar
Madureiraaa, lá laiá, Madureiraaa, lá laiá, Madureiraaa

Em cada esquina um pagode num bar
Em Madureiraaa
Império e Portela também são de lá

Em Madureiraaa
E no Mercado você pode comprar
Por uma pechincha você vai levar
Um dengo, um sonho pra quem quer sonhar
Em Madureiraaa
E quem se habilita até pode chegar
Tem jogo de lona, caipira e bilhar
Buraco, sueca pro tempo passar
Em Madureiraaa
E uma fezinha até posso fazer
No grupo dezena, centena e milhar
Pelos 7 lados eu vou te cercar
Em Madureiraaa
E lalalaiaia laia la la ia...
Em Madureiraaa

O Tempo

Arlindo Cruz

É, a gente sem perceber
Se tem mais pra pensar tem menos pra fazer
E que se deve achar e não perder

O tempo vai passando como trovão
Eu não discuto e sei
Cada minuto é um rei
Que traz o luto à lei e a solidão

Me traz também saudades
Realidades como ninguém traz sim
Traz novos alentos, novos pensamentos
Pra quem perder não se abater e tentar sempre

Quem ficar parado não vai perceber
Que sem lutar
Envelheceu sem viver

Receita da sorte

Arlindo Cruz

Olhar de secar pimenteira
Não vai me secar
Bate três vezes na madeira
Pra que, isolar

Um bom galho de arruda
Sempre ajuda a clarear
Pra quem tem fé, guiné
No bolso um patuá

Se a coisa anda torta
Ferradura atrás da porta
Se caiu quebrou o espelho
Pega no pé de coelho

Se não sabe como entrar
Pé direito é o de pisar
Se feliz deseja ser
Ache um trevo pra colher

Fizeram um trabalho bem feito
Jogaram pra cima um sanhaço
Não pega em quem leva no peito
A velha corrente de aço

Axé, eu quero axé
E todo mundo quer
Axé, eu quero axá
Pra melhorar

A força do pensamento
É quem traz bom vento
E faz positivar

Olhar de secar pimenteira
Não vai me secar
Bate três vezes na madeira
Pra que, isolar

Um bom galho de arruda
Sempre ajuda a clarear
Pra quem tem fé, guiné
No bolso um patuá

Bota banca e roupa branca
Quando o ano começar
Pra quem tem fé, guiné
No bolso um patuá

Passa a figa, cruze os dedos
Que o seu dia há de chegar
Pra quem tem fé, guiné
No bolso um patuá

Axé, eu quero axé
Todo mundo quer
Axé, eu quero axá
Pra melhorar

A força do pensamento
É quem traz bom vento
E faz positivar

Samba é a Nossa Cara

Arlindo Cruz

Sem sambar a vida é triste
Olha eu sou semente
Eu também sou
Elo da correte
Eu também sou
Olha eu estou contente em ver alegria em vocês
Salve o nosso samba
Muito tempo ele existe
E agora o povo sabe
Sem sambar a vida é triste
Olha eu sou dolente
Eu também sou
Sou partido alto
Eu também sou
Olha eu sou aquilo que o povo mais gosta de ouvir
Batida de cavaco
e de tantã ninguém resiste
E agora o povo sabe
Sem sambar a vida é triste
Porque no samba a vida é mais bonita
Coração logo palpita
É o dia a dia da gente
Samba que a cabeça cria
A boca canta, e alma que sente
É no samba que a gente fica assim sorrindo

É no samba que a gente fica resistindo
No samba se faz amigos
No samba também se namora
Fica de lado a tristeza
Se esquece o tormento da vida lá fora
É o samba que a gente já nasceu amando
É no samba que a gente vai morrer cantando
O samba é isso e muito mais
Paixão de tantos carnavais
Samba é a nossa cara
É a cara do povo, é a cara da paz

Vou Deixar Pra Amanhã
Compositor: João Nogueira, Maurício Tapajós e Aldir Blanc
Intérprete: Beth Carvalho

Eu vou deixar pra amanhã
O que posso fazer hoje
E vou deixar pra mais tarde
A importante decisão
De mudar a minha vida
De criar juízo e mais vergonha
E de parar de beber
De nunca mais ir tão fundo
Vou deixar de ser, eu vou deixar de ser
A palmatória do mundo

Eu vou deixar pra amanhã, de manhã
E amanhã de manhã eu resolvo
Deixar pra depois de amanhã
Pago com a multa maldita
A minha conta vencida
E vou na madrugada
Empurrando com a barriga
Meu destino bagunceiro

Há quem fale quanto a esse detalhe
Ele parece que tem vocação pra padeiro

Deus Manda

Jorge Aragão

Deus manda, Deus manda
Na hora que mais se precisa

A luz pra acender minha alma
a cura da dor num lampejo
Todo perdão que me salva
Olhos pra quando eu não vejo

Se eu me sinto sozinho
Ele vem em segredo
e me faz passarinho
pra que eu não mais tenha medo

Deus manda, Deus manda
Na hora que mais se precisa

A luz pra acender minha alma
a cura da dor num lampejo
Todo perdão que me salva
Olhos pra quando eu não vejo

Paz que ameniza meu pranto
Força da minha emoção
Dengo pro meu desencanto
amor pro meu coração

Foi na vontade de ver
A mão divina tocar
No meu tormento o sofrimento estancar
Vi mudar o meu querer
A fé não mais vacilar
e descobri o bem q tem recomeçar

Deus manda, Deus manda
na hora que mais se precisa.

Disciplina

**Compositor: Serginho Meriti/Frank Daiello
Jorge Aragão**

Você pode achar que tá devagar
Mas na calma a gente vai chegar lá
Pra quem sai um busca de perfeição
A pressa não é boa companheira não
Cada um tem o seu jeito
Nem todos têm a mesma condição
Nem sempre já nasce feito
Às vezes precisa de um empurrão

Ninguém nunca sabe tudo
Pois há sempre alguém que sabe mais
É vivendo, aprendendo e ensinando
Que a gente faz
Essa vida mais tranquila
E um mundo melhor pra se viver
Devagar se vai ao longe
E é longo o caminho a percorrer
Você precisa aprender a esperar
Cada um tem sua vez
E com jeito se chega lá
Não adianta empurrar pra fila andar

Aguarde na disciplina
Porque sua hora vai chegar

A Estrela Azul
Compositor: Disney
Intérprete: Martinho da Vila

Quem quiser realizar
Tudo aquilo que sonhou
Basta olhar no céu
A estrela que guardar
Se você não sabe bem
O que vai acontecer
Essa estrela tudo poderá fazer

O que vai acontecer de bom
Já está marcado bem
Naquela estrela
E é só você pedir
E a estrela transformar
Em realidade
O que você sonhar
Quem quiser realizar
Tudo aquilo que sonhou
Basta olhar no céu
A estrela que guardar
Se você não sabe bem
O que vai acontecer
Essa estrela tudo poderá fazer

O que vai acontecer de bom
Já está marcado bem
Naquela estrela
E é só você pedir
E a estrela transformar

Em realidade
O que você sonhar

As Festas

Compositor: Anezio

Intérprete: Martinho da Vila

As festas, as festas...
Levam todo meu dinheiro,
As festas que existem o ano inteiro
A fraternidade universal
Mas depois vem fevereiro
E também gasto o meu dinheiro
Comprando a fantasia para o carnaval

As festas...

Depois do carnaval respeito também a quaresma
Vem o domingo Pascoal
E chega o mês de maio
Mês de Maria, com a comemoração
Do consagrado dia das mães
Aquele que é amor, ternura e abnegação

As festas...

Pra terminar o mês de maio
Ainda tenho a festa da coroação
E chego ao mês de junho
Com Santo Antonio, São João, São Pedro
E eu mantenho a tradição
Terminam as festas juninas, julho vai...
Em agosto eu dou de cara com o dia do papai

As festas...

No decorrer do mês de agosto
Eu tenho outras festas
Mas não gasto um tostão
Dizem que ele é o mês dos desgostos
Mas pra mim não traz desgostos não
Depois vem o mês de setembro
E das criancinhas me lembro
Eu dou doces para Cosme e Damião

As festas...

Depois do dia das crianças
Eu tenho um descanso afinal
Vejo a minha situação
Dou um balanço no meu capital
Depois vem o mês de dezembro
E de muitos presentes me lembro
É chegado o dia de Natal

As festas...

As festas, as festas
Levaram também o meu décimo terceiro
As festas que eu fiz durante
O ano inteiro
Por isso ando duro companheiro

Canta Canta, Minha Gente **Compositor e intérprete: Martinho da Vila**

Canta Canta, minha Gente.
Deixa a tristeza pra lá.
Canta forte, canta alto,
Que a vida vai melhorar.

Que a vida vai melhorar.
Que a vida vai melhorar.
Que a vida vai melhorar.
Que a vida vai melhorar.

Cantem o samba de roda,
O samba-canção e o samba rasgado.
Cantem o samba de breque,
O samba moderno e o samba quadrado.

Cantem ciranda, o frevo,
O coco, maxixe, baião e xaxado,
Mas não cantem essa moça bonita,
Porque ela está com o marido do lado.

Canta Canta, minha gente.
Deixa a tristeza pra lá.
Canta forte, canta alto,
Que a vida vai melhorar.
Que a vida vai melhorar.
Que a vida vai melhorar.
Mas a vida vai melhorar.
A vida vai melhorar.

Quem canta seus males espanta
Lá em cima do morro
Ou sambando no asfalto.
Eu canto o samba-enredo,
Um sambinha lento e um partido alto.

Há muito tempo não ouço
O tal do samba sincopado.
Só não dá pra cantar mesmo
É vendo o sol nascer quadrado.

Canta Canta, minha gente.
Deixa a tristeza pra lá.
Canta forte, canta alto,
Que a vida vai melhorar.

Que a vida vai melhorar.
Que a vida vai melhorar.
Mas eu disse: Que vai melhorar.
Que a vida vai melhorar.
Ora se vai melhorar.
Que a vida vai melhorar.
Mas será que vai melhorar?
Que a vida vai melhorar.
Eu já vou é me mandar.
Que a vida vai melhorar.
Que a vida vai melhorar.

Devagar, Devagarinho
Compositor: Eraldo Divagar
Intérprete: Martinho da Vila

É devagar!
É devagar!
É devagar é devagar
Devagarinho...(4x)

Devagarinho
É que a gente chega lá
Se você não acredita
Você pode tropeçar...

E tropeçando
O seu dedo se arrebenta
Com certeza não se aguenta
E vai me xingar...

É devagar!
É devagar!
É devagar é devagar
Devagarinho...(4x)

Eu conheci um cara
Que queria o mundo apagar
Mas de repente
Deu com a cara no asfalto
Se virou olhou pro alto
Com vontade de chorar...

É devagar!
É devagar!
É devagar é devagar
Devagarinho...(4x)

Sempre me deram a fama
De ser muito devagar
E desse jeito
Vou driblando os espinho
Vou seguindo o meu caminho
Sei aonde vou chegar...

É devagar!
É devagar!
Oh! Oh! Oh!
É devagar é devagar
É devagar é devagar
Devagarinho...(2x)

É devagar!
É devagar!
É devagar é devagar
Devagarinho...(10x)

Filosofia de Vida**Compositor e intérprete: Martinho da Vila**

Meu destino eu moldei
Qualquer um pode moldar
Deixo o mundo me rumar
Para onde eu quero ir
Dor passada não me dói
E nem curto nostalgia
Eu só quero o que preciso
Pra viver meu dia a dia

Pra que reclamar de algo que não mereço
A minha razão é a fé que me guia
Nenhuma inveja me causa tropeço
Creio em deus e na virgem Maria
Encaro sem medo os problemas da vida
Não fico sentado de pernas pro ar
Não há contratempo sem uma saída
Pra quem leva a vida devagar

Meu destino eu moldei
Qualquer um pode moldar
Deixo o mundo me rumar
Para onde eu quero ir
Dor passada não me dói
E nem curto nostalgia
Eu só quero o que preciso
Pra viver meu dia a dia

Que o supérfluo
Nunca nos falte
Básico para
Quem tem carestia
Não quero mais do que eu necessito
Pra transmitir minha alegria

Filosofia**Compositor: Noel Rosa****Intérprete: Martinho da Vila**

O mundo me condena, e ninguém tem pena
Falando sempre mal do meu nome
Deixando de saber se eu vou morrer de sede
Ou se vou morrer de fome
Mas a filosofia hoje me auxilia
A viver indiferente assim
Nesta prontidão sem fim
Vou fingindo que sou rico
Pra ninguém zombar de mim
Não me incomodo que você me diga
Que a sociedade é minha inimiga
Pois cantando neste mundo
Vivo escravo do meu samba, muito embora vagabundo
Quanto a você da aristocracia
Que tem dinheiro, mas não compra alegria
Há de viver eternamente sendo escrava dessa gente
Que cultiva hipocrisia

Na aba**Martinho da Vila**

Na Aba do meu chapéu
Você não pode ficar
Porque meu chapéu
Tem Aba curta
Você vai cair
E vai se machucar
Na Aba!
Na Aba do meu chapéu

Você não pode ficar
Meu chapéu tem Aba curta
Você vai cair
E vai se machucar
Como vai se machucar!...

Eu compro a cerveja
Você pede um copo
E bebe logo
Eu compro um cigarro
Você pede um
Como você pede um
Mando vir o salgado
O senhor come tudo
Parece que nunca comeu
Pede tudo que vê
Tu és um 171
Um tremendo 171...

Eu não nasci pra coronel
Coronel!
Saia da Aba do meu chapéu
Não nasci pra coronel!
Eu não nasci pra coronel
Coronel!
Saia da Aba do meu chapéu...

Na Aba!
Na Aba do meu chapéu
Você não pode ficar
Meu chapéu tem Aba curta
Você vai cair
E vai se machucar
Como vai se machucar!...

Você passa por mim
E pergunta zombando
Passa zombando e diz:
- Uns e outros, maneiro
Como é que é?
Como é que é?
Para o seu bem estar
Fique logo sabendo
Olha seu coisa ruim
É que lá no macaco
Não tem Zé Mané
Não mora mané...

Lá na tendinha
Do Zé do Carço
Será que o senhor
Não se lembra?
Paguei a despesa
Ficaste com o troco
Até hoje não me devolveu
Olhe bem que a massa
Está te sacando
Como está!
De repente
O bicho tá pegando
Como o bicho tá pegando!...

É que sou do bairro de Noel
Seu nome é Vila Isabel
Vá saindo da Aba
Do meu chapéu
Sou do bairro de Noel!
Eu sou do bairro de Noel
Seu nome é Vila Izabel

Vai saindo da Aba
Do meu chapéu...

Na Aba!
Na Aba do meu chapéu
Você não pode ficar
Meu chapéu tem Aba curta
Você vai cair
E vai se machucar...(4x)

Anexo 2

Canções do gênero rock

Até Quando Esperar

Plebe rude

Não é nossa culpa
Nascemos já com uma bênção
Mas isso não é desculpa
Pela má distribuição
Com tanta riqueza por aí, onde é que está
Cadê sua fração
Com tanta riqueza por aí, onde é que está
Cadê sua fração
Até quando esperar
E cadê a esmola que nós damos
Sem perceber que aquele abençoado
Poderia ter sido você
Com tanta riqueza por aí, onde é que está
Cadê sua fração
Com tanta riqueza por aí, onde é que está
Cadê sua fração
Até quando esperar a plebe ajoelhar
Esperando a ajuda de Deus
Até quando esperar a plebe ajoelhar
Esperando a ajuda de Deus
Posso
Vigiar teu carro
Te pedir trocados
Engraxar seus sapatos
Posso
Vigiar teu carro
Te pedir trocados

Engraxar seus sapatos
Sei
Não é nossa culpa
Nascemos já com uma bênção
Mas isso não é desculpa
Pela má distribuição
Com tanta riqueza por aí, onde é que está
Cadê sua fração
Com tanta riqueza por aí, onde é que está
Cadê sua fração
Até quando esperar
A plebe ajoelhar
Até quando esperar
A plebe ajoelhar
Esperando a ajuda do divino Deus

Como uma onda

Lulu Santos

Nada do que foi será
De novo do jeito que já foi um dia
Tudo passa, tudo sempre passará
A vida vem em ondas, como um mar
Num indo e vindo infinito

Tudo que se vê não é
Igual ao que a gente viu há um segundo
Tudo muda o tempo todo no mundo

Não adianta fugir
Nem mentir pra si mesmo
Agora

Há tanta vida lá fora
Aqui dentro sempre

Como uma onda no mar

Como uma onda no mar

Como uma onda no mar

Infinita Highway Engenheiros do Hawaii

Você me faz correr demais
Os riscos desta Highway
Você me faz correr atrás
do horizonte desta Highway
Ninguém por perto, silêncio no deserto
Deserta highway
Estamos sós e nenhum de nós
Sabe exatamente onde vai parar

Mas não precisamos saber pra onde vamos
Nós só precisamos ir
Não queremos ter o que não temos
Nós só queremos viver
Sem motivos nem objetivos
Estamos vivos e isto é tudo
E sobretudo a lei
Da infinita Highway

Quando eu vivia e morria na cidade
Eu não tinha nada, nada a temer
Mas eu tinha medo, medo desta estrada

Olhe só, veja você
que eu vivia e morria na cidade
Eu tinha de tudo, tudo ao meu redor
Mas tudo que eu sentia era que algo me faltava
E a noite eu acordava banhado de suor
Não queremos lembrar o que esquecemos
Nós só queremos viver
Não queremos aprender o que já sabemos
Não queremos nem saber
Sem motivos nem objetivos
Estamos vivos e é só
Só obedecemos à lei
Da infinita highway

Escute, garota, o vento canta uma canção
Dessas que a gente nunca canta sem razão
Me diga, garota: "Será o corpo uma prisão?"
Eu acho que sim, você finge que não
Mas nem por isso ficaremos parados
Com a cabeça nas nuvens e os pés no chão
Tudo bem, garota, não adianta mesmo ser livre
Se tanta gente vive sem ter como viver
Estamos sós e nenhum de nós
Sabe onde quer chegar
Estamos vivos sem motivos
Que motivos temos para estar?
Atrás de palavras escondidas
Nas entrelinhas do horizonte
Desta highway (?)
Silenciosa highway

Eu vejo o horizonte trêmulo
Tenho olhos úmidos
Eu posso estar completamente enganado

Posso estar correndo pro lado errado
Mas a dúvida é o preço da pureza
É inútil ter certeza
Eu vejo as placas dizendo "não corra"
Não morra, não fume
Eu vejo as placas cortando o horizonte
Elas parecem facas de dois gumes
Minha vida é tão confusa quanto a América Central
Por isso não me acuse de ser irracional
Escute, garota, façamos um trato
Você desliga o telefone e eu fico muito abstrato
Eu posso ser um beatle
Um beatnik ou um bitolado
Mas eu não sou ator
Eu não tô à toa do teu lado
Por isso, garota, façamos um pacto
de não usar a highway pra causar impacto.
110,120,160.
Só pra ver até quando o motor aguenta.
Atrás de palavras um chiclé de menta
e a sombra do sorriso que eu deixei,
na silenciosa highway

Música Urbana

Capital Inicial

Contra todos
E contra ninguém
O vento quase sempre
Nunca tanto diz
Estou só esperando
O que vai acontecer...
Eu tenho pedras

Nos sapatos
Onde os carros
Estão estacionados
Andando por ruas
Quase escuras
Os carros passam...
Contra todos
E contra ninguém
O vento quase sempre
Nunca tanto diz
Estou só esperando
O que vai acontecer...
Eu tenho pedras
Nos sapatos
Onde os carros
Estão estacionados
Andando por ruas
Quase escuras
Os carros passam...
As ruas tem cheiro
De gasolina e óleo diesel
Por toda a plataforma
Toda plataforma
toda a plataforma
Você não vê a torre...
Tudo errado, mas tudo bem
Tudo quase sempre
Como eu sempre quis
Sai da minha frente
Que agora eu quero ver...
Não me importam os seus atos
Eu não sou mais um desesperado
Se ando por ruas quase escuras
As ruas passam....

Tudo errado mas tudo bem
Tudo quase sempre
Como eu sempre quis
Sai da minha frente
Que agora eu quero ver...
Não me importam os seus atos
Eu não sou mais um desesperado
Se ando por ruas quase escuras
As ruas passam...
As ruas tem cheiro
De gasolina e óleo diesel
Por toda a plataforma
Toda plataforma
toda a plataforma
Você não vê a torre...
Oh, oh, oh, oh, oh...

O Tempo Não Para Cazuza

Disparo contra o sol
sou forte sou por acaso
minha metralhadora cheia de mágoas
eu sou o cara
cansado de correr
na direção contrária
sem pódio de chegada
ou beijo de namorada
eu sou mais um cara

Mas se você achar que tô derrotado
saiba que ainda estou rolando os dados
por que o tempo
o tempo não para

dias sim, dias não
eu vou sobrevivendo sem um arranhão
na caridade de quem me detesta

a tua piscina esta cheia de ratos
tuas ideias não correspondem aos fatos
o tempo não para
eu vejo um futuro repete o passado
eu vejo um museu de grandes novidades
o tempo não para
não para não não para

eu não tenho data pra comemorar
às vezes os maus dias são de par em par
procurando agulha no palheiro
nas noites de frio é melhor nem nascer
nas de calor se escolhe é matar ou morrer
e assim nos tornamos brasileiros

te chamam de ladrão de bicha maconheiro
transformam um pais inteiro num puteiro
pois assim se ganha mais dinheiro

a tua piscina esta cheia de ratos
tuas ideias não correspondem aos fatos
o tempo não para
eu vejo um futuro repete o passado
eu vejo um museu de grandes novidades
o tempo não para
não para não não para

Pro Dia Nascer Feliz

Barão Vermelho

Todo dia a insônia
Me convence que o céu
Faz tudo ficar infinito

E que a solidão
É pretensão de quem fica
Escondido fazendo fita

Todo dia tem a hora da sessão coruja
Hum, só entende quem namora
Agora "vambora"

Estamos bem por um triz
Pro dia nascer feliz
Hum, pro dia nascer feliz
O mundo acordar
E a gente dormir, dormir

Pra o dia nascer feliz
Ah, essa é a vida que eu quis
O mundo inteiro acordar
E a gente dormir...

Todo dia é dia
E tudo em nome do amor
Ah, essa é a vida que eu quis

Procurando vaga
Uma hora aqui, a outra ali
No vaivém dos teus quadris

Nadando contra a corrente
Só pra exercitar
Todo o músculo que sente

Me dê de presente o teu bis
Pro dia nascer feliz
É, pro dia nascer feliz
O mundo inteiro acordar
E a gente dormir, dormir

Pro dia nascer feliz
É, pro dia nascer feliz
O mundo inteiro acordar
E a gente dormir, dormir

Oh oh oh oh
Oh oh oh oh
Oh oh oh oooh...

Todo dia é dia
E tudo em nome do amor
Essa é a vida que eu quis

Procurando vaga
Uma hora aqui, a outra ali
No vaivém dos teus quadris

Nadando contra a corrente
Só pra exercitar
Todo o músculo que sente

Me dê de presente o teu bis
Pro dia nascer feliz

Pro dia nascer feliz
Hum, o mundo inteiro acordar
E a gente dormir, dormir

Pro dia nascer feliz
Ah, essa é a vida que eu quis
O mundo inteiro acordar
E a gente dormir, yeah!

Êêê... ahhh... uh uh uh...

Tédio **Biquini Cavado**

Sabe esses dias em que horas dizem nada
E você nem troca o pijama, preferia estar na cama
Um dia, a monotonia tomou conta de mim
É o tédio , cortando os meus programas, esperando o meu fim
Sentado no meu quarto
O tempo voa
Lá fora a vida passa
E eu aqui a toa
Eu já tentei de tudo
Mas não tenho remédio
Pra livrar-me deste tédio

Vejo um programa que não me satisfaz
Leio o jornal que é de ontem , pois pra mim , tanto faz
Já tive esse problema, sei que o tédio é sempre assim
Se tudo piorar, não sei do que sou capaz (repete desde início)

Tédio, não tenho um programa
Tédio , esse é o meu drama

O que corrói é o tédio
Um dia, eu fico sério
Me atiro deste prédio.
Intr.:

Sabe esses dias em que horas dizem nada
E você nem troca o pijama, preferia estar na cama
O dia , a monotonia tomou conta de mim
É o tédio , cortando os meus programas, esperando o meu fim
Sentado no meu quarto
O tempo voa
Lá fora a vida passa
E eu aqui a toa
Eu já tentei de tudo
Mas não tenho remédio
Pra livrar-me deste tédio

Vejo um programa que não me satisfaz
Leio o jornal que é de ontem , pois pra mim , tanto faz
Já tive esse problema, sei que o tédio é sempre assim
Se tudo piorar, não sei do que sou capaz (repete desde início)

Tédio, não tenho um programa
Tédio , esse é o meu drama
O que corrói é o tédio
Um dia, eu fico sério
Me atiro deste prédio.

Epitáfio Titãs

Devia ter amado mais, ter chorado mais
Ter visto o sol nascer

Devia ter arriscado mais e até errado mais
Ter feito o que eu queria fazer
Queria ter aceitado as pessoas como elas são
Cada um sabe a alegria e a dor que traz no coração

O acaso vai me proteger
Enquanto eu andar distraído
O acaso vai me proteger
Enquanto eu andar

Devia ter complicado menos, trabalhado menos
Ter visto o sol se pôr
Devia ter me importado menos com problemas pequenos
Ter morrido de amor
Queria ter aceitado a vida como ela é
A cada um cabe alegrias e a tristeza que vier

O acaso vai me proteger
Enquanto eu andar distraído
O acaso vai me proteger
Enquanto eu andar...

Devia ter complicado menos
Trabalhado menos

Um Minuto Para o Fim Do Mundo

CPM 22

Me sinto só,
Mas quem é que nunca se sentiu assim
Procurando um caminho pra seguir,
Uma direção (respostas)
Um minuto para o fim do mundo,

Toda sua vida em 60 segundos
Uma volta no ponteiro do relógio pra viver
O tempo corre contra mim, sempre foi assim e sempre vai ser
Vivendo apenas pra vencer a falta que me faz você
De olhos fechados eu tento esconder a dor agora
Por favor entenda, eu preciso ir embora porque
Quando estou com você
Sinto meu mundo acabar,
Perco o chão sob os meus pés
Me falta o ar pra respirar
E só de pensar em te perder por um segundo,
Eu sei que isso é o fim do mundo
Volto o relógio para trás tentando adiar o fim,
tentando esconder o medo de te perder quando me
sinto assim
De olhos fechados eu tento enganar meu coração
Fugir pra outro lugar em uma outra direção porque
Quando estou com você
Sinto meu mundo acabar,
Perco o chão sob os meus pés
Me falta o ar pra respirar
E só de pensar em te perder por um segundo,
Eu sei que isso é o fim do mundo

Vou deixar **Skank**

Vou deixar a vida me levar
pra onde ela quiser
estou no meu lugar
você já sabe onde é
é, não conte o tempo por nós dois
pois a qualquer hora posso estar de volta

depois que a noite terminar

vou deixar a vida me levar
pra onde ela quiser
seguir a direção
de uma estrela qualquer
é, não quero hora pra voltar, não
conheço bem a solidão, me solta
e deixa a sorte me buscar

eu já estou na sua estrada
sozinho não enxergo nada
mas vou ficar aqui
até que o dia amanheça
vou me esquecer de mim
e você, se puder, não me esqueça

vou deixar o coração bater
na madrugada sem fim
deixar o sol te ver
ajoelhada por mim, sim
não tenho hora pra voltar, não
eu agradeço tanto a sua escolta
mas deixa a noite terminar

não, não, não quero hora pra voltar, não
conheço bem a solidão, me solta
e deixa a sorte me buscar
não, não, não tenho hora pra voltar, não
eu agradeço tanto a sua escolta
mas deixa a noite terminar

Inútil**Compositor e intérprete: Biquini Cavado**

A gente não sabemos
Escolher presidente
A gente não sabemos
Tomar conta da gente
A gente não sabemos
Nem escovar os dente
Tem gringo pensando
Que nós é indigente...

Inútil!

A gente somos inútil!

Inútil!

A gente somos inútil!

A gente faz carro
E não sabe guiar
A gente faz trilho
E não tem trem prá botar
A gente faz filho
E não consegue criar
A gente pede grana
E não consegue pagar...

Inútil!

A gente somos inútil!

Inútil!

A gente somos inútil!

Inútil!

A gente somos inútil!

Inútil!

A gente somos inútil!

Inútil!

A gente somos inútil!

Inútil!

A gente somos inútil!

A gente faz música

E não consegue gravar

A gente escreve livro

E não consegue publicar

A gente escreve peça

E não consegue encenar

A gente joga bola

E não consegue ganhar...

Inútil!

A gente somos inútil!

Inútil!

A gente somos inútil!

Inútil!

Inútil!

Inútil!

Inú! Inú! Inú...

1977

Legião Urbana

Todos os dias quando acordo de manhã

Não tenho mais o tempo do dia que passou

Mas tenho muito tempo

Para acabar com essa indecisão

Espero sinceridade e perigo

Todos os dias tento chegar em algum lugar

Só pra depois dizer que não quero ficar lá

Não é coincidência

Essa minha indiferença
É que está me faltando motivo
Responsabilidade me deixa sem saber
Qual é a interferência
Ou como deve ser

Todos os dias quando eu deito pra dormir
Fico pensando em todas as coisas que eu não fiz
Só não penso no futuro
Sempre com uma leve preocupação
Se não lembrar qual foi o aviso

Todos os dias quando eu tento esquecer
Todas as coisas que eu não quero mais fazer
É só inconstância
O tempo continua com a oscilação
E eu não consigo ficar indeciso
Pontos de referência
Perdi meu referencial
E quase como sempre não foi proposital

1977

Começaram a brincar com eletricidade

1977

Quero ficar na cidade ou não

1977

Quero ficar na cidade ou não

OooOoOoo...

Como Uma Onda Legião Urbana

Nada do que foi será
De novo do jeito que já foi um dia

Tudo passa
Tudo sempre passará

A vida vem em ondas
Como um mar
Num indo e vindo infinito

Tudo que se vê não é
Igual ao que a gente
Viu há um segundo
Tudo muda o tempo todo
No mundo

Não adianta fugir
Nem mentir
Pra si mesmo agora
Há tanta vida lá fora
Aqui dentro sempre
Como uma onda no mar
Como uma onda no mar
Como uma onda no mar

Nada do que foi será
De novo do jeito
Que já foi um dia
Tudo passa
Tudo sempre passará

A vida vem em ondas
Como um mar
Num indo e vindo infinito

Tudo que se vê não é
Igual ao que a gente
Viu há um segundo

Tudo muda o tempo todo
No mundo

Não adianta fugir
Nem mentir pra si mesmo agora
Há tanta vida lá fora
Aqui dentro sempre

Como uma onda no mar
Como uma onda no mar
Como uma onda no mar
Como uma onda no mar
Como uma onda no mar

Fátima Legião Urbana

Vocês esperam uma intervenção divina
Mas não sabem que o tempo agora está contra vocês
Vocês se perdem no meio de tanto medo
De não conseguir dinheiro pra comprar sem se vender
E vocês armam seus esquemas ilusórios
Continuam só fingindo que o mundo ninguém fez
Mas acontece que tudo tem começo
Se começa um dia acaba, eu tenho pena de vocês

E as ameaças de ataque nuclear
Bombas de nêutrons não foi Deus quem fez
Alguém, alguém um dia vai se vingar
Vocês são vermes, pensam que são reis
Não quero ser como vocês
Eu não preciso mais
Eu já sei o que eu tenho que saber
E agora tanto faz

Três crianças sem dinheiro e sem moral
Não ouviram a voz suave que era uma lágrima
E se esqueceram de avisar pra todo mundo
Ela talvez tivesse um nome e era: Fátima
E de repente o vinho virou água
E a ferida não cicatrizou
E o limpo se sujou
E no terceiro dia ninguém ressuscitou

Pais e Filhos

Legião Urbana

Estátuas e cofres e paredes pintadas
Ninguém sabe o que aconteceu.
Ela se jogou da janela do quinto andar
Nada é fácil de entender.

Dorme agora,
é só o vento lá fora.

Quero colo! Vou fugir de casa!
Posso dormir aqui com vocês?
Estou com medo, tive um pesadelo
Só vou voltar depois das três.

Meu filho vai ter nome de santo
Quero o nome mais bonito.

É preciso amar as pessoas
Como se não houvesse amanhã
Porque se você parar pra pensar
Na verdade não há.

Me diz, por que que o céu é azul?
Explica a grande fúria do mundo

São meus filhos
Que tomam conta de mim.

Eu moro com a minha mãe
Mas meu pai vem me visitar
Eu moro na rua, não tenho ninguém
Eu moro em qualquer lugar.

Já morei em tanta casa
Que nem me lembro mais
Eu moro com os meus pais.

É preciso amar as pessoas
Como se não houvesse amanhã
Porque se você parar pra pensar
Na verdade não há.

Sou uma gota d'água,
sou um grão de areia
Você me diz que seus pais não te entendem,
Mas você não entende seus pais.

Você culpa seus pais por tudo, isso é absurdo
São crianças como você
O que você vai ser,
Quando você crescer?

Mais Uma Vez Legião Urbana

Mas é claro que o sol
Vai voltar amanhã
Mais uma vez, eu sei...
Escuridão já vi pior
De endoidecer gente sã

Espera que o sol já vem...
Tem gente que está
Do mesmo lado que você
Mas deveria estar do lado de lá
Tem gente que machuca os outros
Tem gente que não sabe amar...
Tem gente enganando a gente
Veja nossa vida como está
Mas eu sei que um dia
A gente aprende
Se você quiser alguém
Em quem confiar
Confie em si mesmo...
Quem acredita
Sempre alcança...
Mas é claro que o sol
Vai voltar amanhã
Mais uma vez, eu sei...
Escuridão já vi pior
De endoidecer gente sã
Espera que o sol já vem...
Nunca deixe que lhe digam:
Que não vale a pena
Acreditar no sonho que se tem
Ou que seus planos
Nunca vão dar certo
Ou que você nunca
Vai ser alguém...
Tem gente que machuca os outros
Tem gente que não sabe amar
Mas eu sei que um dia
A gente aprende
Se você quiser alguém
Em quem confiar

Confie em si mesmo!...

Quem acredita

Sempre alcança...(7x)

Só Por Hoje

Compositor: Dado Villa-Lobos e Renato Russo

Legião Urbana

Só por hoje eu não quero mais chorar

Só por hoje eu espero conseguir

Aceitar o que passou o que virá

Só por hoje vou me lembrar que sou feliz

Hoje já sei que sou tudo que preciso ser

Não preciso me desculpar e nem te convencer

O mundo é radical

Não sei onde estou indo

Só sei que não estou perdido

Aprendi a viver um dia de cada vez

Só por hoje eu não vou me machucar

Só por hoje eu não quero me esquecer

Que há algumas pouco vinte quatro horas

Quase joguei a minha vida inteira fora

Não não não não

Viver é uma dádiva fatal!

No fim das contas ninguém sai vivo daqui mas -

Vamos com calma !

Só por hoje eu não quero mais chorar

Só por hoje eu não vou me destruir

Posso até ficar triste se eu quiser

É só por hoje, ao menos isso eu aprendi

Yeah!

Tempo Perdido Legião Urbana

Todos os dias quando acordo
Não tenho mais
O tempo que passou
Mas tenho muito tempo
Temos todo o tempo do mundo...

Todos os dias
Antes de dormir
Lembro e esqueço
Como foi o dia
Sempre em frente
Não temos tempo a perder...

Nosso suor sagrado
É bem mais belo
Que esse sangue amargo
E tão sério
E Selvagem! Selvagem!
Selvagem!...

Veja o sol
Dessa manhã tão cinza
A tempestade que chega
É da cor dos teus olhos
Castanhos...

Então me abraça forte
E diz mais uma vez
Que já estamos
Distantes de tudo

Temos nosso próprio tempo
Temos nosso próprio tempo
Temos nosso próprio tempo...

Não tenho medo do escuro
Mas deixe as luzes
Acesas agora
O que foi escondido
É o que se escondeu
E o que foi prometido
Ninguém prometeu
Nem foi tempo perdido
Somos tão jovens...

Tão Jovens! Tão Jovens!...

A estrada

Titãs

Estou na estrada
Ou a estrada é que está em mim
Tenho pressa
Será que a estrada é que não tem fim

Em cada curva uma vontade
Em cada reta uma ilusão
Se eu queria uma resposta
Só encontro interrogação

O tempo passa
Ou será que quem passou fui eu
Vou em frente
Não conheço outra direção

Se estou sozinho não é meu destino
Se estou perdido sinto a solidão
Se estou sozinho não é por acaso
Se estou perdido entrei na contramão

Ela não acaba
Quando chego em casa

Estou na estrada
Ou essa estrada passa onde estou
Tenho pressa
Não interessa até aonde eu vou

O tempo passa
Ou foi o vento que passou então
Vou em frente
Aonde foi que eu perdi o chão

A Melhor Forma

Titãs

A melhor forma de esquecer
É dar tempo ao tempo
A melhor forma de curar o vício
É no início
A melhor forma de escolher
É provar o gosto
A melhor forma de chorar
É cobrindo o rosto
Evitar as rugas
É não olhar no espelho
Esvaziar o revólver
É puxar o gatilho
A melhor forma de esconder as lágrimas

É na escuridão
 A melhor forma de enxergar no escuro
 É com as mãos
 As ideias estão no chão
 Você tropeça e acha a solução
 Acabar com a dor
 É tomar um analgésico
 Matar a saudade
 É não olhar pra trás
 A melhor forma de manter-se jovem
 É esconder a idade
 A melhor forma de fugir
 É a toda velocidade
 As ideias estão no chão

AA UU

Titãs

AA! UU! AA! UU!

AA! UU! AA! UU!

Estou ficando louco

De tanto pensar

Estou ficando rouco

De tanto gritar...(2x)

AA! UU! AA! UU!

AA! UU! AA! UU!

Eu como, eu durmo

Eu durmo, eu como

Eu como, eu durmo
Eu durmo, eu como...

Está na hora de acordar
Está na hora de deitar
Está na hora de almoçar
Está na hora de jantar...(2x)

AAAAAAAAAAAAAAAAAAAAA!

AA! UU! AA! UU!

AA! UU! AA! UU!

AA! UU! AA! UU!

AA! UU! AA! UU!

Estou ficando cego
De tanto enxergar
Estou ficando surdo
De tanto escutar...(2x)

AA! UU! AA! UU!

AA! UU! AA! UU!

Não como, não durmo
Não durmo, não como
Não como, não durmo
Não durmo, não como...

Está na hora de acordar
Está na hora de deitar
Está na hora de almoçar
Está na hora de jantar...(2x)

AA! UU! AA! UU!

AA! UU! AA! UU!

Agora

Titãs

Agora que a agora é nunca
Agora posso recuar
Agora sinto minha tumba
Agora o peito a retumbar
Agora a última resposta
Agora quartos de hospitais
Agora abrem uma porta
Agora não se chora mais
Agora a chuva evapora
Agora ainda não choveu
Agora tenho mais memória
Agora tenho o que foi meu
Agora passa a paisagem
Agora não me desperdi
Agora compro uma passagem
Agora ainda estou daqui
Agora sinto muita sede
Agora já é madrugada
Agora diante da parede
Agora falta uma palavra
Agora o vento no cabelo
Agora toda minha roupa
Agora volta pro novelo
Agora a língua em minha boca
Agora meu avô já vive
Agora meu filho nasceu
Agora o filho que não tive
Agora a criança sou eu
Agora sinto um gosto doce
Agora vejo a cor azul
Agora a mão de quem me trouxe

Agora é só meu corpo nu
Agora eu nasço lá de fora
Agora minha mãe é o ar
Agora eu vivo na barriga
Agora eu brigo pra voltar
Agora...

Aluga-se

Titãs

A solução pro nosso povo
Eu vou dá
Negócio bom assim
Ninguém nunca viu
Tá tudo pronto aqui
É só vim pegar
A solução é alugar o Brasil!...

Nós não vamos pagar nada
Lalalalá!
Nós não vamos pagar nada
É tudo free!
Tá na hora agora é free
Vamo embora
Dá lugar pros gringo entrar
Que esse imóvel tá prá alugar
Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!...

Os estrangeiros
Eu sei que eles vão gostar
Tem o Atlântico
Tem vista pro mar
A Amazônia
É o jardim do quintal

E o dólar deles
Paga o nosso mingau...

Nós não vamos pagar nada
Lalalalá!
Nós não vamos pagar nada
É tudo free!
Tá na hora agora é free
Vamo embora
Dá lugar pros gringo entrar
Que esse imóvel tá prá alugar
Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!...

A solução pro nosso povo
Eu vou dá
Negócio bom assim
Ninguém nunca viu
Tá tudo pronto aqui
É só vim pegar
A solução é alugar o Brasil!...

Nós não vamos pagar nada
Lalalalá!
Nós não vamos pagar nada
É tudo free!
Tá na hora agora é free
Vamo embora
Dá lugar pros gringo entrar
Que esse imóvel tá prá alugar
Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!...

Os estrangeiros
Eu sei que eles vão gostar
Tem o Atlântico
Tem vista pro mar

A Amazônia
É o jardim do quintal
E o dólar deles
Paga o nosso mingau...

Nós não vamos pagar nada
Lalalalá!
Nós não vamos pagar nada
É tudo free!
Tá na hora agora é free
Vamo embora
Dá lugar pros gringo entrar
Que esse imóvel tá prá alugar
Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!...(2x)

Amanhã Não Se Sabe

Titãs

Como as folhas com o vento
até onde vai dar o firmamento
toda hora enquanto é tempo
vivo aqui este momento

hoje aqui amanhã não se sabe
vivo agora antes que o dia acabe
este instante nunca é tarde
mal começou eu já estou com saudades

me abraça, me aceita
me aceita assim meu amor
me abraça, me beija
me aceita assim como eu sou
e deixa ser o que for

como as ondas com a maré
até onde não vai dar mais pé
este instante tal qual é
vivo aqui e seja o que Deus quiser

hoje aqui não importa pra onde vamos
vivo agora não tenho outros planos
e é tão fácil viver sonhando
enquanto isso a vida vai passando

Armas Pra Lutar

Titãs

Por que?
Pra que?
Em que
Devo acreditar?
Viver
Sem armas pra lutar.
Não crer,
Não ser,
Não ter
Armas pra lutar.
Não preciso ser alguém,
Eu consigo viver sem
Armas pra lutar.
Prosseguir desarmado,
Suportar desarmado,
Desarmado, sem armas pra lutar.

Autonomia

Titãs

O que eu queria, o que eu
sempre queria

Era conquistar a minha
autonomia

O que eu queria, o que eu
sempre quis

Era ser dono do meu nariz

Os pais são todos iguais

Prendem seus filhos na jaula

Os professores com seus l pis
cores

Te prendem na sala de aula

O que eu queria, o que eu
sempre queria

Era conquistar a minha
autonomia

O que eu queria, o que eu
sempre quis

Era ser dono do meu nariz

Ia pra rua, mamãe atrás s

Ela não me deixava em paz

Não aguentava o grupo escolar

Nem a prisão domiciliar

O que eu queria, o que eu
sempre queria

Era conquistar a minha
autonomia

O que eu queria, o que eu
sempre quis

Era ser dono do meu nariz
Mas o tempo foi passando
então eu caí numa outra
armadilha
Me tornei prisioneiro da minha
própria família
Arranjei um emprego de
professor

Vejo os meus filhos, Não sei
mais onde estou
O que eu queria, o que eu
sempre queria
Era conquistar a minha
autonomia
O que eu queria, o que eu
sempre quis
Era ser dono do meu nariz

Os pais São todos iguais
Prendem seus filhos na jaula
Os professores com seus l pis
cores
Te prendem na sala de aula
O que eu queria, o que eu
sempre queria
Era conquistar a minha
autonomia
O que eu queria, o que eu
sempre quis
Era ser dono do meu nariz
Ia pra rua, Mamãe atrás s
Ela não me deixava em paz
não aguentava o grupo escolar

Nem a prisão domiciliar
O que eu queria, o que eu
sempre queria
Era conquistar a minha
autonomia
O que eu queria, o que eu
sempre quis
Era ser dono do meu nariz
Mas o tempo foi passando
então eu caí numa outra
armadilha
Me tornei prisioneiro da minha
própria família
Arranjei um emprego de
professor
Vejo os meus filhos, não sei

Bananas

Titãs

Yes, nós temos pierrôs
O arco de Oxossi nas mãos do Cristo Redentor
Temos ioiô e iaiá
Minha terra tem palmares onde gorjeia o mar
Yes, nós somos o carnaval
Temos o corpo blindado, não tem nada igual
Temos a Carmem Miranda
Temos café e também temos o samba

Yes, nós temos o amanhã
A Virgem Maria sem culpa, e sem sutiã
Yes, nós temos a lua
Quadra de tênis e meninos de rua
Yes, nós somos mulatas

Temos loirinhas, rios e matas
 Aqui sempre dá o que quer que se plante
 Temos roleta-russa e roda gigante e a bossa nova

Temos bananas, temos bananas
 E temos o sol pra rasgar nossas retinas
 Temos bananas, temos bananas
 E temos o céu pra agradar nossas meninas

"A minha esperança é um sol que brilha mais
 Este sol iluminará nossos passos
 Pela harmonia universal dos infernos
 Chegaremos a uma civilização"

Temos bananas, temos bananas
 E temos o sol pra rasgar nossas retinas
 Temos bananas, temos bananas
 E temos o céu pra exorcizar nossa ruína

Brasileiro

Titãs

Sonhe com os anjos
 Pague seus pecados
 Conte com a sorte
 Jogue nos cavalos
 Fale português
 Troque de canal
 Peça de joelhos
 Pule o carnaval
 Brasileiro
 Brasileiro
 Faça sua cabeça
 Venda ao ferro velho

Confie em mais ninguém
Leia o evangelho
Cuide dos seus dentes
Jogue futebol
Queime sua pele
Debaixo do sol
Brasileiro
Brasileiro

Caras Como Eu

Titãs

Caras como eu
Estão ficando raros
Como cabelos ralos
Que se partem e caem pelo chão

Caras como eu
Estão tirando o pé
Andando em marcha-ré
Com medo de entrar na contramão

Como trens do interior
Que não chegam no horário
Como velhos elefantes
Que morrem solitários

Caras como eu
Estão ficando chatos
Como solas de sapatos
Que se gastam
Com o passar do tempo

Não vou mais medir o tempo
Não vou mais contar as horas
Vou me entregar ao momento
Não vou mais tentar matar o tempo

Como palavras de amor
Que não se guardam em disquetes
Como segredos sem valor
Que a gente nunca esquece

Caras como eu
Estão ficando velhos
Calçando os seus chinelos
Concluindo que não há mais tempo

Não vou mais medir o tempo
Não vou mais contar as horas
Vou me entregar ao momento
Não vou mais tentar matar o tempo

Não vou mais medir o tempo
Não vou mais contar as horas
Vou me entregar ao momento
Não vou mais tentar matar o tempo

Comida

Titãs

Bebida é água!
Comida é pasto!
Você tem sede de que?
Você tem fome de que?...

A gente não quer só comida
A gente quer comida
Diversão e arte
A gente não quer só comida
A gente quer saída
Para qualquer parte...

A gente não quer só comida
A gente quer bebida
Diversão, balé
A gente não quer só comida
A gente quer a vida
Como a vida quer...

Bebida é água!
Comida é pasto!
Você tem sede de que?
Você tem fome de que?...

A gente não quer só comer
A gente quer comer
E quer fazer amor
A gente não quer só comer
A gente quer prazer
Prá aliviar a dor...

A gente não quer
Só dinheiro
A gente quer dinheiro
E felicidade
A gente não quer
Só dinheiro
A gente quer inteiro
E não pela metade...

Bebida é água!
Comida é pasto!
Você tem sede de que?
Você tem fome de que?...

A gente não quer só comida
A gente quer comida
Diversão e arte
A gente não quer só comida
A gente quer saída
Para qualquer parte...

A gente não quer só comida
A gente quer bebida
Diversão, balé
A gente não quer só comida
A gente quer a vida
Como a vida quer...

A gente não quer só comer
A gente quer comer
E quer fazer amor
A gente não quer só comer
A gente quer prazer
Prá aliviar a dor...

A gente não quer
Só dinheiro
A gente quer dinheiro
E felicidade
A gente não quer
Só dinheiro
A gente quer inteiro
E não pela metade...

Diversão e arte
 Para qualquer parte
 Diversão, balé
 Como a vida quer
 Desejo, necessidade, vontade
 Necessidade, desejo, eh!
 Necessidade, vontade, eh!
 Necessidade...

Daqui Pra Lá

Titãs

O futuro é hoje, cabe na mão, 4x

Era um pacato cidadão, sem documento,
 Não tinha nome, profissão, não teve tempo, 2x

Mas certo dia deu-se um caso e ele embarcou num disco
 E foi levado pra bem longe do asterisco em que vivemos
 Ele partiu e não voltou e não voltou porque não quis
 Quero dizer ficou por lá, já que por lá se é mais feliz
 E um espaçograma ele enviou, Pra quem quisesse compreender
 Mas ninguém nunca decifrou o que ele nos mandou dizer

O futuro é hoje, cabe na mão, 4x

Era um pacato cidadão, sem documento,
 Não tinha nome, profissão, não teve tempo, 2x

VietVistaVisão
 Para azar de quem não sabe e não crê
 Que sempre pode a sorte escolher
 E enterrar qualquer estrela no chão

VietVistaVisão

Terramarear Atenção

Fica a morte por medida

Fica a vida por prisão

Desemprego

Titãs

Não sei se tenho medo

Não sei se tenho medo

Trabalho o tempo inteiro

Estou procurando emprego

E é mais um aumento

Não tenho mais dinheiro

Atraso o aluguel

Não compro alimento

Não sei se tenho medo

Não sei se tenho medo

Só este desespero

Esqueço quando bebo

Quem vai ter decidido

Quem vai dançar primeiro

E o pouco que recebo

É uma metade pelo meio

Não sei se tenho medo

Não sei se tenho medo

Só este desespero

Esqueço quando bebo

E é mais um aumento

Não tenho mais dinheiro

Atraso o aluguel

Não compro alimento

Desordem

Titãs

Os presos fogem do presídio,
Imagens na televisão.
Mais uma briga de torcidas,
Acaba tudo em confusão.
A multidão enfurecida
Queimou os carros da polícia.
Os presos fogem do controle,
Mas que loucura esta nação!
Não é tentar o suicídio
Querer andar na contramão?

Quem quer manter a ordem?
Quem quer criar desordem?

Não sei se existe mais justiça,
Nem quando é pelas próprias mãos.
População enlouquecida,
Começa então o linchamento.
Não sei se tudo vai arder
Como algum líquido inflamável,
O que mais pode acontecer
Num país pobre e miserável?
E ainda pode se encontrar
Quem acredite no futuro...

Quem quer manter a ordem?
Quem quer criar desordem?

É seu dever manter a ordem?
É seu dever de cidadão?
Mas o que é criar desordem,

Quem é que diz o que é ou não?
São sempre os mesmos governantes,
Os mesmos que lucraram antes.
Os sindicatos fazem greve
Porque ninguém é consultado,
Pois tudo tem que virar óleo
Pra por na máquina do estado.

Quem quer manter a ordem?
Quem quer criar desordem?

Diversão

Titãs

A vida até parece uma festa,
Em certas horas isso é o que nos resta.
Não se esquece o preço que ela cobra,
Em certas horas isso é o que nos sobra.

Ficar frágil feito uma criança,
Só por medo ou por insegurança.
Ficar bem ou mal acompanhado,
Não importa se der tudo errado.

Às vezes qualquer um faz qualquer coisa
Por sexo, drogas e diversão.
Tudo isso às vezes só aumenta
A angústia e a insatisfação.

Às vezes qualquer um enche a cabeça de álcool
Atrás de distração.
Nada disso às vezes diminui
A dor e a solidão.

Tudo isso, às vezes tudo é fútil,
Ficar ébrio atrás de diversão.
Nada disso, às vezes nada importa,
Ficar sóbrio não é solução.

Diversão é solução sim,
Diversão é solução prá mim.
Diversão é solução sim,
Diversão é solução prá mim.
Diversão é solução sim,
Diversão é solução prá mim.
Diversão!
Diversão!

Enquanto Houver Sol

Titãs

Quando não houver saída
Quando não houver mais solução
Ainda há de haver saída
Nenhuma ideia vale uma vida...

Quando não houver esperança
Quando não restar nem ilusão
Ainda há de haver esperança
Em cada um de nós
Algo de uma criança...

Enquanto houver sol
Enquanto houver sol
Ainda haverá
Enquanto houver sol
Enquanto houver sol...

Quando não houver caminho
Mesmo sem amor, sem direção
A sós ninguém está sozinho
É caminhando
Que se faz o caminho...

Quando não houver desejo
Quando não restar nem mesmo dor
Ainda há de haver desejo
Em cada um de nós
Aonde Deus colocou...

Enquanto houver sol
Enquanto houver sol
Ainda haverá
Enquanto houver sol
Enquanto houver sol...(3x)

Go Back Titãs

Você me chama
Eu quero ir pro cinema
Você reclama
Meu coração não contenta
Você me ama
Mas de repente
A madrugada mudou
E certamente
Aquele trem já passou
Se passou, passou
Daqui pra melhor
Foi!

Só quero saber
Do que pode dar certo
Não tenho tempo a perder
Só quero saber
Do que pode dar certo
Não tenho tempo a perder...(2x)

Você me chama
Eu quero ir pro cinema
Você reclama
Meu coração não contenta
Você me ama
Mas de repente
A madrugada mudou
E certamente
Aquele trem já passou
Se passou, passou
Daqui pra melhor
Foi!

Só quero saber
Do que pode dar certo
Não tenho tempo a perder
Só quero saber
Do que pode dar certo
Não tenho tempo a perder...(2x)

-"Não é o meu país
É uma sombra que pende
Concreta
Do meu nariz em linha reta
Não é minha cidade
É um sistema que invento
Me transforma

E que acrescento
À minha idade
Nem é o nosso amor
É a memória que suja
A história que enferruja
O que passou
Não é você
Nem sou mais eu
Adeus meu bem
Adeus! Adeus!
Você mudou, mudei também
Adeus amor! Adeus!
E vem!"

Só quero saber
Do que pode dar certo
Não tenho tempo a perder
Só quero saber
Do que pode dar certo
Não tenho tempo a perder...(2x)

O Fácil é o Certo **Compositor e intérprete: Titãs**

Expire o ar que inspirar
Respire quando você respirar
Diga o que tem a dizer
Acaba sendo o que tinha que ser
Esqueça isso - tanto faz
Ande não olhe pra trás
Olhe por onde anda
Faça o que o coração manda
Diga como é que se sente
Levante-se siga em frente

Faça o que está fazendo
Não o que estou lhe dizendo
Use se quiser usar
Use depois de agitar
É proibido parar
Olhe antes de atravessar
O fácil é o certo, o certo é o fácil
O fácil é o certo
O fácil é o certo, o certo é o fácil
O fácil é o certo
O fácil é o certo, o fácil é fácil
O fácil é o certo
O fácil é o certo, o certo é certo
O fácil é o certo
Não importa o que você fez
Há sempre uma próxima vez
Não se perca, não pare
Escolha o menor dos males
Faça o que quer fazer
Aconteça o que acontecer
Tanto faz como se chama
Entregue-se ao que você ama
O fácil é o certo, o certo é o fácil
O fácil é o certo
O fácil é o certo, o certo é o fácil
O fácil é o certo
O fácil é o certo, o fácil é fácil
O fácil é o certo
O fácil é o certo, o certo é certo
O fácil é o certo

A frase "o fácil é o certo" é atribuída a Chung Tsu, pensador chinês do século III a.C.

Quanto tempo Titãs

Quanto tempo

Quanto tempo faz

Quanto tempo ficou pra trás

Esqueci de fazer a mala

Fechar a casa

Dizer agora eu vou embora

Eu não, não apaguei a luz

Não corri atrás

Não saí quando chegou a hora

Mas a hora chegou

E ninguém me avisou

O tempo passa tão depressa

Logo acaba, mal começa

Eu tenho pressa

Não vou olhar pra trás

Esqueci de olhar pra frente

Sair de repente

Andar até o fim da estrada

Eu não, não tomei coragem

Não segui viagem

Não vi que o tempo passava

Mas o tempo passou

E ninguém me avisou

Quem vai salvar você do mundo?

Titãs

Quem vai salvar o mundo de você?

Quem vai salvar você do mundo?

Quem vai livrar o mundo

De tantas certezas

Se nem a própria vida já não

Nos causa surpresa

Quem vai livrar o mundo

De tanto dar volta?

- Nem rumo certo ou norte

Por linhas tortas

Quem vai livrar o mundo

De ser e ser tantos

Se nem a própria morte já não

Nos causa espanto

Quem vai livrar o mundo

Das dores do mundo?

- Nem curso em linha reta

Nem passos sem rumo

Se não nos vemos nos outros

Se em nós os outros não se veem

Se a vida é para tão poucos

Se a vida é para mais ninguém

Rotina

Titãs

Acorda cedo para ir trabalhar

E o relógio de ponto a lhe observar

No lar esposa e filhos a lhe esperar

Sua cabeça dói, um dia vai estourar
Com essa rotina, rotina
Rotina, rotina
Sua cabeça dói, não consegue pensar
E as quatro paredes a lhe massacrar
Daria tudo pra ver o que acontece lá fora
Mesmo sabendo que não iria suportar
Essa rotina, rotina
Até quando ele vai aguentar?
Até quando ele vai aguentar?
No lar a sua esposa lhe serve o jantar
E os filhos brincam na sala de estar
Levanta da poltrona e liga a TV
Chegou a hora do programa começar
Rotina, rotina
O homem da TV lhe diz o que fazer
Lhe diz do que gostar, lhe diz como viver
Está chegando a hora de se desligar
A sua esposa lhe convida para o prazer
Rotina, rotina

Ser Estranho

Titãs

Sempre que eu acordo
Nunca me recordo
Do lugar onde eu estou

Hoje é um novo dia
Parece o mesmo dia
Igual ao dia que passou

Sempre que eu me deito
Nunca eu aproveito
Eu não sei adormecer

A noite é tão comprida
Eu penso em minha vida
Não consigo entender

O que aconteceu?
O que será que eu sou?

Eu sou essa coisa louca
Eu sou esse ser estranho
Eu sou esse cristo redentor

Eu sou essa santa ceia
Eu sou esse grão de areia
Eu sou esse caso de amor

Sempre que eu acordo
Nunca me recordo
Do lugar onde eu estou

Hoje é um novo dia
Parece o mesmo dia
Igual ao dia que passou

O que aconteceu?
O que será que eu sou?

Eu sou essa coisa louca
Eu sou esse ser estranho
Eu sou esse disco voador

Eu sou essa noite escura
Eu sou essa criatura
Eu sou esse filme de terror

O que aconteceu?
O que será que eu sou?

Eu sou essa coisa louca
Eu sou esse ser estranho
Eu sou esse cristo redentor

Eu sou essa santa ceia
Eu sou esse grão de areia
Eu sou esse caso de amor

Tempo Pra Gastar Titãs

Tenho tempo pra gastar
Tenho tempo pra passar a hora
Tenho tempo pra desperdiçar
Tenho tempo pra jogar fora
Tempo de sobra pra levar
O tempo que resta pra ir embora
Tempo de sobra pra esperar
O tempo que resta a partir de agora
Eu realmente não sei
Que horas são
Eu realmente não sei
Que horas são
Tem lugar de sobra até aonde posso ver
Tem espaço bastante pra se perder
Tem lugar de sobra até aonde posso enxergar
Tem espaço bastante pra ter que parar
Tenho o dia inteiro pra andar
Eu quero o dia todo pra andar sem direção
Tenho quatro paredes pra derrubar
Eu quero quatro paredes pra pôr no chão
Eu realmente não sei em que mês estamos
Eu realmente não sei qual é o dia do ano
Eu realmente não quero saber

Eu realmente não quero saber
Eu realmente não quero saber
Eu realmente não quero saber
Eu realmente não quero saber
Eu realmente não quero saber

Tudo Em Dia

Titãs

Vou comprar uma casa, vou ganhar dinheiro
Vou pensar no futuro, vou fazer um seguro
Vou ganhar o pão nosso de cada dia
Vou por tudo o que tenho na garantia
Vou ter conta no banco, vou trabalhar no escritório
Vou tomar um chope, vou tomar sorvete
Vou tomar remédio, que maravilha
Vou casar e constituir família
Vou andar de táxi, vou deixar o troco
Vou pagar os impostos, vou por os filhos na escola
Vou ser respeitado, vou engraxar o sapato
Vou botar o chinelo, vou sentar na poltrona
Vou jantar na melhor churrascaria
Vou pedalar domingo na ciclovia
Vou ter conta na mercearia
Vou gozar a aposentadoria
Vou ter cic, eleitor, reservistas, rg
Automóvel, tv
Crediário, poupança, carnê
Tudo em dia, tudo em dia
Tudo em dia, tudo em dia

Anexo 3

Quadro classificatório das letras das músicas que compõem o corpus de acordo com os perfis DVL, MDF e CCD.²⁴

Letras de samba	Letras de rock nacional	
Perfil DVL	Perfil MDF	Perfil CCD
Deixa a vida me levar (Zeca Pagodinho)	Até quando esperar (Plebe rude)	Como uma onda no mar (Lulu Santos)
Malandro é malandro, mané é mané (Diogo Nogueira)	O tempo não para (Cazuza)	Infinita Highway (Engenheiros do Hawaii)
Cantando eu aprendi (Arlindo Cruz)	Inútil (Biquini Cavado)	Música Urbana (Capital Inicial)
Entra no clima (Arlindo Cruz)	Fátima (Legião Urbana)	Pro dia nascer feliz (Barão Vermelho)
Malandro sou eu (Arlindo Cruz)	A estrada (Titãs)	Tédio (Biquini Cavado)
Meu lugar (Arlindo Cruz)	AA UU (Titãs)	Epitáfio (Titãs)
O tempo (Arlindo Cruz)	Agora (Titãs)	Vou deixar (Skank)
Receita da sorte (Arlindo Cruz)	Aluga-se (Titãs)	1977 (Legião Urbana)
Samba é a nossa cara (Arlindo Cruz)	Armas pra lutar (Titãs)	Pais e filhos (Legião Urbana)
Deus manda (Jorge Aragão)	Autonomia (Titãs)	Mais uma vez (Legião Urbana)
Disciplina (S. Meriti e F. Daiello)	Bananas (Titãs)	Tempo perdido (Legião Urbana)
A estrela azul (Disney)	Brasileiro (Titãs)	A melhor forma (Titãs)
As festas	Comida	Amanhã não se sabe

²⁴ Para a classificação das letras de música conforme os perfis DVL, MDF e CCD foi considerada a ocorrência, quando significativa, de indicativos dos comportamentos estudados.

(Anezio)	(Titãs)	(Titãs)	
Devagar, devagarinho (Eraldo Divagar)	Desemprego (Titãs)	Caras como eu (Titãs)	
Filosofia de vida (Martinho da Vila)	Desordem (Titãs)	Diversão (Titãs)	
Canta canta, minha gente (Martinho da Vila)	Rotina (Titãs)	Só por hoje (Dado Villa-Lobos e Renato Russo)	
Filosofia (Noel Rosa)	Ser estranho (Titãs)	Enquanto houver sol (Titãs)	
Na aba (Martinho da vila)	Tudo em dia (Titãs)	Go back (Titãs)	
Vou deixar pra amanhã (J. Nogueira, M. Tapajós e Aldir Blanc)	Quanto tempo (Titãs)	O fácil é o certo (Titãs)	